

# **O Estado Universal segundo Alexander Wendt: Utopia, Possibilidade ou Inevitabilidade?**

**Francisca Ramos Da Cruz Neves**

**Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais  
Área de Especialização em Relações Internacionais**

**Março, 2023**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, área de Especialização em Relações Internacionais, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Pedro Miguel Tereso de Magalhães.

## **Agradecimentos**

A dissertação não poderia ser concluído com sucesso sem o devido agradecimento a todos aqueles que contribuíram, de uma forma direta ou indireta.

Primeiramente, queria agradecer a Deus, por me ter ajudado chegar até aqui. Por me ter dado este sonho e por me ajudar a alcançar o mesmo. Quero agradecer ao meu orientador científico, Professor Doutor Pedro Miguel Tereso de Magalhães, por ter aceitado o meu pedido de orientação, por toda a disponibilidade, profissionalismo durante todo este processo.

Aos meus pais, estou eternamente agradecida por todos os ensinamentos que me foram transmitindo ao longo da minha vida. Infelizmente, o meu pai Joaquim Neves, partiu antes mesmo de me ver concluir este sonho. Contudo, não deixo de agradecer por tudo que fez na minha vida e por ter-me impulsionado a seguir em frente. Agradeço todo o apoio da minha querida família. Quero agradecer a minha mãe Teresa Neves por sempre acreditar em mim como ninguém mais fez.

Agradeço também ao resto da minha família, especialmente a minha Irmã Marlúcia Ramos por todo o apoio e pela amizade. Todas as minhas etapas, se tornam ainda mais especiais com o conforto da minha família e dos meus amigos.

Não obstante, à Universidade NOVA de Lisboa agradeço pela oportunidade de estudar minha maior paixão. Agradeço especialmente ao Departamento de Estudos Políticos da NOVA FCSH. À Portugal agradeço por me permitir fazer parte dessa sociedade. Estou pronto para contribuir para essa nação que me acolheu e me fez sentir em casa.

A Cabo-Verde agradeço por tudo, aos meus professores, amigos e colegas, agradeço pela cultura pela história que vivi pela família. É inquebrável a ligação com a minha Terra. Um muito obrigado a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para chegar na conclusão desta fase.

Queria agradecer a um grande sábio que no momento que pensei em desistir, aconselhou-me a seguir em frente e que desistir estava fora de opção. Que desistir é para os fracos e eu não sou fraca. Agradeço por este conselho e um profundo respeito e consideração.

## **O Estado Universal segundo Alexander Wendt: Utopia, Possibilidade ou Inevitabilidade?**

Francisca Ramos Da Cruz Neves

### **Resumo**

**PALAVRAS-CHAVE:** Estado Universal, Ciência Política, Teorias das Relações Internacionais, Comunidade de Segurança, Segurança Coletiva, Culturas da Anarquia, Lógica da Anarquia.

A presente dissertação, serve para finalizar a Componente Não Letiva do Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais (Área de Especialização em Relações Internacionais) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) e, consequentemente, para a obtenção do grau de Mestre do mesmo.

Partindo da questão “O Estado Universal segundo Alexander Wendt: Utopia, Possibilidade ou Inevitabilidade?” Procuramos responder se a visão de Wendt sobre Estado Universal é a mais correta. Se é uma visão utópica, como defende os adeptos da teoria realista; ou se é uma possibilidade e um caminho difícil a ser percorrido como afirma os defensores da teoria liberal; ou se realmente é uma inevitabilidade como defende Wendt na teoria social construtivista.

Pretendemos fazer uma ponte ligando a teoria social do construtivismo de Wendt com os principais vertentes das teorias das relações internacionais (realismo e liberalismo). Wendt, chama a atenção para a importância do contexto social em que estados se relacionam entre si, e introduz uma perspectiva idealista para as interações de estados e os interesses derivados dessa interação.

Apresentarei neste artigo, os principais argumentos da teoria social defendida por Wendt e da sua visão da inevitabilidade do Estado Universal. Como também os contra-argumentos da sua visão e o que isso representa para Sistema Político Internacional. Pretendemos responder as seguintes questões: Porque o Estado Universal é inevitável

segundo Wendt? Em que estágio de desenvolvimento do Estado Universal o sistema internacional se encontra atualmente? Pensar no Estado Universal é uma visão utópica, ou é uma possibilidade no futuro? Entre outras questões pertinentes para nossa investigação.

## **The Universal State according to Alexander Wendt: Utopia, Possibility or Inevitability?**

Francisca Ramos Da Cruz Neves

### **Abstract**

**KEYWORDS:** World State, Political Science, Theories of International Relations, Security Community, Collative Security, Cultures of Anarchy, Logic of Anarchy.

This Internship Report serves to finalize the Non-Teaching Component of the Master's degree in Political Science and International Relations (Field of Expertise in International Relations) at Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) and, consequently, to obtain the Master's degree.

Based on the question "The Universal State according to Alexander Wendt: Utopia, Possibility or Inevitability?" We try to answer if Wendt's view of the Universal State is the most correct. If it is a utopian vision, as defended by the supporters of the realistic theory; or if it is a possibility and a difficult path to be taken as affirmed by the defenders of liberal theory; or if it really is an inevitability as defended by Wendt in the social constructivist theory.

We intend to build a bridge linking Wendt's social theory of constructivism with the main strands of theories of international relations (realism and liberalism). Wendt draws attention to the importance of the social context in which states relate to one another, and introduces an idealist perspective to state interactions and the interests derived from that interaction.

In this article, I will present the main arguments of the social theory defended by Wendt and his vision of the inevitability of the Universal State. As well as the counter-arguments of his vision and what it represents for the international political system. We intend to answer the following questions: Why is the Universal State inevitable according to Wendt? What stage of development of the Universal State is the international system currently at? Thinking about the Universal State is a utopian vision, or is it a possibility in the future? Among other questions pertinent to our investigation.

## Lista de Abreviaturas

EUA - Estados Unidos da América

ONU - Organização das Nações Unidas

OSCE - Organização para a Segurança e Cooperação na Europa

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PCA - Acordos de Parceria e Cooperação

UE - União Europeia

URSS - União Soviética

RI - Relações Internacionais

NATO - Organização do Tratado do Atlântico Norte

G4 - Grupo dos Quatro

G7- Grupo dos Sete

TRI - Teoria das Relações Internacionais

CE - Comunidade Europeia

CSCE - Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa

WEU - União da Europa Ocidental

## Conteúdo

|  |    |
|--|----|
| <b>Introdução</b> .....  | 10 |
| <b>Apresentação do tema</b> .....  | 10 |
| <b>Problematização</b> .....   | 12 |
| <b>Estrutura</b> .....   | 14 |
| <b>1 Capítulo I - Teoria social do construtivismo</b> .....                                      | 15 |
| 1.1 Breve exposição do construtivismo de Alexander Wendt.....                                    | 15 |
| 1.2 O impacto do construtivismo social de Alexander Wendt na Política Internacional.....         | 16 |
| 1.3 As características distintivas do construtivismo em relação ao realismo e o liberalismo..... | 19 |
| <b>2 Capítulo II - Três culturas de anarquia segundo Alexande Wendt</b> .....                    | 23 |
| 2.1 A cultura Hobbesiana.....  | 24 |
| 2.2 Papel de inimizade no sistema internacional.....   | 25 |
| 2.2.1 A natureza da inimizade – A lógica “guerra de todos contra todos”......                    | 25 |
| 2.3 A cultura Lockeana.....  | 25 |
| 2.4 Papel de rivalidade no sistema internacional.....  | 26 |
| 2.5 A cultura Kantiana.....  | 27 |
| 2.6 Papel Amizade no sistema internacional.....  | 27 |
| 2.7 Caso de estudo- A invasão no Iraque e a divisão da comunidade transatlântica                 | 29 |
| 2.7.1 A invasão no Iraque e a divisão da comunidade transatlântica.....                          | 29 |
| 2.7.2 A divisão transatlântica e o papel de amizade (Cultura Kantiana) nas RI.                   | 31 |
| <b>3 Capítulo III - O Estado Universal segundo Alexander Wendt</b> .....                         | 38 |
| 3.1 Estágio Um: O Sistema de Estados.....  | 42 |
| 3.2 Estágio Dois: A Sociedade dos Estados.....   | 43 |
| 3.3 Estágio Três: Sociedade Mundial.....   | 44 |
| 3.4 Estágio Quatro: Segurança Coletiva.....  | 45 |
| 3.5 Estágio Cinco: O Estado Mundial.....   | 47 |
| <b>4 Capítulo IV - Estado universal: utopia, possibilidade ou inevitabilidade</b> .....          | 49 |
| 4.1 Estado universal de Wendt e o realismo - Visão Utópica.....                                  | 49 |
| 4.2 Uma possibilidade, mas muitos obstáculos: o caminho do institucionalismo liberal             | 60 |
| 4.3 Porque o Estado Universal é inevitável segundo Wendt?.....                                   | 66 |
| Anarquia ou hierarquia?.....   | 70 |

|          |  |     |
|----------|--|-----|
| <b>5</b> | <b>Capítulo V- Teoria social do construtivismo de Wendt e o sistema político internacional contemporâneo</b> ..... | 73  |
| 5.1      | Os Estados Unidos e União Europeia .....   | 73  |
| 5.2      | Estratégia de “offshore balancing” EUA .....   | 75  |
| 5.3      | Construtivismo e a questão de legitimidade.....  | 76  |
| 5.4      | A unipolaridade vai durar? .....   | 78  |
| 5.5      | Sistemas multipolares vs. Sistemas bipolares.....  | 80  |
| 5.5.1    | Potências emergentes: (“supporters”, “spoilers” or “shirkers”). .....  | 83  |
| 5.6      | China como o mais viável candidato a um desafio hegemônico .....   | 86  |
| 5.6.1    | Artes chinesas de resistência: ascensão e contestação dentro da Ordem. ....  | 87  |
| 5.7      | Os Estados Unidos e seus aliados - A OTAN .....  | 89  |
| 5.7.1    | Unipolaridade está terminando, terminou ou terminará em breve?.....  | 91  |
| 5.7.2    | A China pode se erguer pacificamente?.....   | 93  |
| 5.7.3    | Qual é a posição realista sobre como lidar com a ascensão da China?.....   | 95  |
| 5.8      | Invasão na Geórgia .....   | 96  |
| 5.8.1    | O conflito russo - georgiano (7-12 de agosto de 2008).....   | 96  |
| 5.8.2    | A formação política e militar da Rússia antes do conflito .....  | 97  |
| 5.8.3    | Resposta do Ocidente: UE e OTAN sobre a invasão a invasão da Geórgia .....   | 97  |
| 5.8.4    | Invasão na Ucrânia e o que isso representa para o Sistema Internacional contemporâneo .....                        | 99  |
| 5.8.5    | A aliança entre a Rússia e a China vai reforçar a aliança entre os Estados Unidos e a Europa .....                 | 103 |
| 5.9      | Nova ordem internacional e o Estado Universal de Wendt .....   | 106 |
| <b>6</b> | <b>Capítulo VI- Considerações Finais</b> .....   | 109 |
| 6.1      | Controvérsias no Construtivismo de Wendt e do Estado Universal.....  | 109 |
| 6.2      | Conclusão e discussão.....   | 115 |
| <b>7</b> | <b>Bibliografia</b> .....  | 118 |

## **Introdução**

### **Apresentação do tema**

O presente trabalho, insere-se no campo científico de Ciência Política, e subcampos das Relações Internacionais, e tem como tema geral o Sistema Político Internacional. A abordagem adotada focou-se, essencialmente, nas teorias das relações Internacionais. Nomeadamente na teoria construtivista defendida por Alexandre Wendt, em contraposto com autores de abordagem diferentes das teorias da RI.

O tema consiste, num debate teórico nas RI, em particular o contributo de Alexander Wendt relativo ao conceito de “Estado Universal”. A partir do conceito comum às teorias sistémicas das R.I – anarquia – pretende-se analisar, de forma comparativa, como as três teorias sistémicas – realismo, liberalismo e construtivismo – interpretam a ideia de ‘Estado Universal’, conforme proposto por Wendt.

A literatura tende a analisar o conceito de “Estado Mundial” como ideal, ou utópico, mas não estabelece relações analíticas com as restantes teorias sistémicas das R.I, que partilham conceitos com a proposta de Wendt.

Como é que a proposta de Alexander Wendt, de ‘Estado Universal’, inova face ao debate teórico relativo ao sistema internacional, quando comparada com os contributos das escolas realistas e liberais das relações internacionais? O Estado universal é inevitável, como defende Wendt? Está pergunta que suscita a nossa curiosidade para investigar e desenvolver o nosso trabalho de pesquisa.

Parte da análise do conceito de “Anarquia”, considerando as diferenças, entre teorias sistémicas, em relação à definição e forma de gestão dessa anarquia no sistema internacional; Analisa-se a proposta de “Estado Universal” de Wendt, bem como as suas etapas de evolução; confronta-se estas etapas com contributos das escolas realistas e liberais.

Pretende-se analisar, de forma comparativa, como as três teorias sistémicas interpretam a ideia, e etapas, de ‘Estado Universal’, e quais as semelhanças e diferenças entre os diferentes contributos.

Com um trabalho de pesquisa exploratória, descritiva e explicativa (debates teóricos), histórica e sociológica, pretende-se construir uma ponte entre as principais teorias sistémicas das Relações Internacionais, em torno do conceito de “Estado Universal”, conforme proposto por Wendt.

A Anarquia, ausência de um poder superior ao Estado, surge como um conceito comum às principais teorias das Relações Internacionais. Nas escolas realistas, o que distingue o realismo clássico do neorealismo, é que este último desenvolve o conceito de estrutura de sistema anárquico, ou seja uma abordagem sistémica que distingue os fatores internos e externos da política internacional e que permite ver como a estrutura do sistema internacional e suas variações afetam as unidades em interação e os resultados que eles produzem. (Kenneth Waltz, 1990).

Em comparação com as escolas realistas e liberais podem discordar sobre até que ponto os Estados são motivados por ganhos relativos versus ganhos absolutos, mas ambos assumem os interesses próprios do Estado como ponto de partida para a teorização do sistema internacional.

Esse ponto de partida faz sentido para os neorealistas, uma vez que eles acreditam que as anarquias são necessariamente sistemas de “autoajuda”, nos quais a autoridade central e a segurança coletiva estão ausentes. (Wendt, 1992).

Quer as escolas realistas quer liberais propõem teorias sistémicas em termos exclusivamente racionais. Ao contrário, os construtivistas argumentam que se hoje encontramos num mundo de “autoajuda”, isso não se deve à estrutura do sistema, e sim ao processo de interação entre os atores. Ou seja, são os significados coletivos que constituem as estruturas que organizam os atores no sistema internacional.

Contra os argumentos da abordagem realista, os construtivistas sugerem novas variáveis, procurando demonstrar que as identidades e interesses são socialmente construídos e podem revelar novas possibilidades de mudanças.

Este processo é baseado em ideias, umas compartilhadas (coletivas) e outras individuais. As ideias compartilhadas compõem o subconjunto da estrutura social conhecida como “cultura”.

---

*Em princípio, as estruturas hobbesianas, lockeanas e kantianas podem ser constituídas inteiramente por ideias privadas/individuais, mas na prática elas geralmente são constituídas por ideias compartilhadas. (Ikenberry & Wendt, 1999)<sup>1</sup>*

---

É neste contexto que Alexander Wendt apresenta o conceito de “Estado Mundial”, que se opõe ao primado da anarquia no sistema internacional (Wendt, 2003). De acordo com esta argumentação, a partir do momento em que os Estados se reconhecem reciprocamente como “amigos” - como o que acontece nas democracias ocidentais – a guerra deixa fazer sentido (tal como defende a Teoria da Paz Perpétua de Kant), tal como deixam de fazer sentido a violência coletiva organizada, as separações nacionais e culturais, sendo possível criar um estado universal. (Ikenberry & Wendt, 1999)

Wendt utiliza a União Europeia como exemplo: Desde que tenha um poder comum, legitimidade, soberania e agência, não devemos prejulgar a forma que um estado mundial pode assumir. Segundo ele, se a União Europeia fosse completada, não estaria longe de assumir o Estado Universal.

---

*A UE já não está longe de cumprir estes requisitos a nível regional. Se uma UE “completada” fosse globalizada, seria um estado mundial. (Wendt, 2003)<sup>2</sup>*

---

## **Problematização**

A pergunta orientadora do presente trabalho é a seguinte: “O Estado Universal Segundo Wendt é inevitável?” O desenvolvimento e os resultados finais da mesma pretendem validar, pelo menos, uma das seguintes hipóteses e rejeitar as outras:

- A) Que pensar no Estado Universal é uma visão utópica e que está fora da realidade do sistema internacional e que a lógica da anarquia será sempre de conflito e guerra sem fim;

---

<sup>1</sup> Ikenberry, G. J., & Wendt, A. (1999). Social Theory of International Politics. *Foreign Affairs*, 78(6), Pg. 142.

<sup>2</sup> Wendt, A. (2003). Why a World State is Inevitable. *European Journal of International Relations*, 9(4), Pg. 491–542.

- B) Que pensar no Estado Universal, pode vir a ser uma possibilidade, mas com um caminho que exigirá muito esforço. Onde será necessário os estados abrirem mão da sua soberania em favor de um único Governo Mundial.
- C) Que pensar no Estado Universal é uma inevitabilidade, que mesmo que demora algum tempo é inevitável que venha a existir. Que o sistema internacional está caminhando para isso;

Tendo em conta a investigação exploratória e a revisão da literatura realizadas, partimos de um ponto prévio do argumento de Alexandre Wendt, que está na base da nossa investigação, de que o estado universal no nível macro evoluirá em cinco estágios de desenvolvimento.

Por outro lado, parece-nos claro, através da análise de outros textos, que nem todos partilham a mesma visão de Wendt sobre o Estado Universal. Tudo isto posto em comparação com o sistema internacional contemporâneo, pretendemos chegar em uma conclusão se realmente o sistema está evoluindo para um Estado Universal, e se de facto está evoluindo, neste sentido, em que estágio de desenvolvimento segundo Wendt o sistema se encontra atualmente.

**Sendo assim, o nosso principal objetivo, é responder se o Estado Universal segundo Alexander Wendt é uma visão utopia, se é uma possibilidade ou se realmente é uma Inevitabilidade?**

As respostas a estas, e outras questões que surgirem ao longo da investigação, tratarão de verificar através do contexto atual o caminho percorrido pelo sistema internacional, e colocar em contraposto às três principais teorias das RI (realismo, liberalismo e construtivismo) para responder essa questão.

De forma a analisarmos a pergunta de partida, identificámos três eixos de investigação:

1. Visão Utópica do Estado Universal segundo Wendt - Teoria realista
2. Uma possibilidade e vários caminhos a percorrer para alcançar o Estado Universal - Teoria liberal
3. Inevitabilidade do Estado Universal segundo Wendt- Teoria construtivista

## Estrutura

A presente investigação está dividida em seis capítulos. O primeiro identifica os conceitos do construtivismo defendido por Alexandre Wendt e que será utilizada para articular a problemática da nossa investigação e, neste exercício, esclarece a nossa posição face às diferentes abordagens teóricas existentes que no caso a teoria realista e a teoria liberal das RI. Uma breve exposição do construtivismo de Alexander Wendt e o seu impacto política internacional.

No segundo capítulo, aborda às três culturas de anarquia segundo Alexandre Wendt (hobbesiana, lockeana e kantiana) e as três lógicas da anarquia (papel de inimizade, papel de rivalidade, e papel de amizade entre os estados no sistema internacional).

Ainda neste capítulo, aborda o caso de estudo, “a invasão no Iraque e a divisão da comunidade transatlântica”, para perceber como funciona a lógica das culturas anárquica e os diferentes tipos de papéis numa crise Política Internacional.

No terceiro capítulo, procede o argumento de Wendt sobre o Estado Universal. Aborda os cinco estágios de desenvolvimento do Estado Universal, que cada uma enquadra numa cultura da anarquia defendida pelo autor. Abordaremos cada um dos estágios e responderemos a pergunta de onde o sistema internacional contemporâneo se encontra dentro desses estágios de desenvolvimento.

No quarto capítulo, abordaremos segundo às três principais teorias das RI as hipóteses da nossa investigação, os três eixos problemático da nossa pergunta de investigação. Estado universal: utopia, possibilidade ou inevitabilidade.

No quinto capítulo, analisaremos teoria social do construtivismo de Wendt em comparação com o sistema político internacional contemporâneo. Abordaremos alguns tópicos importantes do sistema político atual, para conseguirmos chegar em uma conclusão mais viável da nossa pergunta de investigação.

Finalmente, tomamos posição no sexto capítulo, e apresentamos os contra-argumentos da visão de inevitabilidade do Estado Universal, defendido por Wendt. As nossas conclusões sobre a investigação e as discussões sobre as hipóteses de investigação apresentadas ao longo do texto.

## 1 Capítulo I - Teoria social do construtivismo

### 1.1 Breve exposição do construtivismo de Alexander Wendt

Durante muitas décadas, a teoria das Relações Internacionais foi dominada por duas vertentes: o realismo e o liberalismo. O construtivismo foi mais recente e no início não foi tão proclamado, mas com o tempo veio se colocar num lugar de destaque graças ao contributo fundamental de Alexander Wendt.

Nesta investigação, pretendemos expor de uma forma resumida, quais as principais diferenças entre essas duas vertentes da teoria das relações internacionais, em contraposto com a teoria social do construtivismo de Alexander Wendt. Pretendemos expor o argumento de Wendt sobre o Estado Universal, e perceber se é uma visão utópica, se é uma possibilidade ou se realmente é uma inevitabilidade.

Para isso, vamos expor os prós e contras do argumento de Wendt, relativamente ao Estado Universal, e o que cada uma das teorias de RI (realismo, liberalismo) aborda sobre o Estado Universal. Pretendemos perceber no final desta investigação em que estágio estamos no desenvolvimento do Estado Universal segundo Wendt.

O construtivismo foi marginalizado por essas teorias dominantes (realismo e o liberalismo) até a teoria social de Alexander Wendt, porque basicamente se concentrava na construção social em vez de construção material.

E para muitos, o que importa basicamente é o lado material, colocando de lado a parte social. Todas são importantes, é preciso que cada um toma o seu devido lugar. Principalmente, a teoria realista que enfatiza muito a construção matéria, e coloca de lado a construção social das relações internacionais. E é isso que o autor coloca em destaque, a parte social das Relações Internacionais.

Com o colapso da União Soviética, e o fim da Guerra Fria, isso fez com que as pessoas reconsiderassem o domínio social das relações, e não se preocupassem só em conquistas matérias, e em perseguir objetivos materialistas. Consequentemente, um novo debate emergiu, e a teoria construtivista de Alexander Wendt, ganhou espaço começou a se destacar no meio da academia da RI.

Wendt publicou “Anarchy is What States Make of It: The Social Construction of Power Politics” em 1992. Neste artigo, Wendt elaborou uma definição do conceito da anarquia das teorias neorealistas e neoliberais na explicação das relações internacionais (Wendt, 1992a)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Wendt, Alexander (1992) ‘Anarchy is What States Make of It: The Social Construction of Power Politics’. *International Organization* 2, 391-425.

---

*De acordo com Wendt, "Ideias compartilhadas" significa dizer que "as estruturas da associação humana são determinadas principalmente por ideias compartilhadas ao invés de forças materiais". (Wendt, 1999)<sup>4</sup>*

---

Em 1999 ele desenvolveu ainda mais a teoria em "Social Theory of International Politics" Wendt destacou em sua teoria a importância das ideias compartilhadas nas relações internacionais. Houve sempre discordâncias entre o debate realistas e liberais nas RI. O debate entre os realistas e os liberais estava mais concentrado na ação ao qual os Estados são influenciados pela estrutura e processo nas instituições. Contudo, a teoria social de Wendt veio trazer uma compreensão diferente de apenas estrutura e processo.

---

*Segundo WENDT, O debate entre "neorrealistas" e "neoliberais" tem-se baseado em um compromisso compartilhado com o "racionalismo". Como tal, o racionalismo oferece uma concepção comportamental tanto do processo quanto das instituições: eles mudam o comportamento mas não identidades e interesses. (Wendt, 1999)*

---

Obviamente, Wendt discorda da noção dos realistas e liberais de que as estruturas de associação humana são construídas por fenômenos materiais. Claramente, que ele acredita que o elemento material existe, e não pode ser ignorado. Ele considera tanto o papel material como também a parte social. Não abdica de um, e nem descarta outro conforme definido pelas teorias do realismo e liberalismo.

Assim, embora que ele reconheça a existência de fatores materiais, esses fatores em sua teoria não desempenham um papel crucial em sua teoria. Em vez disso, ele indica que ideias compartilhadas são os elementos mais importantes nas Relações Internacionais.

Definitivamente, o construtivismo de Wendt acredita que os interesses nacionais são construídos por ideias compartilhadas, ao invés de fatores materiais. O que difere das outras teorias que colocam muita ênfase nos fatores materiais.

## 1.2 O impacto do construtivismo social de Alexander Wendt na Política Internacional

Na teoria social de Wendt, encontramos uma equação que representa um dos principais impactos do construtivismo na política internacional. A equação representa o seguinte: Desejo + Crença = ação, onde a identidade pertence à crença e o interesse pertence ao desejo. Que significa que identidade e interesse influenciam conjuntamente as ações dos estados no sistema internacional. (Wendt, 1999)<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Wendt, Alexander (1999) Social Theory of International Politics First Edition. Cambridge: Cambridge University Press.

<sup>5</sup> (Wendt, 1999, 115, ver também 231).

---

*O racionalismo trata o desejo (ou preferência ou interesse) e a crença (ou expectativas ou ideias) como variáveis distintas, o que sugere que os desejos não dependem de crenças e são, portanto, materiais. Essa conotação é ainda possibilitada pelo fato de que os racionalistas geralmente não perguntam de onde vêm os interesses. (Wendt 1999, 115)*

---

Interesse e identidade também influenciam um ao outro. Sem interesse, a identidade não tem poder motivacional; sem identidade, o interesse não tem direção. (Wendt, 1999, 231). Em geral, de acordo com o construtivismo de Wendt, a identidade e o interesse consistem em ideias compartilhadas.

Para ele, as ideias compartilhadas ocupem a parte principal do sistema (Wendt 1999, 138). A identidade é um pré-requisito para o interesse, enquanto eles se influenciam mutuamente; eles determinam em conjunto ações. É por isso que a ideia é a base da ação do construtivismo de Wendt.

---

*Sem interesses, as identidades não têm força motivacional, sem identidades, os interesses não têm direção. As identidades pertencem ao lado da crença da equação intencional (desejo + crença = ação), enquanto os interesses pertencem ao lado do desejo. (Wendt 1999, 231)*

---

Um dos maiores contributos Wendt, acredita que a estrutura do sistema internacional é uma estrutura de ideias compartilhadas, pois diferentes ideias compartilhadas causarão diferentes interesses e ações. Assim, a identidade não é fixo, ao contrário, é gerado através das interações da comunidade internacional.

Somente depois que a identidade é determinado, então a identidade define o interesse. Portanto, os interesses nacionais mudam de acordo com as mudanças de identidade. Wendt chama a atenção para a importância do contexto social dentro do qual os Estados relacionam-se entre si, e introduz uma perspectiva idealista para as interações de estados e os interesses derivados dessa interação.

---

*Os EUA e a Rússia interagem sob anarquia, assim como os EUA e a União Soviética. Na visão neorrealista, as anarquias são sistemas de autoajuda inerentes que tendem a produzir competição militar, equilíbrio de poder e guerra. (Wendt, 1999)<sup>6</sup> (Wendt, 1999-4)*

---

Em termos de anarquia, os neorrealistas a tratam como um fenômeno material e tratam o sistema internacional como uma estrutura materialista. Assim, de acordo com o neorrealismo, a anarquia é uma estrutura imutável que determina as ações dos estados (Wendt 1999, 247).

---

<sup>6</sup> Ashley (Ashley, 1987: 407); Alker (1996: 355-393).

A parte social da estrutura são rejeitadas na teoria de Waltz, e o status do relacionamento internacional tem apenas um esquema, ou seja, a guerra é inevitável, a paz é temporário, e é chamado de anarquia de Hobbes (Wendt 1999, 247).

Na visão neorrealista, as anarquias são inerentemente sistemas de autoajuda que tendem a produzir competição militar, equilíbrios de poder e guerra. No entanto, no construtivismo, os atores e a estrutura são mutuamente construído. Esta é uma das diferenças fundamentais do construtivismo de Wendt e o realismo clássico.

Onde os realistas e construtivistas realmente diferem, no entanto, é em suas suposições sobre de que estrutura é feita. Os realistas pensam que é feita apenas de uma distribuição de capacidades materiais, enquanto os construtivistas acham que ela também é feita de relações sociais.

---

*Por exemplo, o neoliberalismo o estudioso Robert Keohane criticou Wendt por uma orientação errada do neoliberalismo, ou seja, ele incorporou o neoliberalismo no materialismo (Alker, 2000). Além disso, a estudiosa construtivista Martha Finnemore apontou que a teoria de Wendt ignorou a influência de organizações internacionais (Finnemore, 1996)<sup>7</sup> (Wendt, 1999).*

---

Wendt, é interessado em questões, como o que está acontecendo no processo de interações dos estados, ou “se as estruturas sistêmicas são redutíveis a agentes preexistentes ou têm um efeito relativamente vida autônoma própria” (Wendt, 1999:36)

Em termos de interesses nacionais, Wendt também tem um ponto de vista diferente da teoria neorrealista. Waltz, assume que o único interesse dos estados é a sobrevivência (Waltz, 1979). Em vez disso, Wendt acredita que os interesses nacionais incluem os quatro interesses objetivos de sobrevivência, autonomia, independência, bem-estar econômico e autoestima coletiva (Wendt, 1999, 235-237).

Wendt, ilustrou que as ações dos atores dependem de seus interesses. Portanto, de acordo com sua teoria social as ações dos atores também são influenciadas por ideias compartilhadas. Ao contrário, o racionalismo trata identidade e interesse como fatores exógenos e constantes. Em contraste, o construtivismo considera identidade e interesse como fatores endógenos, ou seja, as variáveis dependentes (Wendt, 1999, 336)

---

*Alexander Wendt. Ele diz que “500 armas nucleares britânicas são menos ameaçadoras para os Estados Unidos do que 5 armas nucleares norte-coreanas” (Wendt 1995, 73).*

---

---

<sup>7</sup> Martha Finnemore, *National Interests in International Society*, University Professor of Political Science and International Affairs, Cornell University Press, 1996

Segundo Wendt, 500 armas nucleares britânicas são menos ameaçadoras para os Estados Unidos do que 5 armas nucleares norte-coreanas, porque os britânicos são amigos dos Estados Unidos e os norte-coreanos não, e a amizade ou inimizade é uma função de entendimentos compartilhados.

Isso acaba por nos trazer uma compreensão sobre as múltiplas lógicas da anarquia e que os estados podem interagir mediante os papéis de inimizade, rivalidade e amizade dentro da anarquia do SI. Trouxe a compreensão de como podemos estudar fenômenos sociais, e relacionais nas relações internacionais.

Características que distinguem o construtivismo de outras abordagens das relações internacionais, inclui sua crítica ao materialismo, sua ênfase na construção social de interesses, sua relação entre estruturas e agentes e suas múltiplas lógicas de anarquia.

Quando Wendt diz, “os britânicos são amigos e os norte-coreanos não” (Alexander Wendt, 1995, 73), ele quer demonstrar que os estados interagem de maneira diferente de acordo com os papéis sociais que eles desempenham dentro do sistema.

### 1.3 As características distintivas do construtivismo em relação ao realismo e o liberalismo

Wendt afirmou que a anarquia não é necessariamente um sistema de auto-ajuda ou um sistema de política de poder, como argumentariam os neorealistas (Wendt 1992, p. 396). O teórico realista Mearsheimer, define estreitamente anarquia como “um princípio ordenador, que diz que o sistema compreende estados independentes que têm nenhuma autoridade central acima deles” (Mearsheimer, 2001, p. 30).<sup>8</sup>

Consequentemente, os Estados dependem apenas de si mesmos para manter sua segurança (Tagliaferro, 2001, p. 136).<sup>9</sup> A anarquia produz incerteza, e os estados nunca podem ter certeza das intenções presentes ou futuras dos outros ou da distribuição relativa de capacidades ao longo do tempo.

A anarquia induz os estados a se envolverem em comportamentos de autoajuda. Os Estados reagem a reduções em sua segurança tomando medidas para aumentar sua própria segurança, mitigando assim as políticas de segurança de outros. (Taliaferro, 2001)

---

*Resumindo, um estado que inicia uma escalada militar para aumentar sua segurança pode inadvertidamente colocar em movimento uma cadeia de eventos que a deixa menos seguro. (Taliaferro, 2001)*

---

<sup>8</sup> Mearsheimer, J. (2001). The tragedy of great power politics. p. 30. New York: Norton.

<sup>9</sup> Tagliaferro, J.W. (2001). Security Seeking under Anarchy: Defensive Realism Revisited. P. 136. The MIT Press

Os neorealistas afirmam que, “a autoajuda é necessariamente o princípio da ação” Waltz (1979)<sup>10</sup>. Ao contrário, os construtivistas acreditavam que a anarquia não leva necessariamente ao conflito, porque os estados podem cooperar dentro das lógicas da anarquia. Ou seja, isso depende de como os estados agem uns em relação aos outros depende do significado que constroem sobre eles. Por exemplo, os estados não agiriam da mesma forma em relação a um amigo, como em relação a um inimigo, uma vez que “um inimigo é ameaçador e um amigo não” (Wendt, 1995, p. 78).

---

*O fim da Guerra Fria, que Wendt repetidamente apontou, pode ilustrar isso. Durante a Guerra Fria, os EUA e a União Soviética eram rivais claros. No entanto, essa relação mudou no final da Guerra Fria. (Dunne, 2017, p. 107)<sup>11</sup> (Dunne, 2017)*

*A Guerra Fria acabou não necessariamente porque o equilíbrio de poder, isto é, um equilíbrio entre estados, entre os EUA e a União Soviética mudou, como acreditavam os realistas (Waltz, 2000, p. 27)<sup>12</sup>, mas sim porque os dois estados simplesmente deixaram de se perceber como inimigos (Wendt, 1999, p. 4).<sup>13</sup>*

---

Wendt argumentou que, a anarquia não existe anteriormente até que os estados interajam uns com os outros. De uma perspectiva construtivista, não há expectativas ou interesses antes que ocorra uma interação entre os estados; portanto, a condição de anarquia permanece desconhecida (Wendt, 1992, p. 403).

Segundo o autor, a anarquia é a construção social da política de poder, se a autoajuda não é uma característica constitutiva da anarquia, ela deve emergir causalmente de processos em que a anarquia desempenha apenas um papel permissivo. Isso reflete um segundo princípio do construtivismo: que os significados em termos dos quais a ação é organizada surgem da interação.

---

*Assim, Wendt desafia a noção realista de que a anarquia é sempre um sistema de autoajuda ou um sistema de política de poder, porque uma anarquia de amigos difere de uma de inimigos. (Schoorl, 2022).*

---

Os realistas, acreditam que a anarquia é uma condição inevitável da política internacional, mesmo na ausência de interação (Dunne, 2017, p. 108)<sup>14</sup>. Para ilustrar, os construtivistas sugeriram que quatro décadas de cooperação entre os Estados europeus mudaram suas respectivas identidades e interesses, o que acabou resultando em uma “identidade europeia” coletiva (Wendt, 1992 p. 417), afirmou que mesmo que

---

<sup>10</sup> Waltz, K. N. (1979). Theory of international politics. P. 111. Cambridge University Press.

<sup>11</sup> Dunne, T. (2017). Realism. The globalization of world politics. An introduction to international relations. In Baylis, J. & Smith, S. & Owens, P. p. 107. Oxford University Press

<sup>12</sup> Waltz, K. N. (2000). Structural realism after the Cold War. P. 27. The MIT Press.

<sup>13</sup>Wendt, A. (1999). Social theory of international politics. PP. 4, 247. Cambridge University Press.

<sup>14</sup> Dunne, T. (2017). Realism. The globalization of world politics. An introduction to international relations. In Baylis, J. & Smith, S. & Owens, P. p. 107. Oxford University Press

as intenções iniciais de um estado sejam egoístas, o processo de cooperação redefine suas intenções e conseqüentemente reconstrói suas identidades e interesses (Schoorl, 2022).

Assim, pode-se presumir que os sistemas de autoajuda e as políticas de poder derivam de práticas constantes de cooperação entre estados em vez de alguma estrutura inicialmente definida que os estados não influenciam (Wendt, 1992, p. 407).

---

*Identidades e interesses são constituídos por significados coletivos que estão sempre em processo. Como enfatiza Sheldon Stryker, "O processo social é o de construir e reconstruir o eu e o relacionamento social. Se os estados se encontram em um sistema de autoajuda, é porque suas práticas o tornaram assim. Mudar as práticas mudará o conhecimento intersubjetivo que constitui o sistema." (Wendt, 1992a)<sup>15</sup>*

---

Além disso, Wendt se referiu à instituição da soberania, que de uma perspectiva realista, é um princípio automático que faz com que um estado seja o ator principal no sistema anárquico internacional (Dunne, 2017, p. 104)<sup>16</sup>. No entanto, Wendt afirmou que a soberania não é padronizada, mas sim alcançada por meio de práticas estatais (Wendt, 1992, p. 413).

Por meio da cooperação contínua, os Estados aprendem que sua soberania depende do reconhecimento de sua soberania por outros Estados, e ensina-os a confiar em instituições internacionais e menos em seu próprio "eu" para salvaguardar sua segurança (Wendt, 1992, p. 415).

No entanto, os realistas se concentram em ganhos absolutos e relativos de cooperação e, portanto, os estados ainda podem se retirar das alianças quando o parceiro de cooperação os ganhos relativos estão aumentando (Grieco, 1988, p. 487).<sup>17</sup>

---

*O estado soberano é uma realização contínua da prática, não uma criação definitiva de normas que de alguma forma existem à parte da prática. Assim, dizer que "a instituição da soberania transforma identidades" é uma abreviação para dizer que "práticas regulares produzem identidades soberanas mutuamente constituintes (agentes) e suas normas institucionais associadas (estruturas)." (Wendt, 1992, 413)*

---

Wendt, afirmou que mudanças de identidade e interesses, sempre podem reconstruir a política internacional (Wendt, 1992, p. 395). Na visão neorrealista, diz que "a autoajuda é dada pela estrutura anárquica exogenamente ao processo" (Wendt, 1992, p. 394). Ele desafiou esse pensamento neorrealista argumentando que a anarquia pode ter pelo

---

<sup>15</sup> 58. Sheldon Stryker, "The Vitalization of Symbolic Interactionism," *Social Psychology Quarterly* 50 (March 1987), p. 93.

<sup>17</sup> Grieco, J. (1988). *Anarchy and the limits of cooperation: a realist critique of the newest liberal Institutionalism*. P. 487. The MIT Press.

menos três tipos de estrutura com base em que tipo de papéis – isto é, inimigo, amigo ou rival – que dominam o sistema.

---

*Não há "lógica" de anarquia separada das práticas que criam e instanciam uma estrutura de identidades e interesses em vez de outra; a estrutura não tem existência ou poderes causais separados do processo. A autoajuda e a política de poder são instituições, não características essenciais da anarquia. A anarquia é o que os estados fazem dela. (Wendt, 1992, p. 394).*

---

Segundo Wendt, a anarquia não é um dado adquirido, mas sim socialmente construído. Ele baseou seu argumento em três princípios. Argumentou que a anarquia não é necessariamente um sistema de autoajuda, como dizem os realistas, pela razão de que os estados podem ter papéis de inimizade, rivalidade e amizade dentro do sistema.

---

*O fim da Guerra Fria e o aumento da cooperação entre os Estados europeus demonstram que a anarquia não é um dado adquirido, como acreditam os realistas, mas sim socialmente construída. Em outras palavras, a anarquia é o que os estados fazem dela. (Schoorl, 2022)*

---

O insight original por trás do construtivismo é que o significado é “socialmente construído” Wendt (1992, 396-7) diz que “um princípio fundamental da teoria social construtivista é que as pessoas agem em relação aos objetos, incluindo outros atores, com base nos significados que os objetos têm para eles”.

---

*Segundo Wendt, não surpreende que os liberais, entre os principais oponentes do realismo, tenham a visão individualista de que os interesses do Estado são determinados por fatores sociais e, portanto, altamente variáveis, com o sistema estatal relegado a um domínio de interação estratégica sem efeitos de construção. (Wendt, 1999:260)*

---

## 2 Capítulo II - Três culturas de anarquia segundo Alexandre Wendt

**Wendt divide a anarquia em três culturas: Hobbesiano, Lockeano e Kantiano.**

- Primeiro, ele argumenta que a cultura hobbesiana é a única verdadeira sistema de autoajuda, no qual os estados nunca podem contar com a ajuda de outros estados (Wendt, 1999, p. 247). É bem conhecida como “a guerra de todos contra todos” (Wendt, 1992, p. 410).
- Em segundo lugar, a cultura lockeana se distingue da cultura hobbesiana porque se baseia na rivalidade em vez da inimizade. Ao contrário dos inimigos, os rivais reconhecem a soberania de cada um como um direito e, portanto, abster-se de tentar conquistar cada um outro.
- Por fim, a cultura kantiana é baseada na noção de amizade, dentro da qual os estados cooperam para garantir sua segurança uns dos outros dentro do sistema (Barnett, 2017, p. 149).<sup>18</sup>

---

*As culturas de anarquia de Wendt são relevantes por causa de suas relações fundamentais com o Estado identidades. Por exemplo, referindo-se ao fim da Guerra Fria, as principais teorias de RI, como neorrealismo e neoliberalismo, tiveram dificuldade em explicar o fim pacífico da Guerra Fria, pois percebem a anarquia de uma forma particularmente absoluta (Barnett, 2017, p. 146; Waltz, 2000, p. 27; Wendt, 1999).*

---

Os construtivistas, portanto, rejeitaram os teóricos neorrealistas pessimistas e sublinharam como as interações entre os atores na política internacional moldam suas identidades e interesses, bem como suas opiniões sobre o poder um do outro.

Resumindo, enquanto os realistas acreditam que a anarquia é imutável, os construtivistas concluem que mudanças em identidades e interesses podem resultar em uma transformação de uma cultura de anarquia hobbesiana, lockeana ou kantiana, e levar a uma mudança no sistema político internacional.

---

*Ao considerar os interesses e identidades dos EUA e da União Soviética, pode-se dizer que a Guerra Fria terminou por causa das mudanças domésticas ideológicas e institucionais da União Soviética (Haas, 2007, p. 145).<sup>19</sup>*

---

---

<sup>18</sup> Barnett, M. (2017). Social constructivism. The globalization of world politics. An introduction to International relations. In Baylis, J. & Smith, S. & Owens, P. PP. 146-149. Oxford University Press.

<sup>19</sup> Haas, M.L. (2007). The United States and the End of the Cold War: Reactions to Shifts in Soviet Power, Policies, or Domestic Politics? International Organization (P. 145). Cambridge University Press.

Com base em diferentes naturezas da interação entre os países, no sistema internacional Wendt acredita que pode haver uma variedade de culturas anárquicas. Ele resumiu três diferentes culturas de anarquia do sistema internacional, a saber, hobbesiana, lockeana e kantiana (Wendt, 1999: 246-247).

Wendt argumenta, que a estrutura da política internacional também tem efeitos construtivos nos estados. Mostra que identidades e interesses são socialmente construídos e isso pode revelar novas possibilidades de mudança.

---

*Adaptando a linguagem de Martin Wight e da Escola Inglesa, chamarei essas estruturas de hobbesiana, lockeana e kantiana, embora, ao fazê-lo, não reivindique estreita adesão a seus pontos de vista; os rótulos destinam-se apenas a metáforas ou representações estilizadas. (Wendt, 1999:259)<sup>20</sup>*

---

Wendt, abordou cada uma das culturas e os papéis diferentes que cada uma representa. Todas enquadram diretamente numa fase de desenvolvimento do Estado Universal. Para chegar a cultura Kantiana que é o que mais nos interessa, para realmente termos a certeza se um Estado Universal é inevitável, ou se é apenas uma possibilidade, e se não dizer uma utopia.

A cultura hobbesiana é um caso difícil para o construtivismo, já que é impossível compartilhar ideias. E isso é o propósito fundamental da teoria do Wendt sobre o Estado Universal, que só será possível com quando às ideias internacionalizadas constituírem identidades e interesses.

### 2.1 A cultura Hobbesiana

Nas culturas hobbesianas, os estados não compartilham ideias e são invariavelmente inimigos. Existem quatro características nesta cultura:

- Primeiro, os estados tendem a tomar ações fortes para mudar a situação atual e tratar uns aos outros como inimigos. Ou seja, eles tentariam destruir ou conquistar seus inimigos.
- Em segundo lugar, a tomada de decisão tende a não considerar o outro lado, ao invés disso, se prepararam sempre para a pior situação no futuro. E quando isso acontece é claro que piores resultados são alcançados.
- Em terceiro lugar, o poder militar é tratado como o ponto-chave. Sem o poder militar, os estados ficam vulneráveis.
- Finalmente, se uma guerra estourasse, os estados lutariam com inimigos (percebidos), ou seja, eles usariam a violência sem limitação (Wendt, 1999:262).

---

<sup>20</sup> Wight, Martin (1991) “The three traditions of international theory”, in G. Wight and B. Porter, eds., *International Theory: The Three Traditions*, Leicester: Leicester University Press, pp. 7-24.

---

*Embora não exista uma conexão necessária entre uma anarquia hobbesiana e o realismo, é um elo natural a assumir, porque essa anarquia é um “caso difícil” para o construtivismo. Sua alta taxa de mortalidade torna difícil a formação de ideias compartilhadas, e se elas se formam, ainda é difícil ver por que os estados teriam participação nelas, o que está implícito na proposição construtivista de que ideias internalizadas constituem identidades e interesses. (Wendt, 1999:279)*

---

## 2.2 Papel de inimizado no sistema internacional

### 2.2.1 A natureza da inimizado – A lógica “guerra de todos contra todos”.

O papel dos inimigos não reconhecem a soberania um do outro, não reconhece o direito a liberdade e sempre que possível ataca com violência a fim dos seus resultados. Não existe nenhuma solidariedade, e uso constante de violência.

---

*Os inimigos são constituídos por representações do Outro como um ator que (1) não reconhece o direito do Self de existir como um ser autônomo e, portanto, (2) não limita voluntariamente sua violência contra o Self. Seguindo a sugestão de Schmitt, (Wendt, 1999)*

---

Pela lógica “de guerra de todos contra todos” é impossível para a formação de um Estado Universal. Neste tipo de cultura os atores não podem contar com o outro para obter ajuda necessária para eventuais problemas que afetam sua sobrevivência. É uma lógica de matar ou ser morto. Para um Estado Universal surgir, é preciso que todos compartilham a mesma ideia, de que todos precisamos uns dos outros e cooperar para o bem comum da humanidade.

---

*Pensa-se que um rival, ao contrário, reconhece o direito do Ser à vida e à liberdade e, portanto, procura revisar apenas seu comportamento ou propriedade. Ambos imputam à Outra intenção agressiva, mas as intenções do inimigo são ilimitadas por natureza, as do rival são limitadas. (Wendt, 1999)<sup>21</sup>*

---

## 2.3 A cultura Lockean

A lógica do “viva e deixa viver” é como se fosse um intermédio entre o que se espera de um mundo realista e do que se espera do mundo construtivista. Ainda não é o que se espera para um Estado Universal, onde impera a regra de ajuda-mutua, mas é o caminho a ser percorrido.

Se cada uma dessas culturas representam a evolução do Estado Universal, podemos dizer que o sistema atualmente, alcançou a fase da cultura lockean. Nessa fase, os estados reconhecem o direito de outro estado existir, e mesmo que existe aqueles

---

<sup>21</sup> Schmitt (1932/1976). Grieco, Joseph (1988) “Anarchy and the limits of cooperation: A realist critique of the newest liberal institutionalism,” *International Organization*, 42, 485-508.

estados revisionistas as suas ações para revisar, ou deter qualquer outro estado é feita de forma limitada.

---

*A lógica matar ou ser morto do estado de natureza hobbesiano foi substituída pela lógica viva e deixa viver da sociedade anárquica lockeana. (Wendt, 1999:283)<sup>22</sup>*

---

Em relação às culturas lockeanas, os estados podem ter ideias compartilhadas com outros, portanto, o estado trata outros estados como seus rivais (Wendt, 1999:247).

Essa cultura também tem quatro implicações:

- Primeiro e o mais importante é, não importa quais conflitos eles tenham, os estados devem reconhecer à soberania uns dos outros no status quo.
- A segunda implicação diz respeito natureza do comportamento racional. Os rivais nem sempre precisam aumentar as tensões porque a instituição da soberania torna os riscos menores.
- Em terceiro lugar, o poder militar relativo ainda é importante, pois os concorrentes sabem que outros podem usar a força. Ou seja, o poder militar, deixou de ser uma questão de sobrevivência e passou a ser uma questão de precaução em caso de violência.
- Em última análise, se o conflito pudesse levar à guerra, os rivais limitariam sua violência (Wendt, 1999:282). Ao contrário quando se percebem como inimigo, o uso de violência é ilimitada.

#### 2.4 Papel de rivalidade no sistema internacional

A cultura lockeana, têm uma lógica diferente da hobbesiana, porque se baseia em uma estrutura de papéis diferente, rivalidade e não inimizade. Como inimigos, os rivais são constituídos por representações sobre o Eu e o Outro com relação à violência, mas essas representações são menos ameaçadoras: ao contrário dos inimigos, os rivais esperam que eles ajam como se reconhecessem sua soberania, sua “vida e liberdade”, como um direito e, portanto, não tentar conquistá-los ou dominá-los.

---

*Como a soberania do Estado é territorial, por sua vez, isso implica o reconhecimento de um direito a alguma “propriedade” também. Ao contrário dos amigos, no entanto, o reconhecimento entre os rivais não se estende ao direito de estar livre da violência nas disputas. (Wendt, 1999:279-281)<sup>23</sup>*

---

Os rivais esperam que outros usem a violência às vezes para resolver disputas, mas para fazê-lo dentro dos limites de “viver e deixar viver”. O que se espera do Estado Universal é que em vez usarem a violência para resolver as suas disputas eles usam outras formas

---

<sup>22</sup> Buzan's (1991) distinction between “immature” and “mature” anarchies is an important exc.

<sup>23</sup> Ruggie (1983a), Fain (1987), Baldwin (1992), Kratochwil (1995), and Reus-Smit (1997).

para resolver os problemas. Como a negociação entre os estados, resolver os problemas de forma diplomática.

Falaremos abaixo de um caso de estudo, de uma crise dentro da aliança atlântica. Uma das piores crises da OTAN, o conflito em torno da guerra no Iraque e da divisão da comunidade transatlântica para demonstrar como que as culturas anárquicas segundo Wendt, se entendem na prática.

A comunidade transatlântica, OTAN é uma personificação daquilo que possa vir ser o Estado Universal. Se fosse globalizada seria um Estado Mundial. Por esse motivo, trouxe esse caso de estudo, para que pudéssemos entender os três papéis de (inimizade, rivalidade e amizade) funcionam na prática dentro do sistema.

## 2.5 A cultura Kantiana

Uma nova cultura política internacional emergiu no Ocidente dentro da qual a não-violência e o jogo em equipa é a norma. Agora opera a ideia de “um por todos e todos por um”. Ajuda mútua, um cooperando com o outro.

Isto é o que se espera de um Estado Universal, cooperação e ajuda-mútua. Apesar que, o comportamento dos estados ultimamente, seja muito além da cultura lockeana, ainda não é o resultado final que esperamos. O sistema ainda, está muito longe de funcionar como um única “equipa” de segurança global.

---

*Chamarei essa cultura de “kantiana” porque a paz perpétua de Kant é o tratamento mais conhecido dela, mas, ao fazer isso, continuarei agnóstica sobre se sua ênfase nos estados republicanos é a única maneira de realizá-la.  
(Wendt, 1999:297)<sup>24</sup>*

---

Culturas kantianas, se um estado trata o outro como amigo, esses estados desenvolverão instituições compartilhadas entre eles. Nesse tipo de cultura, os Estados esperam que uns aos outros cumpram duas regras:

- Primeiro, eles não podem usar a guerra ou o risco de guerra para resolver disputas (não-violência);
- Em segundo lugar, lutarão em equipa, quando um deles for ameaçado por um terceiro – a regra de ajuda mútua (Wendt, 1999: 298-299).

## 2.6 Papel Amizade no sistema internacional

A cultura kantiana é baseada em uma estrutura de papéis da amizade. Em relação a “inimigo”, o conceito de “amigo” é sub-teorizado na teoria social, e especialmente em RI, onde existe literatura substancial sobre imagens inimigas, mas pouco sobre imagens de amigos, rivalidades duradouras, mas pouco sobre amizades duradouras, sobre as

---

<sup>24</sup> Hurrell (1990) and Huntley (1996).

causas da guerra, mas pouco sobre as causas da paz, e assim por diante. (Wendt, 1999:298)

As duas regras da amizade geram as lógicas e as tendências de nível macro associadas a “comunidades de segurança pluralistas” e “segurança coletiva”. A guerra é sempre uma possibilidade lógica entre os estados, porque a capacidade de violência é inerente à sua natureza, mas em uma comunidade de segurança pluralista, a guerra não é mais considerada uma maneira legítima de resolver disputas.

Isso não impede que surjam conflitos, mas, quando surgem, são tratados por negociação, arbitragem ou pelos tribunais, mesmo quando o custo material da guerra para uma ou ambas as partes pode ser baixo.

Sempre que a segurança de um estado é ameaçada os outros da equipa tem que defender dessa ameaça. Ameaças que sejam de qualquer espécie, podendo ser uma epidemia, podendo ser um desastre ambiental, ou ser algo que não seja um conflito direto com outros estados. Ameaças internas ou externas, que colocam em risco a segurança da humanidade.

---

*A segurança coletiva é baseada no princípio da ajuda mútua, Kropotkin (1914) ou todos “por um, um por todos”: quando a segurança de qualquer membro do sistema é ameaçada por agressão, todos os membros devem se defender mesmo que sua própria segurança individual não está em jogo. (Wendt, 1999*

---

Em uma aliança, os estados se envolvem em ação coletiva porque cada um deles se sente ameaçado individualmente pela mesma ameaça. A colaboração deles é interessada e termina quando a ameaça comum desaparece. Todos cooperam para o bem comum, todos se defendem mutuamente, e prontificam para ajudar em qualquer situação.

---

*A norma é de reciprocidade “generaliza”, na qual os atores se ajudam mesmo quando não há retorno direto ou imediato, como ocorre na reciprocidade “específica”, (Wendt, 1999)<sup>25</sup>*

---

É verdade que a segurança coletiva universal é necessária para uma cultura kantiana em nível global, é a única forma que o estado universal possa surgir. E a pergunta que se coloca é se temos visto isto a escala mundial? Será mesmo que um estado Mundial é inevitável?

Para isso acontecer os estados precisam abrir mão da sua soberania e envolver-se nesse mundo de segurança coletiva universal. Para que isso aconteça os estados precisam operar na lógica da anarquia kantiana onde é “todos por um, um por todos”. Mas ainda

---

<sup>25</sup> Taylor (1982: 29), Keohane (1986a).

estamos muito longe disso. Mas, como Wendt argumenta estamos neste caminho e no futuro será inevitável.

---

*A coerção material na RI tende a ser associada ao realismo, uma característica que define é a crença de que uma cultura kantiana, de qualquer grau de internalização, nunca pode emergir em uma anarquia. A cultura kantiana pode ser um caso difícil para os materialistas, da mesma maneira que a hobbesiana é para os idealistas, mas não é impossível. (Wendt, 1999:298)*

---

Tão dominante na consciência contemporânea é a suposição de que a autoridade deve ser centralizada que os estudiosos, estão apenas começando a lidar com o modo como a autoridade descentralizada pode ser entendida.

Ou seja, em vez de associar o sistema a uma anarquia, pensar em uma hierarquia. Mas esse não é o que defende Wendt, ele argumenta que o Estado Universal, desenvolverá dentro da anarquia, quando todos os estados se perceberem dentro da lógica da cultura Kantiana.

---

*Segundo Wendt, a questão de como pensar em um mundo que está se tornando “domesticado”, mas não centralizado, sobre um mundo “depois da anarquia”, é uma das questões mais importantes hoje em dia, não apenas estudantes de política internacional, mas também de teoria política. (Wendt, 1999-308).<sup>26</sup>*

---

## 2.7 Caso de estudo- A invasão no Iraque e a divisão da comunidade transatlântica

### 2.7.1 A invasão no Iraque e a divisão da comunidade transatlântica

Trouxe esse exemplo para mostrar como que os papéis de inimizade, rivalidade e amizade pode ser entendida no sistema internacional. Segundo Wendt, A UE já não está longe de cumprir os requisitos de um estado Universal. Se uma UE “completada” fosse globalizada, seria um Estado Mundial.

Por este motivo, passaremos a explorar o caso de estudo, que envolve o conflito da guerra do Iraque, e da divisão da comunidade transatlântica, uma forma de mostrar como que as culturas da anarquia defendidas por Wendt, possam ser explicadas em um caso verídico.

O debate sobre invadir ou não o Iraque provocou uma das piores crises transatlânticas, de todo o período pós-Segunda Guerra Mundial. Oito membros da OTAN e dez candidatos à UE alinhando-se publicamente com Washington, e não com a França, a Alemanha que ficaram contra a invasão.

---

*O excesso de poder concentrado na única superpotência tornou possíveis mudanças erráticas nas estratégias norte-americanas. Os aliados europeus e asiáticos ficaram à margem da guerra preventiva contra o Iraque e da democratização do "Grande Médio Oriente", perplexos perante a fixação da potência dirigente na luta contra as redes terroristas pan-islâmicas. (Gaspar, 2019)<sup>27</sup>*

---

Iraque precisou apresentar um documento para demonstrar que não possuía armas de destruição em massa. Como os Americanos, os especialistas Franceses consideraram a declaração Iraquiana incompleta. Contudo, a visão Francesa era de que o Iraque não conseguiu esclarecer questões não resolvidas sobre seu país.

Os EUA ainda não estava prontos para ir a guerra. Bush concluiu que não havia sentido em anunciar publicamente um caminho para a guerra antes que os militares estivessem prontos para o fazer. Depois de todas as ameaças de que Washington não toleraria a menor violação de 1441.

---

*Como os aliados transatlânticos - principalmente os Estados Unidos e a França divergiram-se sobre o Iraque começaram a ficar claros um mês após a aprovação da Resolução 1441, quando, em 7 de dezembro de 2002, o Iraque apresentou sua declaração de armas - 12.000 páginas e dados incompletos.*

*A declaração negou que o Iraque possuísse quaisquer armas de programas de destruição em massa ou agentes precursores, e falhou em prestar contas dos materiais de guerra química e biológica que os inspetores da ONU haviam documentado anteriormente. (Philip Gordon; Jeremy Shapiro, 2004)<sup>28</sup>*

---

Durante dezembro e até janeiro de 2003, muitas autoridades francesas, alemãs e até britânicas ainda acreditavam que uma cooperação suficiente do Iraque poderia impedir a guerra. Infelizmente, não foi isso que aconteceu, em janeiro já se começou a perceber que a guerra era praticamente inevitável, apoiando ou não, a guerra iria se estourar.

O primeiro sinal veio do ritmo das missões militares dos EUA na região, o que sugeria que os Estados Unidos não esperariam para ver como as inspeções, e os debates do Conselho de Segurança da ONU, ocorreram antes de enviar suas forças de combate ao Iraque.

Muito argumentavam, que a oposição Francesa era "insolente" e "irresponsável" em um momento em que todos corriam o risco das armas de destruição em massa do Iraque e seu potencial de cair nas mãos de terroristas. Eles estavam preocupados em defender a sua segurança, mas os Franceses estavam também preocupados com a situação do Iraque, ou ao menos tentaram mostrar que era isso a sua preocupação.

---

<sup>27</sup> (Gaspar, 2019:151-160)

<sup>28</sup> Allies At War: America, Europe and the Crisis Over Iraq (Philip Gordon; Jeremy Shapiro, 2004:115-154)

Os Franceses ainda argumentava, que as condições para o uso da força no Iraque ainda não haviam sido atendidas. A declaração de armas do Iraque estava incompleta, e a cooperação os inspetores não eram perfeitos, mas estavam sendo feitos progressos. Em qualquer caso, os franceses insistiram que apenas o Conselho de Segurança poderia autorizar o uso da força e, de acordo com a Resolução 1441.

Isso mostra que a mesmo que os estados possam operar em papéis de amizade numa lógica de cultura Kantiana, “onde a regra de um por todos e todos por um” é muito difícil concordarem com tudo e mesmo assim tentar procurar formas pacíficas para resolver a questões.

Neste caso, a União Europeia, era apenas uma personificação daquilo que possa vir ser um Estado Universal. Mesmo que, as disputas possam ser resolvidas sem guerra, eles terão uma equipe, se a segurança de alguém for ameaçada por terceiros, eles se unem para deter essa ameaça.

O Estado Universal, só poderá ser inevitável se funcionar na condição dessas duas regras a regra da não-violência e a regra da ajuda mútua. Neste estudo, só prova como é difícil os estados abrirem mão da sua soberania para um Estado Mundial, porque todos querem ter voz e serem respeitados nas suas decisões.

Os Estados Unidos, devido a sua preponderância conseguiu agregar todos os seus aliados, quer fossem a favor ou não. Defenderem uns aos outros contra a ameaça do terrorismo, isso numa escala regional. Falar de um Estado Universal, seria numa escala global, e também com ameaças e problemas de ordens globais.

#### 2.7.2 A divisão transatlântica e o papel de amizade (Cultura Kantiana) nas RI

Muitos argumentaram, que os principais fatores por trás da oposição Francesa à guerra eram políticos e estratégicos. A profundidade da oposição europeia à guerra no Iraque deixou muitos americanos profundamente ressentidos e intrigados, com a posição francesa e alemã.

Tendo visto em 11 de setembro de 2001, e o que os terroristas poderiam fazer, e dado o histórico do regime iraquiano, por que a comunidade internacional não deveria se unir em apoio aos Estados Unidos para usar a força para se livrar de Saddam Husayn?

---

*A Alemanha e a França têm um julgamento idêntico sobre essa crise, que é essencialmente baseada em duas ideias. A primeira é que o Conselho de Segurança e apenas o Conselho de Segurança podem tomar as decisões, em conformidade com as resoluções relevantes que adotou. (Philip Gordon; Jeremy Shapiro, 2004:115-154)*

---

Era verdade, no entanto, que a nova solidariedade Franco-Alemã era mais do que oposição à própria guerra do Iraque. O contexto político europeu em evolução estava levando Chirac e Schroder, que antes haviam encontrado pouco terreno político

comum, e ambos viram uma oportunidade na nova situação de influenciar o futuro da Europa.

Mas, essa “rebeldia” podemos assim dizer, podia trazer graves consequências para o futuro da aliança com a superpotência e resto dos seus aliados. Uma vez que, estavam indo contra os Estados Unidos a superpotência, poderiam colocar em risco a sua aliança. Isso era percebido como uma forma, de se impor e não se colocar em submissão aos EUA e o resto dos aliados da OTAN.

---

*A segunda realidade é que, para nós, a guerra é sempre um reconhecimento de derrota e sempre a pior solução e, portanto, tudo deve ser feito para evitá-lo. A França e a Alemanha agora tinham uma posição comum contra a guerra e as esperanças de um acordo transatlântico estavam diminuindo. (Philip Gordon; Jeremy Shapiro, 2004:115-154)*

---

Os papéis de rivalidade da cultura lockeana, têm uma lógica diferente dos papéis de inimizade da cultura hobbesiana. Como inimigos, os rivais são constituídos por representações sobre o Eu e o Outro com relação à violência, mas essas representações são menos ameaçadoras.

Ao contrário dos inimigos, os rivais esperam que eles ajam como se reconhecessem sua soberania, sua “vida e liberdade”, como um direito e, portanto, não tentar conquistá-los ou dominá-los. No entanto, o reconhecimento entre os rivais não quer dizer que estão livre da violência nas disputas.

Os líderes da França, Alemanha, Bélgica e Luxemburgo, que se opunham à guerra contra o Iraque. A suposição de que a França e a Alemanha eram os líderes naturais da Europa há muito causava ressentimento na Europa. Eles não foram informados da carta que expressava solidariedade para os Estados Unidos que os outros aliados estavam a fazer. Com essa carta, os outros membros demonstram que a França e a Alemanha não eram líderes da Europa como imaginavam.

Isso tudo mostra como que o Estado Universal, possa ser muito difícil de ser alcançado. Se no nível regional já é difícil, imagina no nível global. Porque os estados não estão dispostos a abrir mão da sua soberania.

Segundo Wendt, quando os estados entram na lógica da rivalidade, isso implica que, quaisquer que sejam os conflitos que possam ter, os estados devem se comportar de maneira semelhante à soberania um do outro. Enquanto, os inimigos precisam tomar decisões com base em alta aversão ao risco, poder relativo, a rivalidade permite uma visão mais relaxada do que inimizade.

Para que, o processo do Estado Universal, possa ser alcançado é necessário ter uma **autoridade supranacional universal**, onde as tomadas de decisão tem de ser do poder comum, que gere os outros estado, e um problema fundamental é que nenhum estado abra mão da sua soberania por um Estado-maior e ser regido por uma autoridade

centralizada. Isso exigiria que os estados territoriais entregassem a soberania a uma subjetividade global no domínio da segurança global.

Com essa crise, podemos perceber como os estados se comportam em ambos os papéis de inimidade, rivalidade e amizade. Mesmo que, a França e a Alemanha não estão de acordo com a intervenção no Iraque. Ainda assim, continuam a ter um papel de amizade com os EU. Mas, isso não implica que estejam livre de desacordos, mas cada um mantém a sua soberania e o seu direito de decidir livremente.

Podemos explicar, que a oposição francesa se deve a motivações “antiamericanas”. No entanto, essa explicação não se sustenta. Outro principal motivo, se deve, aos interesses comerciais. Pensarmos que, isso pode ser a causa da oposição da França e da Alemanha à política dos EUA no Iraque, enquanto outros governos da Europa a apoiam. Acreditamos que, apenas queriam mostrar com essa atitude contra, que possuem voz e que as decisões não podem ser tomadas, apenas pelos Estados Unidos. Ou seja, eles se opuseram para demonstrar sua liberdade de escolha, seu livre arbítrio.

---

*Duas das explicações mais comumente sugeridas para a política francesa e alemã – interesses comerciais e antiamericanismo – são, na melhor das hipóteses, incompletas. (Gordon, 2003)<sup>29</sup>*

---

Enquanto, muitos líderes europeus estão dispostos a apoiar os Estados Unidos no Iraque, mesmo que a maioria de seu público se oponha à guerra, os líderes franceses, em particular, simplesmente não estão preparados para aceitar que as decisões sobre guerra global e paz sejam decididas unilateralmente em Washington, especialmente se grande parte da opinião internacional preferiria seguir um curso diferente.

Não foi nem o antiamericanismo e nem questões económicas, mas é uma recusa em aceitar a liderança dos EUA simplesmente porque os Estados Unidos são a grande potência. As divisões internas da Europa sobre o Iraque, nesse sentido, têm tanto a ver com as atitudes de diferentes países em relação à liderança americana quanto com as diferentes visões sobre o que fazer com o Iraque.

---

*As divergências entre as democracias ocidentais são reais e profundas. Em primeiro lugar, os Estados Unidos e os aliados europeus estão em posições distintas e a prioridade absoluta atribuída à «Guerra Global Contra o Terrorismo» em Washington não é partilhada nem por Paris nem por Berlim: só Blair está preparado para assumir, em nome da lação especial - anglo - americana, a centralidade estratégica da luta anti terrorista na política internacional. (Gaspar, 2016:315-345)<sup>30</sup>*

---

---

<sup>29</sup> The Crisis in the Alliance Philip H. Gordon Monday, 2003

<sup>30</sup> No proprio dia 11 de Setembro, Blair declara: «The mass terrorism is the new evil in our world» Tony Blair (2010):352. Ver também Tony Blair. Building an International Community. Address to the Labour Party Conference, 2 de Outubro de 2001.

Em Washington, no dia 11 de Outubro, o Congresso autoriza o presidente a intervir no Iraque, por uma forte maioria 290 contra 133 votos na Câmara dos Representantes, 71 contra 23 no Senado.

---

*Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha querem uma resolução definitiva, cuja violação autorize a intervenção militar, mas a França rejeita esse automatismo e, com o apoio da Rússia e da China, reclama a aprovação de uma segunda resolução antes de se iniciar a guerra. (Gaspar, 2016)<sup>31</sup>*

---

A decisão final do presidente dos Estados Unidos sobre a invasão do Iraque é tomada nas primeiras semanas de 2003, quando Bush desiste de obter o consenso dos seus pares no Conselho de Segurança, perante a oposição da França, que conta com o apoio da Rússia e da China, à estratégia norte – americana.

---

*A Guerra do Iraque é fulgurante. Contra todas as expectativas, em três semanas, entre 20 de Março e 10 de Abril de 2003, as forças armadas norte - americanas e britânicas neutralizam o exército iraquiano, incluindo as unidades de elite da guarda republicana e os fedayiin ", e ocupam Bagdad, em direto na televisão internacional e perante a aparente indiferença da população local. Durante os 21 dias da operação Iraqi Freedom, as forças dos Estados Unidos e da Grã - Bretanha sofrem 155 baixas mortais, entre as quais 122 norte - americanos e 33 britânicos. (Gaspar, 2016)<sup>32</sup>*

---

Doze anos depois, a segunda guerra contra o Iraque, sem mandato específico do Conselho de Segurança, sem aliados e sob o falso pretexto da ameaça das armas de destruição maciça na posse do Iraque que nunca chegaram a ser encontradas, é o exato oposto da primeira guerra contra o Iraque, mas a demonstração da superioridade militar dos Estados Unidos, a rapidez da decisão no campo de batalha e a deposição do regime de Saddam Hussein são decisivas para pôr entre parêntesis as circunstâncias excepcionais da invasão. (Gaspar, 2016)

A crise transatlântica chega ao fim com a vitória na Guerra do Iraque. Todos os aliados, incluindo a França, com a deposição de um regime brutal e perigoso e, no dia seguinte, os Estados Unidos e seus aliados ocidentais, tal como a Grã-Bretanha e os seus parceiros entram na vida da reconciliação. (Gaspar, 2016)

---

<sup>31</sup> Jacques Chirac ( 2011):371

<sup>32</sup> John Keegan (2004): 127:164-204, Victor Davis Hanson (2004). Between War and Peace. Lessons from Afghanistan and Iraq. 187-200. Nova Iorque: Random House.

---

*A crise provocada pela invasão do Iraque é a pior de todas as crises da aliança ocidental, incluindo a crise do Suez, quando os Estados Unidos, ao lado da União Soviética, condenam nas Nações Unidas a intervenção militar da França e da Grã-Bretanha, que querem derrubar o regime do coronel Nasser no Egito. (Gaspar, 2016)<sup>33</sup>*

---

- Em primeiro lugar, a crise revela a determinação dos Estados Unidos, que não hesitam em dividir os aliados para impor a sua vontade, a par das decisões, igualmente inéditas, tanto da República Federal, que não hesita em se opor ao seu principal aliado numa questão estratégica considerada essencial, como da França, disposta a vetar no Conselho de Segurança, ao lado da Rússia e da China, uma resolução apresentada pela principal potência ocidental.
- Em segundo lugar, a vaga de antiamericanismo nos países europeus prejudica duradouramente a imagem dos Estados Unidos e mina as condições políticas indispensáveis para sustentar, dos dois lados do Atlântico, os consensos internos sobre a continuidade da NATO.
- Em terceiro lugar, a divisão aliada não só confirma as divergências sobre a estratégia antiterrorista e as regras do uso da força, como sublinha a ausência de uma visão comum sobre o futuro da política internacional.
- A divisão da comunidade transatlântica revela, em paralelo, a tentação revisionista dos Estados Unidos, que querem transformar a ordem unipolar em nome do internacionalismo democrático, e a tentação revisionista da Alemanha e da França, que se aproximam da Rússia e da China em nome da alternativa multipolar.

---

*O império da força e a força do império conjugam-se para sublinhar a profundidade e a intensidade da crise, que vai pôr à prova a continuidade da comunidade transatlântica, incluindo a NATO e a União Europeia. (Gaspar, 2016)<sup>34</sup>*

*Mas a continuidade da NATO continua a ser crucial para os aliados europeus, não só para contrabalançar a Rússia, mas também para garantir o status quo nas relações entre as potências regionais, incluindo a permanência do estatuto da Alemanha como Estado não - nuclear. (Gaspar, 2016)<sup>35</sup>*

---

---

<sup>33</sup> Henry Kissinger. «NATO's Split : Atlantic Alliance Is in Its Gravest Crisi», San Diego Union tribune, 16 de Fevereiro de 2003. Sobre a crise transatlântica, ver Philip Gordon, Jeremy Shapiro (2004). Robert Kagan (2002) «Power and Weakness» Policy Review 4 : 3-28.

<sup>34</sup> Jolyon Howorth (2003)- France, Britain, and the Euro - Atlantic Crisis, Survival 48(4): 188.

<sup>35</sup> Mare Trachtenberg (2003). «The Iraq Crisis and the Future of the Western Alliance» in David Andrews, editor (2005) The Atlantic Alliance under Stress. US - European Relations after Iraq 201-231. Cambridge: Cambridge University Press.

A crise não provoca a rutura da Aliança Atlântica, nem da União Europeia. Mas prejudica a legitimidade, bem como a centralidade da comunidade de segurança transatlântica na ordem internacional.

E isso deixa claro, como é necessário ter uma única autoridade central para tomar as decisões mais urgentes da humanidade. Os Estados Unidos perdeu uma grande oportunidade para formar um único centro de poder. E seria muito mais difícil vencer se outros estados revisionistas, como a China e a Rússia decidissem ficar contra os Estados Unidos e a União Europeia.

---

*A invasão americana do Afeganistão em 2001 teria sido muito mais problemática se a Rússia decidiu retribuir o favor ajudando o Talibã... A Rússia absteve-se de fazê-lo, mas na verdade prestou uma assistência crucial às forças dos EUA, compartilhando inteligência e também facilitando a criação de novas bases americanas na região. (Stephen G. Brooks & Wohlforth, 2008)*

---

Segundo Wendt, os realistas podem apontar que os estados nunca podem estar “100% certos” sobre as intenções um do outro porque não conseguem ler a mente um do outro ou ter certeza de que não mudarão, e a partir disso argumentam que, desde que na anarquia os custos de um erro pode ser fatal estados não têm escolha senão representar um ao outro como inimigos.

Esse raciocínio faz sentido em uma cultura hobbesiana, mas hoje é difícil ver sua força, quando quase todos os estados sabem que quase todos os outros estados reconhecem sua soberania.

Neste caso de estudo podemos ver, que nenhum dos atores estão certos das intenções uns dos outros. E por este motivo que cada um dos estados possui o seu poder militar. Mesmo que não se percebem como inimigos, mas ainda assim querem se impor nas tomadas de decisão.

Nenhum estado está livre de ameaças. Mesmo que se percebem como “amigos”, ainda assim, o poder militar é importante. Os “rivais” também sabem que outros podem usar a força para resolver disputas, mas seu significado é diferente do que é para os inimigos porque a instituição da soberania altera o “equilíbrio de ameaças”.

No mundo hobbesiano o poder militar domina toda a tomada de decisão, enquanto no Lockeana é menos prioritário. As ameaças não são existenciais e os aliados podem ser mais facilmente confiáveis quando o poder de cada um é insuficiente.

Como no caso da França e da Alemanha. Sabem que seu poder é muito limitado comparado com o poder excepcional dos EU. Certamente, não seriam loucos de se opor a sua autoridade. Mesmo que até num primeiro momento fossem contra, isso logo mudaria devido ao nível de poder.

Inimigos e rivais podem ser igualmente propensos à violência, mas uma pequena diferença de papéis faz uma grande diferença em seu grau. Os rivais limitaram a sua

violência e na percepção de inimigos a violência é ilimitada. Como podemos ver neste caso de estudo, o EUA e aqueles que apoiaram, percebem o Iraque como inimigo, por questões do terrorismo, e ao irem a guerra não limitem a sua violência.

---

*A inimizade é um problema muito maior para a política internacional do que a amizade, e a história sugere que poucos estados permanecem amigos por muito tempo. Os realistas veem isso como evidência de que a busca pela amizade na anarquia é utópica e até perigosa, e que o máximo que podemos esperar é que os estados ajam com base em "interesses" (rivalidade?). (Wendt, 2003)*

---

Os estadistas hoje rotineiramente se referem a outros estados como amigos. Pelo menos é refletida em seu comportamento. Os EUA, a França e na Alemanha, cujo comportamento recente parece mais fácil de explicar pela lógica da amizade do que por inimizade ou rivalidade.

A amizade existe quando os estados esperam que cada um observe as duas regras. A não-violência e a ajuda mútua impõem limites sobre como outras questões podem ser tratadas, mas dentro desses limites os amigos podem ter um conflito considerável.

Como vimos, neste caso de estudo, a oposição dos Francesa e Alemã, foi uma forma de se oporem, e mostrar que possuem o seu livre arbítrio e podem optar por escolher outro caminho, em vez das decisões serem tomadas apenas pelos EUA.

Não obstante, isso não impediu que continuassem a ser aliados dos Estados Unidos. Ou seja, neste caso de estudo, chegamos a conclusão que os amigos podem, é claro, ter uma briga, mas a expectativa deles é que o relacionamento continue.

### 3 Capítulo III - O Estado Universal segundo Alexander Wendt

De acordo com Wendt, no entanto, o que se aplica ao passado não se aplica necessariamente ao futuro, particularmente por causa de uma variável chave (o avanço tecnológico). Segundo o autor, não há garantia de que o Estado Universal acontecerá, mas pode dizer que qualquer futuro é inevitável. Wendt admite que, não pode dizer com mais precisão quando espera que um Estado Mundial, mas é inevitável que aconteça.

---

*No nível micro a formação do estado mundial é impulsionada pela luta de indivíduos e grupos para o reconhecimento de sua subjetividade. No nível macro, a luta é canalizada para um estado mundial pela lógica da anarquia, o que gera uma tendência para a tecnologia militar e a guerra se tornarem cada vez mais destrutivo. (Wendt, 2003)<sup>36</sup>*

---

Anarquia internacional combinada com uma tecnologia cada vez mais destrutiva pode justificar um estado mundial, mas, sem alguma força animadora movendo o sistema nessa direção, podemos nunca chegar lá. É preciso haver essa força motivadora, que venha lutar para desenvolvimento do Estado Universal. E isso não é uma tarefa fácil, mas não é impossível.

Todos os sistemas internacionais compostos por mais de um estado necessário envolve reconhecimento assimétrico, todos tais sistemas são, em última instância, instáveis a longo prazo. Apenas o Estado mundial pode fornecer estabilidade a longo prazo.

---

*Quando tudo estiver dito e feito, apenas um único estado mundial pode fornecer reconhecimento simétrico para todos e, portanto, apenas um único estado mundial é finalmente estável. (ISN, 2013)<sup>37</sup>*

---

De acordo com Wendt, se juntar o avanço da tecnologia devido à anarquia internacional e a luta hegeliana pelo reconhecimento simétrico, essas duas condições, tornam então inevitável um estado mundial. De “cima para baixo”, a anarquia hobbesiana continuará levando os Estados a se desenvolverem cada vez mais armas destrutivas, que tornarão um estado mundial cada vez mais atraente. De “baixo para cima”, o a luta pelo reconhecimento acabará por destruir todas as ordens internacionais, exceto por um Estado Mundial.

---

<sup>36</sup> Wendt, A. (2003). Why a World State is Inevitable. *European Journal of International Relations*, 9(4), 491–542.

<sup>37</sup>The Future of the State: Is A World State Inevitable? ISN, Center for Security Studies (CSS), ETH Zurich, Switzerland, 2012.

---

*A teleologia de Wendt passa por cinco estágios (1) de um “sistema de estados” hobbesiano; (2) a uma “sociedade de estados” lockeana que “vive e deixa viver”; (3) para uma “sociedade mundial”, marcada pela resolução não violenta de disputas de uma comunidade de segurança pluralista universal “não mais livre para fazer a guerra”; (4) a um sistema de “segurança coletiva” de “um por todos e todos por um”; e finalmente (5) para um estado mundial em que a autoridade para usar a força e reconhecer os povos reside apenas com um governo mundial. (Shannon, 2005)*

---

Se para Wendt, um Estado Mundial é inevitável, os estados que adotam tais políticas se sairão melhor a longo prazo do que aqueles que adotam uma visão realista. Resumindo, para o autor é melhor “entrar no programa” do que esperar até que “esse programa” o pega de surpresa. Como diz o ditado popular “é melhor prevenir do que remediar”.

Wendt pensa como um economista, que divide o sistema internacional no nível micro e no nível macro. Para que um Estado Universal, possa ser alcançado precisa evoluir, passar por várias etapas, quando os indivíduos e os grupos estiveram completamente reconhecidos dentro do sistema, então o Estado Universal será inevitável.

O processo passa por cinco etapas, cada um respondendo às instabilidades do anterior, um sistema de estados, uma sociedade de estados, sociedade mundial, segurança coletiva e o Estado Mundial.

Kant não esperava que desenvolvessem uma identidade coletiva, na sua visão os estados permanecem egoístas que mantêm sua soberania. Os autores realistas nunca previam cooperação dentro da anarquia. Para eles os estados são autossuficientes e defendem a qualquer custo a sua autonomia. Hegel e Kant tinham as mesmas visões sobre o Estado Universal, apesar que naquela época muitas coisas eram diferente e não defendiam que um Estado Universal pudesse desenvolver dentro de uma anarquia.

---

*Os Estados também buscam reconhecimento, mas, em sua opinião, permanecem totalidades autossuficientes. Sua luta pelo reconhecimento não produz solidariedade supranacional, nos deixando no “fim da história” com um mundo de vários estados (Fukuyama, 1992: 255).<sup>38</sup> Alguns críticos sugeriram que o raciocínio de Hegel aqui é inconsistente e que ele deveria ter defendido um estado mundial. (Wendt, 2003)*

---

Enquanto, Hegel fornece a base para uma conclusão diferente visto que o efeito da luta por reconhecimento é precisamente transformar a identidade egoísta em identidade coletiva e, eventualmente, um estado.

---

<sup>38</sup> Fukuyama, Francis (1992) *The End of History and the Last Man*. New York: Avon Books.

Enquanto, para Kant os estados premassem egoístas e não abrissem mão da sua soberania. Wendt defende que o estado universal a luta não será apenas entre indivíduos querendo ter reconhecimento. Hegel espera esse resultado apenas na luta entre indivíduos.

O Estado Universal só poderá existir se todos os estados reconhecerem como tal e sujeitar a sua soberania com base no princípio de ajuda mútua e cooperação contra as ameaças. Nos dias de hoje, as guerras custam muito mais do que no passado. Com a tecnologia de hoje, as guerras parecem intoleráveis. Não é assim tão simples entrar numa guerra. Porque, os custos para suportar é extremamente altos, e isso impede que os estados estejam sempre em conflito.

---

*Kant rejeitou a possibilidade de um estado mundial em parte porque a tecnologia de sua época o impedia (Carson, 1988: 177; Guyer, 2000: 416-17)<sup>39</sup>, e ao postular um estado final em que a guerra permanecesse legítima, Hegel não pensou seus custos se tornariam intoleráveis. (Wendt, 2003:493)*

---

Ambos Kant e Hegel, rejeitaram a possibilidade de um Estado Universal, porque a visão daquele tempo, era bem diferente de hoje, e principalmente pelos avanços tecnológicos que surgiram nos últimos tempos.

Segundo Wendt, nenhum dos dois antecipou as dramáticas mudanças tecnológicas do século passado, que são em parte causadas pelo dilema da segurança e, portanto, endógenas à anarquia.

---

*Como Daniel Deudney (1999, 2000)<sup>40</sup> Convincentemente argumenta, essas mudanças aumentaram muito os custos da guerra e também a escala em que é possível organizar um estado. Com essas mudanças materiais, a luta pelo reconhecimento entre os estados mina sua autossuficiência e torna inevitável um estado mundial (Wendt, 2003-493)*

---

O argumento mais convincente para a formação de um Estado Universal, está basicamente nos altos custos que a guerra provoca, e no rasto de destruição que fica. Se os estados entregam a sua soberania, e em troca são reconhecidos tanto os grupos e os indivíduos, então isso acaba por tornar um Estado Universal inevitável, não seria mais necessário estar constantemente em guerra uns com os outros, porque o Estado Universal assumiria todas as responsabilidades do Sistema Internacional.

---

<sup>39</sup> Carson, Thomas (1988) “Perpetual Peace: What Kant Should Have Said”, *Social Theory and Practice* 14(2): 173–214. Guyer, Paul (2000) “Nature, Morality, and the Possibility of Peace”, in Paul Guyer, *Kant on Freedom, Law, and Happiness*, pp. 408–34. Cambridge: Cambridge University Press.

<sup>40</sup> Deudney, Daniel (1999) “Geopolitics and Change”, in Michael Doyle and G. John Ikenberry *New Thinking in International Relations Theory*, pp. 91–123.

A soberania é um fator chave na formação do Estado Mundial. Um das ferramentas fundamentais para que possa surgir um Estado Universal é basicamente os Estados abrirem mão da sua soberania em prol de estado-maior que venha comandar tudo, com a finalidade de juntos cooperarem para o bem comum da humanidade.

---

*Na visão de Carl Schmitt (1985)<sup>41</sup>, a soberania se resume à capacidade de decidir unilateralmente que certos indivíduos ou grupos não fazem parte da comunidade e, portanto, podem, se necessário, ser mortos. (Wendt, 2003:493)*

---

Na definição, de Carl Schmitt, um Estado Mundial está claramente distante e exigiria três mudanças fundamentais no sistema mundial atual. (Wendt, 2003:505)

1. O primeiro é o surgimento de uma **Comunidade de Segurança Universal** - Os membros do sistema não devem mais se perceber rotineiramente como ameaças físicas e esperar resolver suas disputas pacificamente (Adler e Barnett, 1998).<sup>42</sup>

Isso não significa que um mecanismo de aplicação seria supérfluo, uma vez que sempre há a possibilidade de violência entre os estados, mas um dilema de segurança generalizado não existiria. Todos os estados entenderam que todos devem apoiar uns aos outros para irem contra as ameaças comuns. Aqueles estados que não se juntarem serão vistos como adversários ao estado-maior.

2. A segunda é a **Segurança Coletiva Universal** - Se o crime ocorrer, os outros membros do sistema devem agir como se uma ameaça a um fosse uma ameaça a todos. Juntas, essas duas mudanças criariam um poder comum global. A comunidade de segurança universal juntamente com a segurança coletiva universal se tornaram parte do Estado Universal com a promessa da ajuda-mutua entre os estados. Os estados já não usufruíram da sua soberania, mas serão partes de um estado-maior.
3. A terceira é a **Autoridade Supranacional Universal** - Um procedimento para tomar decisões vinculativas e legítimas sobre o exercício desse poder comum. Isso exigiria que os estados territoriais entregassem a soberania a uma subjetividade global no domínio da segurança e, como tal, vai além da segurança coletiva e da federação pacífica de Kant, na qual os estados mantêm sua soberania.

---

<sup>41</sup> Schmitt, Carl (1985) *Political Theology: Four Chapters on the Concept of Sovereignty*. Cambridge, MA: MIT Press.

<sup>42</sup> Adler, Emanuel and Michael Barnett (1998) *Security Communities*. Cambridge: Cambridge University Press.

---

*Como nos estados territoriais de hoje, a cooperação com um estado mundial seria obrigatória e exequível. Uma vez que defini o estado territorial parcialmente em termos de soberania, isso significaria de fato que os elementos de um estado mundial não seriam mais "estados" em sentido estrito, mas realizações locais de um estado-maior. (Wendt, 2003-506)*

---

O Estado Mundial supostamente cooperaria com todos os outros estados. Os estados seriam realizações locais de um estado-maior. No sentido que quem comandava toda a tomada de decisão seria o Estado Universal e eles seria membros reconhecidos, tanto os estados como também os indivíduos.

---

*Em suma, desde que tenha um poder comum, legitimidade, soberania e agência, não devemos prejudicar a forma que um estado mundial pode assumir. A UE já não está longe de cumprir estes requisitos a nível regional. Se uma UE "completada" fosse globalizada, seria um estado mundial. (Wendt, 2003-506)*

---

### 3.1 Estágio Um: O Sistema de Estados

Neste estágio o sistema se encontra nos moldes da cultura hobbesiana, que é caracterizado essencialmente pela ausência de qualquer mecanismo para fazer cumprir a cooperação entre esses estados (anarquia).

Ou seja, não há autoridade, existe ausência de hierarquia. A sua alta taxa de mortalidade, só prova que quando os estados operam numa cultura hobbesiana torna difícil a formação de ideias compartilhadas. Mesmo que, essas ideias venham se formar, ainda é difícil ver por que os estados teriam participação nelas. E isso é fundamental na proposição construtivista de que ideias internalizadas constituem identidades e interesses.

Existe uma crença mútua de que são "inimigos" (Wendt, 1999: 260-3), sem direitos e, portanto, a com restrições sociais sobre o que podem fazer. Como não há reconhecimento, não há identidade coletiva percebida no sistema e, por implicação, os estados nem mesmo têm subjetividade genuína.

Representar o Outro como inimigo tende a ter algumas implicações, como vimos anteriormente, e uma delas é basicamente, as capacidades militares que serão vistas como cruciais neste sentido. Como as intenções revisionistas do inimigo são "conhecidas", o estado pode usar as capacidades do inimigo para prever seu comportamento, supondo que ele atacará assim que puder vencer.

O poder se torna a chave para a sobrevivência e, como tal, mesmo os estados do status quo se armarão vigorosamente no princípio de "se você quer paz, prepare-se para a guerra". O poder é crucial, na tomada de decisões entre os estados.

A inimizade, em suma, dá às capacidades um significado particular, que não deriva nem suas propriedades intrínsecas, nem da anarquia como tal, mas da estrutura da relação de papéis. Sendo assim, o estágio hobbesiano é instável no longo prazo, porque não começa a atender às necessidades de reconhecimento.

Nessa cultura, o poder é essencial e a guerra pode ocorrer a qualquer momento, os atores mais fracos são eliminados, ou seja conquistados, aqueles que não estão adaptados para a guerra e que são fracos militarmente para competir. Segundo Wendt, se o sucesso gera sucesso e as conquistas continuam, eventualmente restará apenas um estado e o sistema não será mais anárquico.

Passa a ser um sistema, onde opera uma hierarquia, uma espécie de império. Tal resultado pode até vir a ser visto como legítimo por seus súditos e, portanto, ser estável por algum tempo. No entanto, se o conquistador não reconhecer suas vítimas, eles acabarão por tentar escapar, recriando assim um sistema anárquico.

Se o conquistador do mundo reconhecer suas vítimas como sujeitos plenos, então um Estado Mundial estável terá sido alcançado sem os estágios intermediários de desenvolvimento. Segundo o autor uma anarquia hobbesiana é instável no longo prazo e, eventualmente, se moverá em direção a uma cultura não hobbesiana.

### 3.2 Estágio Dois: A Sociedade dos Estados

Neste estágio de desenvolvimento do Estado Universal ainda não é um sistema de auto-ajuda. A anarquia é um caso difícil para o construtivismo, pois neste tipo de estágio ainda opera a regra de “cada um por si”, e isso torna difícil a formação de ideias compartilhadas.

Um dos propósitos fundamentais do construtivismo é que as ideias internacionalizadas constituem entidades e interesses, e se no sistema não se consegue formar e compartilhar ideias, então ainda não se consegue desenvolver um estágio maior para um Estado Universal.

Neste estágio, os estados reconhecem a soberania, mas não a dos cidadãos uns dos outros. Esse é um estágio mais avançado do mundo hobbesiano. Em que os estados não reconhecem a autonomia e resolvem os problemas com violência.

---

*Nesta cultura, os estados reconhecem a soberania jurídica uns dos outros como sujeitos independentes, mas não a dos cidadãos uns dos outros. Isso implica a aceitação de certas restrições à ação do Estado, mas torna possível uma medida correspondente de liberdade positiva e subjetividade que não existe no mundo hobbesiano. (Wendt, 2003-519-520)*

---

Há também o surgimento de alguma solidariedade entre os estados, eles se veem como um “nós” sujeito a certas regras, que fornece um recurso para cooperação limitada.

Por outro lado, a profundidade dessa identidade coletiva permanece rasa e, em particular, a guerra limitada permanece aceitável. Quando os estados reconhecem-se como inimigos eles tentam revisar a liberdade do outro, imputando intensão agressiva a fim dos seus resultados.

---

*A guerra não pode ser usada para conquistar outros estados, mas ainda é legítima para fins de ganho territorial ou outro - o que John Ruggie (1998: 162-3)<sup>43</sup> chama de guerras “posicionais” em oposição a guerras “constitutivas”. Assim, embora os estados não mais se constituam como “inimigos”, eles ainda o fazem como “rivais” (Wendt, 1999: 162-3).*

---

### 3.3 Estágio Três: Sociedade Mundial

Este terceiro estágio de desenvolvimento do Estado Universal segundo Wendt, representa a cultura lockeana. Ou seja a lógica da anarquia evoluiu de um papel de inimizade para um papel de rivalidade. Se uma cultura lockeana não é um estado final estável, então em que direção o sistema irá?

Mesmo que o sistema retroceda temporariamente de seu caminho de desenvolvimento, as instabilidades da cultura hobbesiana significam que eventualmente ela deve retornar à cultura lockeana e sua fonte primária de instabilidade (a guerra) que só pode ser resolvida avançando.

Um dos principais objetivos para se alcançar o estado universal está justamente no fato de evitarmos as guerras entre os estados, e quando se opera numa anarquia com a lógica de rivalidade, não quer dizer que a guerra não pode existir, mas que os estados rivais podem limitar a sua ofensiva.

Ao fazer guerra, os estados desenvolveram uma forma mais densa de solidariedade, do que uma sociedade de estados, que expande a liberdade positiva para indivíduos e estados. Ou seja, se uma cultura de “guerra de todos contra todos” não é um caminho propício para o desenvolvimento do Estado Universal, logo temos que evoluir para a cultura de “viva e deixa viver” da sociedade anárquica lockeana.

Segundo Wendt, pensar que sempre o sistema avançara para um estágio de desenvolvimento maior que o anterior é o caminho para avançar para o Estado Universal. E isso torna uma das maiores críticas para a evolução do seu programa. Porque, não respeita cada uma das etapas. Passa de um estágio para outro, apenas justificando que o sistema precisa avançar.

---

<sup>43</sup> Ruggie, John (1998) “What Makes the World Hang Together?”, *International Organization* 52(4): 855–85.

O problema imediato da guerra é resolvido com a criação de uma comunidade de **segurança pluralista universal**, que acrescenta o requisito de resolução não violenta de disputas às condições de fronteira do sistema.

---

*O reconhecimento mútuo no nível do sistema agora começa a se estender a indivíduos e também a estados, tornando-o análogo ao reconhecimento encontrado em estados territoriais plenamente formados. (Wendt, 2003-520-521)*

---

Como desse modo, esse estágio pode ser chamado de **sociedade cosmopolita ou mundial**. No entanto, esse estágio de desenvolvimento também não é um estado final estável, devido à ausência de proteção coletiva contra agressão. Mesmo que, neste estágio já começa a atender não só a indivíduos, mas também aos estados. Os estados já não operam na lógica “de matar ou ser morto”, agora existe um pouco de solidariedade. Mas isso, não implica que não resolvem os problemas com violência.

---

*Mesmo que todos hoje estejam comprometidos com a resolução pacífica de disputas, sempre existe a possibilidade no futuro de estados desonestos ou “criminosos” emergirem por meio da revolução doméstica, que rejeitam a não-violência e atacam outros membros do sistema (cf. Mearsheimer, 2001)<sup>44</sup>*

---

#### 3.4 Estágio Quatro: Segurança Coletiva

Neste estágio, os estados e os indivíduos reconhecem a soberania uns dos outros, já compartilham uma cultura baseada em uma estrutura de papéis diferentes. O papel de amizade começa a surgir, ou seja, como já vimos anteriormente, a amizade é uma estrutura de papéis dentro da qual os estados esperam que cada um observe duas regras simples: (1) as disputas serão resolvidas sem guerra ou a ameaça de guerra (a regra da não-violência); e (2) eles terão como equipe se a segurança de alguém for ameaçada por terceiros (a regra da ajuda mútua).

Agora já não são inimigos declarados, os estados esperam agora que reconheçam a sua soberania e não tentar conquistá-los ou dominá-los. Para ser um Estado Universal é preciso que os estados operem numa cultura de amizade, onde estão livres de violência nas disputas.

---

*Nesse estágio, o sistema adquire uma condição de limite adicional: não apenas seus membros - agora indivíduos e Estados - devem reconhecer a soberania uns dos outros e praticar a resolução não violenta de disputas, mas também devem se defender contra ameaças com base no princípio de “todos por um e um por todos”. O sistema agora atingiu uma “cultura kantiana” de segurança coletiva ou “amizade” (Wendt, 1999: 298-9).*

---

---

<sup>44</sup> Mearsheimer, John (2001) “The Tragedy of Great Power Politics”. New York: Norton.

Os atores têm um senso de identidade coletiva bem desenvolvido no que diz respeito à segurança, de modo que cada um sustenta sua diferença ao se identificar com o destino do todo. Embora hoje, estejamos longe de ter uma tal identidade em escala global, seus benefícios já foram demonstrados em nível regional. Que é o caso da União Europeia e da NATO.

No entanto, um Sistema de Segurança Coletiva Universal, não é um Estado Mundial. Para ser um Estado Mundial o reconhecimento mútuo no nível do sistema tem que atender não só a indivíduos mas também a estados.

Os estados entregam a sua soberania a um estado-maior, e os indivíduos são também reconhecidos por este estado-maior. Como vemos na União Europeia, todos os membros possuem o seu passaporte e o seu livre acesso a todos os países que fazem parte dessa união. Apesar que, hoje estarmos muito longe do Estado Universal, as demonstrações regionais já se pode ver que pode ser um caminho a ser perseguido futuramente. (Wendt, 2003:521)

---

*O ceticismo de Kant sobre um estado mundial é tripla - não é viável impor autoridade política em escala global; os estados não abrirão mão de sua soberania para um estado mundial; e um estado mundial seria despótico. (Wendt, 2003-522)<sup>45</sup>*

---

Mas as outras preocupações permanecem, parecendo indicar que o desenvolvimento do sistema poderia parar com a Segurança Coletiva Universal. Mas o sistema precisa avançar porque também não é um estado final estável.

Um argumento para a inevitabilidade de mais uma etapa deve começar com a instabilidade da segurança coletiva como uma solução para a luta pelo reconhecimento. Os estados e os indivíduos ambos precisam ser reconhecidos dentro do Estado Universal, como que fazem parte desse governo mundial.

Para os realistas, os problemas da ação coletiva tornam a segurança coletiva inadequada como um impedimento à agressão. Embora esse problema tenha alguma força, ele aponta não para um estado mundial, mas para a degeneração da anarquia de volta a uma cultura lockeana, se não para “a guerra de todos contra todos”.

Nós não queremos que o sistema retroceda, mas sim que venha evoluir, desenvolver pensando no bem comum da humanidade, e segundo Wendt esse é o caminho mais eficaz, para encontramos a paz que tanto procuramos no mundo. No seu argumento o sistema precisa avançar.

No argumento realista pressupõe que os estados permanecem egoístas com interesses próprios. No entanto, duas outras fontes de instabilidade não são facilmente tratadas.

---

<sup>45</sup> Carson, Thomas (1988) “Perpetual Peace: What Kant Should Have Said”, *Social Theory and Practice* 14(2): 173–214.

- Em primeiro lugar, porque a segurança coletiva é um sistema baseado em consenso no qual os estados retêm sua soberania, ela não teria o direito de impedir que um estado se separasse e se armasse para fins agressivos (Carson, 1988: 179-80).

---

Kant tentou lidar com esse problema pedindo o desarmamento voluntário, mas mesmo que fosse bem-sucedido, não resolveria o problema de um possível rearmamento no futuro (cf. Mearsheimer, 2001).<sup>46</sup>

---

- Em segundo lugar, e mais importante, a segurança coletiva não satisfaz plenamente os desejos de reconhecimento. Pois o que, afinal, é a manutenção da soberania senão retenção do direito de decidir, unilateralmente, revogar o status de reconhecido de um ator e possivelmente matá-lo? (Wendt, 2003-523)

Um estado pode prometer não exercer esse direito, e até mesmo manter essa promessa por muito tempo. Mas, desde que o direito de matar não seja permanentemente entregue a uma autoridade, com a capacidade de fazer valer o reconhecimento.

Esses problemas sugerem que um sistema de segurança coletiva não seria um estado final estável. Mas ainda, precisamos de um argumento para saber por que isso levaria a um estado mundial em vez de voltar a formas mais primitivas de anarquia. Queremos que os estados cooperem juntos, como uma equipa de segurança. Os estados para atingir o Estado Universal precisam estar dentro do jogo em equipa e a lógica da não-violência.

### 3.5 Estágio Cinco: O Estado Mundial

Isso nos leva ao Estado Mundial. Com a transferência da soberania do Estado para o nível global. Agora opera a cultura de amizade, onde a lógica de não disputa violenta para resolver os problemas.

A guerra é sempre uma possibilidade lógica entre os estados, porque a capacidade de violência é inerente à sua natureza, mas em um Estado Universal a guerra não é mais considerada uma maneira legítima de resolver disputas. O Estado Universal só será alcançado quando a cultura Kantiana a nível global for internacionalizada.

Mas, a cultura Kantiana é muito difícil para os realistas, da mesma maneira que a cultura hobbesiana é para os construtivistas. O reconhecimento individual não será mais mediado pelas fronteiras do Estado, embora, como sujeitos reconhecidos, os próprios Estados retenham alguma individualidade.

Isso não impede que surjam conflitos, mas, quando surgem, são tratados por negociação, arbitragem ou pelos tribunais, mesmo quando o custo material da guerra para uma ou ambas as partes pode ser baixo.

---

<sup>46</sup> Mearsheimer, John (2001) “The Tragedy of Great Power Politics”. New York: Norton.

Os EUA e o Canadá têm uma variedade de conflitos sobre comércio, e meio ambiente, por exemplo, mas os EUA não consideram a violência como um meio de conseguir o que querem, apesar de seu poder militar esmagador. Mas isso não é motivo, de ver Canadá como inimigo.

A segurança coletiva é baseada no princípio da ajuda mútua, ou “ todos por um, um por todos”, quando a segurança de qualquer membro do sistema é ameaçada por agressão, todos os membros devem se defender mesmo que sua própria segurança individual não está em jogo. A norma é de reciprocidade “generalizada”, na qual os atores se ajudam mesmo quando não há retorno direto ou imediato.

---

*Indivíduos e estados terão perdido a liberdade negativa de se envolver em violência unilateral, mas ganharam a liberdade positiva de uma subjetividade totalmente reconhecida. O sistema terá se tornado um “indivíduo” (Buss, 1987).<sup>47</sup>*

---

---

<sup>47</sup> Buss, Leo (1987) “The Evolution of Individuality”. Princeton: Princeton University Press.

## 4 Capítulo IV - Estado universal: utopia, possibilidade ou inevitabilidade

### 4.1 Estado universal de Wendt e o realismo - Visão Utópica

O realismo é um caso difícil para o construtivismo, assim como o construtivismo é para o realismo. Sendo assim, passaremos a seguir apresentar alguns argumentos realistas que afetam diretamente a visão de Wendt sobre o Estado Universal. Faremos um levantamento de alguns autores do realismo clássico, como o neorealismo, o que eles defendem e como isso interfere nas fases de desenvolvimento do Estado Universal.

Por exemplo, os realistas apontam que os estados nunca podem estar 100% certos sobre as intenções um do outro porque não conseguem ler a mente um do outro ou ter certeza de que não mudarão, (J. Mearsheimer, 1994)<sup>48</sup> e a partir desse argumento que, desde que na anarquia os custos de um erro pode ser fatal estados não têm escolha senão representar um ao outro como inimigos.

Esse raciocínio faz sentido em uma cultura hobbesiana. No entanto, para que um Estado Universal possa desenvolver é necessário uma cultura Kantiana, onde opera a regra de ajuda mútua e de não-violência.

O realismo clássico é geralmente considerado o primeiro dos programas de pesquisa realista do século XX. O realismo clássico é geralmente datado de 1939, e a publicação “The Twenty Years’ Crisis”, de Edward Hallett Carr, uma das obras pioneiras do realismo clássico. Além de Carr, obra de Hans Morgenthau (1948) e entre outros.

Foi, no entanto, o livro de Hans Morgenthau, “Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace”, que tornou o porta-voz indiscutível do realismo político, passando por sete edições entre 1948 e 2005.

---

*De acordo com o realismo clássico, como o desejo por mais poder está enraizado na natureza imperfeita da humanidade, os Estados estão continuamente engajados em uma luta para aumentar suas capacidades.(Elman & Jensen, 2014)<sup>49</sup>*

---

Os realistas clássicos alertaram para um desejo humano inato de poder e dominação. Enquanto os liberais encorajavam a realização de objetivos comuns, os realistas clássicos visam perseguir um interesse nacional egoísta como a única política prudente e racional (Elman & Jensen, 2014).

Os realistas são mais ligados a maximização do poder porque para eles é a única forma de sobreviver no cenário Político Internacional e excluem a parte social que os construtivistas tanto valorizam, que está associado às ideias compartilhadas que geram entidades e interesses, que por sua vez moldam o comportamento dos estados.

---

<sup>48</sup> Mearsheimer (1994/1995: 10)

<sup>49</sup> Realism Reader, C. Elman & M. Jensen. Routledge, 2014.

---

*Como observa Morgenthau: nos colocamos na posição de um estadista que deve enfrentar um certo problema de política externa sob certas circunstâncias e nos perguntamos quais são as alternativas racionais das quais um estadista pode escolher quem deve enfrentar esse problema nessas circunstâncias (supondo sempre que ele age de maneira racional), e qual dessas alternativas racionais esse estadista em particular é propenso a escolher. É o teste dessa hipótese racional contra os fatos reais e suas consequências que dá significado teórico aos fatos da política internacional. (Morgenthau, 1985: 5)<sup>50</sup>*

---

Os trechos do livro de E. H. Carr, “The Twenty Years Crisis”, expõe as opiniões do autor sobre a Ciência da Política Internacional, e incluir a crítica realista do liberal, ou abordagem utópica. Para Carr, enquanto uma visão esperançosa é primeiro necessária para motivar a atenção, o progresso científico só é então possível quando os desejos do utópico por um mundo melhor são complementado com os fatos “duros” e “cruéis” de poder e interesse que o realista descobre. (E. H. Carr, 2016)

---

*Carr fornece uma forte crítica ao liberalismo, mostrando como seus princípios centrais – a harmonia de interesses, internacionalismo e o bem universal — refletem os interesses egoístas das nações mais poderosas que procuram manter o seu domínio. (Elman & Jensen, 2014:33-62)*

---

Enquanto os liberais, acreditam nas instituições, na interdependências dos estados, que é possível, os estados conseguem cooperar quando todos partilham os mesmos objetivos. No entanto, os realistas clássicos criticam a visão liberal advertindo que seus princípios centrais somente refletem as intenções egoístas dos estados, que no final de tudo o que eles querem com o internacionalismo, o bem universal, é na verdade manter o seu domínio e governar por cima dos outros.

---

*Enquanto os liberais pregava a possibilidade do progresso humano por meio da educação e do internacionalismo, os realistas focalizavam a natureza imutável e conflituosa das relações internacionais. (Elman & Jensen, 2014:33-62)*

---

Para Carr, as ciências políticas nunca podem tornar livre, ou seja, ser independente do utopismo. Que é necessário complementar às realidades duras e cruéis com o utópico o desejo de um mundo melhor.

---

<sup>50</sup> A realist theory of international politics Hans J. Morgenthau From: Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace, 6th ed. (New York: McGraw-Hill Publishing Company, 1985), Chapter 1

---

*Nas ciências físicas e políticas, chega-se logo ao ponto em que o estágio inicial do desejo deve ser sucedido por um estágio de análise dura e implacável. A diferença é que as ciências políticas nunca podem emancipar-se do utopismo, e que o cientista político é capaz de demorar-se por um período inicial mais longo do que o cientista físico no estágio utópico de desenvolvimento, este é perfeitamente natural. (Edward Hallett Carr, 1964b)*

---

A ascensão e queda do neorrealismo teve pouco a ver com avanços conceituais e empíricos, o seu declínio teve a ver com o fim da guerra fria, no qual os seus conceitos deixaram de fazer sentido para os problemas políticos consequentes do colapso da União Soviética.

O declínio do neorrealismo encorajou muitos realistas a retomar às suas raízes. Todas as ideias defendidas pelo neorrealismo, nenhuma conseguiu prevenir a queda da União Soviética, e isso a tornou irrelevante, argumentando que essa teoria só serviu para explicar a estabilidade do mundo bipolar.

---

*Seu declínio foi reprimido pelo fim da Guerra Fria, que para muitos parecia um teste crítico para uma teoria que buscava principalmente explicar a estabilidade do mundo bipolar. O fim da Guerra Fria e o subsequente colapso da União Soviética também chamaram a atenção acadêmica e pública para uma nova gama de problemas políticos para os quais o neorrealismo era irrelevante (Tim Dunne, Milja Kurki, 2007)<sup>51</sup>*

---

Os realistas reconhecem que os laços são frágeis e facilmente minados pela busca desenfreada de vantagens por estados, que os mecanismos de alianças e equilíbrios poder, podem falhar em preservar a paz, e também tornar a violência doméstica e internacional mais provável. E é justamente nestas questões centrais que o neorrealismo falhou.

---

*Houve vários problemas políticos que o neorrealismo não conseguiu dar resposta e isso a tornou irrelevante para a política internacional. (Tim Dunne, Milja Kurki, 2007:33-48)*

---

### **Hans J. Morgenthau**

Esta parte explora o pensamento de Hans J. Morgenthau (1904-79), advogado nascido na Alemanha, que migrou para os EUA como refugiado durante a Segunda Guerra Mundial, lecionou por muitos anos na Universidade de Chicago, e foi sem dúvida o teórico mais influente das relações internacionais do pós-guerra.

---

<sup>51</sup> International Relations Theories: Discipline and Diversity editado por Tim Dunne, Milja Kurki, Steve Smith

---

*Os realistas clássicos entendem que as grandes potências são frequentemente seus piores inimigos porque o sucesso e a arrogância engendrados encorajam os atores a se verem fora e acima de sua comunidade, e isso, por sua vez, os cega para a necessidade de autocontrole. (Tim Dunne, Milja Kurki, 2007:33-48)*

---

Morgenthau é explicitamente teórico. Eles estão unidos em sua crença de que o conhecimento teórico não é um fim em si mesmo, mas um ponto de partida para os atores trabalharem seus caminhos através dos problemas contemporâneos e, no processo, chegarem a formas mais profundas de compreensão. Toda política, ele insiste, é uma luta pelo poder que é inseparável da própria vida social (1948a: 17-18).

---

*A arena internacional continua sendo um sistema anárquico de auto-ajuda, uma arena brutal onde os estados procuram oportunidades para tirar vantagem uns dos outros. (Mearsheimer 1994-51).*

*A sobrevivência depende das capacidades materiais de um estado e de suas alianças com outros estados. (Waltz 1979 103-4).*

---

Segundo Wendt, essa visão dos realistas, é caracterizado na cultura hobbesiana de "guerra de todos contra todos". Ou seja, não existe nenhum mecanismo para fazer cumprir a cooperação entre o sistema de estados. Os realistas acreditam que a arena internacional será sempre um sistema anárquico, e que os estados procuram sempre tirar vantagens uns dos outros. Wendt argumenta que, existe uma crença mútua de que são "inimigos" (Wendt, 1999: 260-3), não há identidade coletiva e os estados lutam um contra o outro.

No nível internacional, o equilíbrio de poder tinha implicações contraditórias para a prática ao demonstrar a sua resolução de ir a guerra em defesa do status. O equilíbrio de poder também pode tornar a guerra mais provável por causa dos líderes visarem uma margem de segurança e isso aumenta as tensões internacionais.

Nesta situação, as potências reinantes podem ser tentadas a ir à guerra quando pensam que têm uma vantagem, e as potências de status quo para lançar guerras preventivas contra os desafiantes crescentes, mesmo quando o equilíbrio de poder não conseguiu prevenir a guerra.

Segundo Wendt, quando os estados se percebem como inimigos e procuram aumentar a sua margem de segurança internacional, estão totalmente focados em interesses egoístas em vez de focarem em interesses coletivos. Na medida em que os estados compartilham a consciência de que estão em um sistema hobbesiano, isso constituirá uma cultura, mas essa cultura e sua identidade coletiva implícita serão "reprimidas" (Wendt, 1999: 278)

Para Wendt essa anarquia constitui um caso difícil para o construtivismo, essas ideias dos realistas tornam difícil o processo para um estado universal. Torna muito difícil a formação de ideias compartilhadas, que é a visão construtivista de que ideias internalizadas constituem identidades e interesses. (Wendt, 1999)

Para Morgenthau, o sucesso do equilíbrio de poder durante a maior parte de dois séculos foi menos função da distribuição de capacidades do que da existência e força da sociedade internacional que unia os atores mais importantes do sistema. O equilíbrio de poder já não funcionava para preservar a paz ou a existência dos membros do sistema (1948a: 150-6).

---

*Os realistas modernos diferenciam os sistemas com base em sua polaridade (e multipolar). A mudança do sistema ocorre quando o número de pólos muda. Isso é muitas vezes o resultado de guerras hegemônicas, provocadas por mudanças no equilíbrio das capacidades materiais. (Tim Dunne, Milja Kurki, 2007)*

---

Potências em ascensão podem ir à guerra para refazer o sistema de acordo com seus interesses, e poderes de status quo para impedir tal mudança. Para alguns realistas, esse ciclo é atemporal e independente da tecnologia e do aprendizado.

Outros acreditam que as armas nucleares revolucionaram as relações internacionais ao tornar a guerra destrutiva demais para ser racional. Na opinião deles, isso representa uma transformação pacífica de outra forma anômala da bipolaridade para a multipolaridade no final da Guerra Fria ( Mearsheimer 1990; Wohlforth 1994-5 ).

O problema central para Tucídides e Morgenthau era que os antigos procedimentos estavam sendo abandonados ou não funcionavam, e sendo substituídos por novas e perigosas práticas que haviam entrado sem muito aviso. Eles reconheceram que ordens domésticas estáveis, e a segurança que elas poderiam possibilitar, só poderiam ser restauradas por alguma síntese que misturasse o antigo com o novo.

Wendt, aborda essas ideias realistas como o papel de inimigos. Ou seja, os estados tentem a destruir ou conquistar, matar ou ser morto, e que nesta visão as capacidades militares serão vistas como cruciais. As intenções dos estados são conhecidas em ambos os lados na visão realistas.

Os estados estão constantemente se armando para a guerra e que não se pode confiar no inimigo. O estado pode usar as capacidades do inimigo para prever seu comportamento, supondo que ele atacará assim que puder vencer.

O poder se torna a chave para a sobrevivência e, como tal, mesmo os estados do status quo se armarão vigorosamente no princípio de “se quer paz, prepare-se para a guerra”. (Wendt, 1999)

Um dos seis princípios do realismo de Hans Morgenthau é o conceito definido em termos de poder. Para ele o principal sinalizador que ajuda o realismo político a

encontrar seu caminho no cenário da política internacional é o **conceito de interesse definido em termos de poder.**

---

*Sem esse conceito, uma teoria da política, internacional ou doméstica, seria totalmente impossível, pois sem ela não poderíamos distinguir entre fatos políticos e não políticos, nem poderíamos levar pelo menos uma medida de ordem sistemática à esfera política. (Hans Morgenthau, 1978)*

---

O que vai totalmente contra a teoria de Wendt, na visão neorrealista as anarquias são sistemas de autoajuda inerentes que tendem a produzir competição militar, equilíbrio de poder e guerra.

Contra isso, argumento de Wendt é que a anarquia pode ter pelo menos três tipos de estrutura no nível macro, com base em que tipos de papéis - inimigo, rival e amigo - dominam o sistema internacional e para ele quando operar apenas com a lógica da cultura Kantiana, então o processo do Estado Universal será possível.

Uma pergunta que fica, é se as estruturas anárquicas afetam as identidades e os interesses do estado, ou apenas o seu comportamento? Os modelos racionalistas assumem que apenas o comportamento dos estados é afetado pela estrutura do sistema, não por suas identidades e interesses.

Enquanto, na visão de Wendt sobre o Estado Universal mostra que identidades e interesses são socialmente construídos e isso pode revelar novas possibilidades de mudança no sistema. Esse é uma das diferenças fundamentais da visão realista em comparação com o argumento de Wendt sobre o Estado Universal. Que só será possível quando todos compartilharem a mesma cultura.

### **Kenneth N. Waltz**

Segundo Waltz, a estrutura internacional emerge da interação de estados e, em seguida, os restringe de tomar certas ações enquanto impulsionamo-los em relação aos outros. O conceito de estrutura baseia-se no fato de que unidades diferentemente justapostas e combinada comportam-se de maneira diferente e ao interagir produzem resultados diferentes.

---

*Ao descrever um sistema político internacional como um todo, com níveis estruturais e unitários em uma vez distinto e conectado, o neorrealismo estabelece a autonomia da política internacional e assim torna possível uma teoria sobre isso. (Kenneth Waltz, 1990)*

---

Segundo Waltz, as estruturas internacionais são definidos, primeiro, pelo princípio de ordenação do sistema, no caso a anarquia, e segundo, pela distribuição de capacidades entre as unidades.

Num sistema anárquico, as estruturas são definidas em suas unidades principais. As estruturas internacionais variam com mudanças significativas no número de grandes

potências. Grandes potências são separadas das outras pela combinação capacidades que eles comandam. Quando seu número muda conseqüentemente, os cálculos e comportamentos de estados, e os resultados que suas interações produzem, variam.

---

*O neorealismo se afasta do realismo tradicional das seguintes maneiras adicionais: O neorealismo produz uma mudança nas relações causais, oferece uma interpretação diferente do poder e trata o nível de unidade de forma diferente. (Kenneth Waltz, 1990)*

---

Waltz, expõe a hipótese de que a anarquia tende a produzir “unidades semelhantes”, embora, em boa medida, ele também assuma que os estados são, por natureza, autoestimados e buscam segurança. Esses movimentos eliminam grande parte da variação possível de interesses que poderia minar a ideia de uma única lógica da anarquia.

---

*Para muitos realistas, o desejo de poder está enraizado na natureza do homem. A luta pelo poder surge porque as pessoas querem coisas e não necessariamente por causa do mal em seus desejos. Este ele rotula uma das duas raízes do conflito, mas mesmo ao discuti-lo ele puxa para o “outra raiz de conflito e mal concomitante” – o animus dominandi, o desejo de poder. (Elman & Jensen, 2014)<sup>52</sup>*

---

Totalmente diferente da visão de Wendt, que para que um estado universal seja alcançado os estados tem que se perceber como uma equipe. Ou seja, se veem como amigos e isso é uma visão utópica para os realistas. Quer seja os realistas clássicos, os neorealistas ou os realistas modernos, ambos entendem a amizade como uma utopia, e que não pode se manter amizade numa anarquia.

---

*O raciocínio é fiel a Hobbes para quem as três causas das brigas eram competição, desconfiança (ou seja, desconfiança) e glória. A competição leva à luta pelo ganho, a lutando para manter o que foi ganho, glória para lutar pela reputação. Porque alguma fome pelo poder, cabe aos outros cultivar seus apetites. (Elman & Jensen, 2014)<sup>53</sup>*

---

Wendt, declara que a inimizade é um problema muito maior para a política internacional do que a amizade, e a história sugere que poucos estados permanecem amigos por muito tempo. Os realistas veem isso como evidência de que a busca pela amizade na anarquia é utópica e até perigosa, e que o máximo que podemos esperar é que os estados ajam com base em “interesses” (rivalidade?), em vez de “paixões”. (Wendt, 1999)

Tanto Hobbes quanto Morgenthau veem que o conflito é em parte explicado pela situação, mas ambos acreditam que, mesmo que não fosse assim, o orgulho, a luxúria e

---

<sup>52</sup> Morgenthau, Scientific Man vs. Power Politics (Chicago: University of Chicago Press, 1946), p. 192.

<sup>53</sup> Realist thought and neorealist theory Kenneth N. Waltz . From: Journal of International Affairs 44, no. 1 (Spring/Summer 1990): 21–37. Thomas Hobbes, Leviathan.

a busca pela glória fariam com que a guerra de todos contra todos continue indefinidamente. Em última análise, o conflito e a guerra estão enraizados na natureza humana.

---

*Para Morgenthau, como para Hobbes, mesmo que se tenha muito poder e esteja seguro em sua posse, mais poder é, no entanto, desejado. Como disse Morgenthau: Como o desejo de atingir o máximo de poder é universal, todas as nações devem sempre ser com medo de que seus próprios erros de cálculo e os aumentos de poder de outras nações possam adicionar até uma inferioridade para si mesmos que eles devem a todo custo tentar evitar. (Elman & Jensen, 2014)<sup>54</sup>*

---

Segundo Wendt, a guerra é sempre uma possibilidade lógica entre os estados, porque a capacidade de violência é inerente à sua natureza, mas em uma comunidade de segurança pluralista a guerra não é mais considerada uma maneira legítima de resolver disputas. Isso não impede que surjam conflitos, mas, quando surgem, são tratados por negociação, arbitragem ou pelos tribunais, mesmo quando o custo material da guerra para uma ou ambas as partes pode ser baixo.

Os realistas concentram-se no comportamento e nos resultados que parecem resultar das características que atribuem aos homens e aos Estados. Neorrealistas, em vez de ver o poder como um fim em si, veem o poder como um meio possivelmente útil, com os estados correndo riscos se tiverem muito pouco ou muito disso. A fraqueza pode convidar a um ataque que uma força maior dissuadiria um adversário de lançar. Força excessiva pode levar outros estados a aumentar suas armas e unir seus esforços. O poder é um meio possivelmente útil, e estadistas sensatos tente ter uma quantidade adequada dele. (Kenneth Waltz, 1990)

---

*As estruturas políticas são melhor conceituadas como tendo três elementos: um princípio de ordenação (anárquica ou hierárquica), o caráter das unidades (funcionalmente semelhantes ou diferenciadas), e a distribuição de capacidades. (Waltz 1979: 88-99).*

---

Waltz argumenta que dois elementos da estrutura do sistema internacional são constantes: a falta de uma autoridade significa que seu princípio ordenador é a anarquia, e o princípio de auto-ajuda significa que todas as unidades permanecem funcionalmente semelhantes.

Para Kenneth Waltz, os Estados, enquanto "unidades políticas autónomas" são "funcionalmente similares" e o seu comportamento é condicionado pela estrutura do sistema internacional. Para explicar "unidades políticas autónomas" é no sentido que os estados são diferentes entre si na forma de governo, caráter de governantes, tipos de ideologia e de muitas outras maneiras.

---

<sup>54</sup> Morgenthau (1972, p. 208).

Para realistas e não realistas, estados constituídos de maneira diferente se comportam de maneira diferente e produzem resultados diferentes. Para Waltz, os estados são “funcionalmente semelhantes” pelas restrições da estrutura, com as principais diferenças entre elas definidas de acordo com as capacidades.

Além disso, a estrutura medeia os resultados que os estados produzem. À medida que as circunstâncias internas e externas mudam, estruturas e estados podem ter um peso mais ou menos causal. Veem os estados como unidades iguais; cada estado "é como todos os outros estados por ser uma unidade política autônoma". A autonomia é a contraparte da anarquia em nível de unidade. (Kenneth Waltz, 1990)

Os neorealistas oferecem uma teoria que explica como as estruturas afetam o comportamento e os resultados dos estados. A ordem anárquica e a distribuição de poder entre os pólos ou as potências é que condiciona o comportamento dos estados no sistema internacional, e isso é contra o argumento de Wendt sobre a teoria construtivista, e consequentemente sobre o processo do Estado Universal.

Segundo Wendt, a segurança coletiva é baseada no princípio da ajuda mútua, ou “todos por um, um por todos”. Quando a segurança de qualquer membro do sistema é ameaçada por agressão, todos os membros devem se defender mesmo que sua própria segurança individual não está em jogo (Wendt, 1999), é extremamente necessário que ambos se unem para aniquilar o adversário. A norma é de reciprocidade, ajudam um ao outro mesmo quando não tenham retorno direto ou imediato. A colaboração de todos é de extrema importância.

Pois a ameaça de um significa a ameaça de todos. Essa visão, é utópica para os realistas, para eles, há uma crença que amizade não existe em uma anarquia. A cultura kantiana defendida por Wendt é um caso difícil para os materialistas (realistas) que só pensam na acumulação de poder e na busca de margem de segurança e manter a sobrevivência no cenário político internacional e não pensam em interesses comuns.

Da mesma maneira a cultura hobbesiana referida por Wendt é um caso muito difícil para o construtivismo, por não conseguirem partilhar às mesmas ideias e onde não existe cooperação entre os estados. Contudo, pensar num Estado Universal é o caminho a percorrer, para que os estados possam enfrentar os problemas mais urgentes da humanidade. Pode ser difícil pensar num estado universal neste momento, mas num futuro será inevitável.

Waltz, acredita que, um sistema é composto de uma estrutura e de unidades em interação. A estrutura é o componente de todo o sistema que possibilita pensar no sistema como um todo. Ao definir uma estrutura requer ignorar como as unidades interagem umas com as outras e se concentrar em como elas se relacionam umas com as outras. Segundo Waltz, as interações ocorrem no nível de unidades.

---

*Apesar das diferenças culturais e outras, estruturas semelhantes produzem efeitos semelhantes. (Waltz Kenneth, 1979)*

---

Essa é visão totalmente diferente, da visão de Wendt sobre o estado universal. Segundo o autor, essa é uma questão fundamental para a política internacional contemporânea. Que devemos pensar o que será mundo depois da anarquia. Segundo Wendt, ao pensar se a lógica da anarquia tem um ponto fixo, é importante enfatizar que isso não implica necessariamente que um estado mundial deva sobreviver para sempre. Os equilíbrios são sempre vulneráveis a choques exógenos.

Visto que, mesmo um estado mundial permaneceria um sistema pelo menos parcialmente aberto, tais choques poderiam fazer com que ele se desintegrasse. Em vez disso, para que a lógica da anarquia tenha um estado final diferente de um ponto fixo, deve haver algo interno ao próprio sistema que induziria necessariamente um eventual colapso, enviando-o para outro caminho de desenvolvimento.

Wendt considera que um estado mundial, ainda precisaria muito para desenvolver e, portanto, estar para sempre em processo, e uma vez que mesmo um estado mundial não seria um sistema fechado, ele sempre será vulnerável a interrupção temporárias.

No entanto, um estado mundial seria diferente da anarquia no sentido de que constituiria ruturas como crime, não como política ou história. A possibilidade de crime pode estar sempre conosco, mas não constitui uma alternativa estável a um estado mundial. Além disso, a política ou a história em um sentido diferente e não anárquico claramente não teriam acabado.

---

*Além do motivo da sobrevivência, os objetivos dos estados podem variar infinitamente, podem variar da ambição de conquistar o mundo ao desejo de apenas ser deixado em paz. A sobrevivência é um pré-requisito para alcançar quaisquer objetivos que os estados possam ter. (Waltz Kenneth, 1979)*

---

Wendt, argumenta que um estado mundial surgirá, quer alguém pretenda ou não realizá-lo. Se os realistas estão certos de que a anarquia está programada para a guerra, então faz sentido definir a soberania e os interesses de alguém em termos egoístas e agir com base nisso. O direito internacional é irrelevante ou um impedimento ao interesse nacional, devendo-se seguir uma política unilateralista sempre que possível. Por outro lado, se um estado mundial é inevitável (e, mais importante, não está tão longe de ser insignificante para a política), surge uma grande estratégia diferente.

Para Waltz, a anarquia envolve relações de coordenação entre as unidades de um sistema, o que implica sua semelhança. As estruturas internacionais variam apenas através de uma mudança de princípio organizador ou, na sua falta, através de variações nas capacidades das unidades.

---

*Muitos estudantes de política internacional se incomodam com a descrição. Chamar estados de "unidades iguais" significa dizer que cada estado é como todos os outros estados por ser uma unidade política autônoma. É outra maneira de dizer que os estados são soberanos. Mas soberania também é um conceito incômodo. Muitos acreditam, como disse o antropólogo M. G. Smith, que "em um sistema de estados soberanos nenhum estado é soberano". O erro reside em identificar a soberania dos estados com sua capacidade de fazer o que quiserem. (Waltz Kenneth, 1979)<sup>55</sup>*

---

Segundo Waltz, dizer que os estados são soberanos não é dizer que eles podem fazer o que bem entendem, que estão livres da influência de outros, que são capazes de conseguir o que querem. Os estados soberanos podem ser pressionados por toda parte, forçados a agir da maneira que gostariam de evitar, e capazes de fazer quase qualquer coisa como gostariam.

---

*A soberania dos estados nunca implicou seu isolamento dos efeitos das ações de outros estados. Ser soberano e ser dependente não são condições contraditórias. Os estados soberanos raramente levam vidas livres e fáceis. (Waltz Kenneth, 1979)*

---

Para Waltz, dizer que um Estado é soberano significa que decide por si próprio como lidará com seus problemas internos e externos, inclusive se deve ou não procurar ajuda de outros e, ao fazê-lo, limitar sua liberdade assumindo compromissos com eles.

---

*Os Estados desenvolvem suas próprias estratégias, traçam seus próprios cursos, tomam suas próprias decisões sobre como atender a quaisquer necessidades que experimentem e quaisquer desejos que desenvolvam. Os estados variam amplamente em tamanho, riqueza, poder e forma. E, no entanto, variações nesses e em outros aspetos são variações entre unidades iguais. (Waltz Kenneth, 1979)*

---

Segundo Wendt, em vez dos estados afundarem com o navio da soberania nacional, devem tentar "conseguir o melhor acordo" possível na constituição global emergente, que aconselha a aceitação do direito internacional e a participação em instituições multilaterais.

Na visão de Wendt, se um estado mundial é inevitável, os estados que buscam essas políticas se sairão melhor no longo prazo do que aqueles que adotam uma visão realista. Em suma, é melhor "seguir com o programa" do que esperar até que ele chegue. É melhor seguir o caminho do que esperar que o pior aconteça.

---

<sup>55</sup> Waltz Kenneth. (1979). Political Structures.

#### 4.2 Uma possibilidade, mas muitos obstáculos: o caminho do institucionalismo liberal

Os liberais, estão entre os principais oponentes do realismo, tem uma visão diferente, a visão individualista de que os interesses do Estado são determinados por fatores sociais e, portanto, altamente variáveis.

Segundo o argumento de Wendt, a escolha entre Realismo e Liberalismo é frequentemente vista como uma entre a teorização “de cima para baixo” vs. “de baixo para cima”, entre a visão de que a política internacional contém uma lógica única que não depende de maneira alguma de seus elementos, e a visão de que a lógica da anarquia é totalmente redutível aos seus elementos.

A pergunta que Wendt coloca, é a seguinte: A estrutura anárquica tem uma lógica ou nenhuma? Wendt defende que estruturas anárquicas constroem seus elementos, mas essas estruturas variam no nível macro e, portanto, podem ter múltiplas lógicas. Segundo Wendt a chave para esse argumento é conceitualizar a estrutura em termos sociais, e não materiais.

---

*Entre estes estariam: ter que lutar, ter que arcar com os custos da guerra com seus próprios recursos, ter que reparar penosamente a devastação que a guerra deixa para trás, e, para encher a medida dos males, carregar-se com uma dívida nacional volumosa que amargaria a própria paz, que jamais poderá ser liquidada por causa de constantes guerras no futuro. Kant 1795: 94-5*

---

Os realistas são mais pessimistas que os liberais. Argumentam que a lógica da anarquia é de conflito sem fim, e que não é viável impor autoridade política a nível global e que os estados nunca abriram mão da sua soberania por um estado mundial, que um estado mundial seria uma utopia.

Todas as teorias liberais clássicas de Relações Internacionais baseiam-se na suposição central de que atores domésticos de estruturadores influenciam fortemente as identidades e interesses de política externa dos Estados, bem como seu comportamento real nas relações internacionais. (Diana Panke; Thomas Risse, 2007)<sup>56</sup>

Os adeptos dos realistas e liberais sempre se enfrentaram sobre questões sobre a natureza humana e as causas da guerra, os arranjos de segurança coletiva, a manutenção da paz, a interdependência econômica e seus efeitos na estabilidade internacional. Questões do tipo de formação de preferências e na relação entre democracia e paz, o debate realismo-liberalismo continua crítico para entender como a política internacional funciona e continua a ter um tremendo impacto nas decisões de política externa que os estados tomam.

---

<sup>56</sup> "International Relations Theories. Discipline and Diversity." (2007): 89-107.

Enquanto, os liberais são mais otimistas. Ou seja, acreditam que pode haver uma possibilidade de um Estado Universal. Para os liberais, que se as instituições internacionais, a interdependência entre os estados, a democracia se espalha a nível global, é possível que o processo de um estado universal possa existir.

Contudo, não há garantia que isso acontecerá. Mas o estado universal no futuro será inevitável segundo a visão de Wendt. Enquanto os liberais encorajam a realização de objetivos comuns, os realistas clássicos visa perseguir um interesse nacional egoísta como a única política prudente e racional. Mas nem sempre os realistas tem razão e os liberais fazem fortes criticas a teoria realista.

Enquanto, o liberalismo pregava a possibilidade do progresso humano por meio da educação e do internacionalismo, os realistas focalizavam a natureza imutável e conflituosa do ser humano. Argumentando que os liberais só querem dominar, que no final o que os liberais querem é governar usando os seus conceitos centrais como a internacionalização.

Para os liberais, existe essa possibilidade de progresso no sistema internacional, por meio do desenvolvimento da democracia. Uma característica da política externa dos EUA desde o fim da Guerra Fria tem sido a crença de que o tipo de regime democrático desempenha um papel na promoção da paz internacional.

Os liberais acreditam que se houver o internacionalismo do regime democrático no SI, então pode haver essa possibilidade de progresso e assim nascer o Estado Universal. Vários presidentes dos EUA citaram o argumento liberal, de que as democracias não entram em guerra umas com as outras para justificar a promoção americana da democracia em todo o mundo.

Essa visão exige um caminho longo a perseguir, até que todos os estados sigam o regime democrático. Os realistas geralmente duvidam que o tipo de regime tenha os efeitos pacificadores atribuídos a ele pelos liberais e, portanto, eles normalmente questionam se a promoção da democracia deve continuar a fazer parte da política dos EUA.

A teoria liberal de RI elabora o insight de que as relações estado-sociedade, a relação dos estados com o contexto social doméstico e transnacional no qual estão inseridos, têm um impacto fundamental no comportamento do estado na política mundial. Ideias, interesses e instituições sociais, influenciam o comportamento do estado ao moldar as preferências do estado, ou seja, os propósitos sociais fundamentais subjacentes.

---

*Ideias, interesses e instituições sociais influenciam o comportamento do estado ao moldar as preferências do estado, ou seja, os propósitos sociais fundamentais subjacentes aos cálculos estratégicos dos governos.(Moravcsik, 1997)<sup>57</sup>*

---

<sup>57</sup> Moravcsik, A. (1997). Seriously, Taking preferences Politics, A liberal theory of international, From: International Organization 51, no. 4.

Uma dos pressupostos centrais da teoria liberal, segundo Moravcsik, é a interdependência, e o sistema internacional. Segundo ele a configuração das preferências de estado interdependentes determina o comportamento do estado. Ou seja, para os liberais, o comportamento do estado reflete padrões variados de preferências do estado.

Os Estados exigem um “propósito”, um interesse subjacente percebido no assunto em questão, a fim de provocar conflito, propor cooperação ou tomar qualquer outra ação significativa de política externa. A natureza precisa dessas apostas orienta a política. Isso não é para afirmar que cada estado simplesmente persegue sua política ideal, alheio aos outros. Em vez disso, cada estado busca realizar suas preferências distintas sob diversas restrições impostas pelas preferências de outros estados.

---

*Assim, a teoria liberal rejeita não apenas a suposição realista de que as preferências estatais devem ser tratadas como se fossem naturalmente conflitantes, mas também a suposição institucionalista de que elas devem ser tratadas como se fossem parcialmente convergentes, comprometendo um problema de ação coletiva. (Moravcsik, 1997)58*

---

Segundo Moravcsik, ao contrário dos realistas, os liberais privilegiam casualmente a variação na configuração das preferências do estado, ao mesmo tempo em que tratam as configurações de capacidades e informações como se fossem restrições fixas ou endógenas às preferências do estado. A teoria liberal assume que o padrão de preferências estatais interdependentes impõe uma restrição vinculante ao comportamento do estado.

---

*No esforço mais abrangente para encontrar os pontos comuns do liberalismo, Mark Zacher e Richard Matthew identificam uma série de temas centrais, dois dos quais são relações internacionais estão sendo transformadas de modo a promover maior liberdade e que mais paz, prosperidade e justiça - com maior cooperação internacional - é sintomático disso processo (Zacher; Matthew, 1995).59*

*O progresso, portanto, é o resultado que os liberais esperam, e a cooperação é o meio pelo qual que é alcançado. (David Baldwin, 1993) 60 Em suma, os indivíduos são importantes; as instituições domésticas importam; e as preferências de estado importam. (Brian C. Rathbun, 2010)61*

---

---

<sup>58</sup> Keohane 1984, 10; 1986, 193.

<sup>59</sup> Mark Zacher and Richard Matthew, “Liberal International Relations Theory: Common Threads, Divergent Strands,” in *Controversies in International Relations Theory*, ed. Charles Kegley (New York: St. Martin’s, 1995), 107–50, 109–11.

<sup>60</sup> David Baldwin, “Neoliberals, Neorealism, and World Politics,” in *Neorealism and Neoliberalism: The Contemporary Debate*, ed. David Baldwin (New York: Columbia University Press, 1993), 1–28; Arthur A. Stein, *Why Nations Cooperate* (Ithaca: Cornell University Press, 1990).

<sup>61</sup> Moravcsik, “Taking Preferences Seriously.” 516–21.

A teoria liberal defende teoria da paz democrática. Mas será mesmo que os estados que assumem como democráticos evitam entrar em guerra? Para responder esta questão é preciso explorar as conclusões Christopher Layne, seu artigo “Kant or cant” de 1994, onde ele aborda quatro casos ou crises do SI para fazer um teste da teoria da paz defendida pelos liberais.

---

*A teoria, no entanto, faz duas afirmações importantes, primeiro, que as democracias nunca (ou raramente; há muitas variações sobre isso) entram em guerra com outras democracias (Small, Melvin ; Singer, J. David, 1976).<sup>62</sup>*

---

Segundo ele, os indicadores da teoria da paz democrática, parecem não ter desempenhado nenhum papel perceptível no resultado dessas crises. Para ele, não foi pela teoria da paz democrática e, sim por fatores realistas em questão que os estados evitam a ir a guerra.

Em cada uma dessas crises, pelo menos um dos Estados democráticos envolvidos estava preparado para ir à guerra, porque acreditava que havia interesses estratégicos vitais em jogo. Em cada uma dessas crises, a guerra foi evitada apenas porque um lado decidiu recuar da beira do abismo.

---

*Nas quatro crises, a guerra foi evitada não por causa do espírito “viva e deixe viver” da resolução pacífica de disputas no cerne da teoria da paz democrática, mas por causa de fatores realistas.(Layne, 1994)<sup>63</sup>*

---

Segundo Layne, quando alguém realmente olha além do resultado dessas quatro crises (“democracias não lutam contra democracias”) e tenta entender por que essas crises acabaram como aconteceram, fica claro que a lógica causal da teoria da paz democrática tem apenas um poder explicativo mínimo. Acreditam que foram por fatores como o poder, e as capacidades matéricas que interferiram na tomada de decisão e não pelo espírito “viva e deixe viver” da resolução pacífica de disputas no cerne da teoria da paz democrática.

---

*Distribuições adversas de capacidades militares explicam por que a França não lutou por Fashoda e por que a Alemanha resistiu à ocupação francesa do Ruhr passivamente, e não pela força. (Layne, 1994)*

---

Segundo Layne, a teoria da paz democrática não afirma que os estados democráticos são menos propensos à guerra do que as não-democracias. A teoria da paz democrática

---

<sup>62</sup> Melvin Small and J. David Singer, Small and Singer, “The War-proneness of Democratic Regimes, 1816–1865,” *Jerusalem Journal of International Relations*, Vol. 1, No. 4 (Summer 1976), pp. 50–69.

<sup>63</sup> Kant or cant The myth of the democratic peace Christopher Layne *From: International Security* 19, no. 2 (Fall 1994): 5–49

sustenta explicitamente que é a própria natureza dos sistemas políticos democráticos que explica o fato de que as democracias não lutam ou ameaçam outras democracias.

---

*Como observa Jack S. Levy, a “ausência de guerra entre democracias é o que temos de mais próximo de uma lei empírica nas relações internacionais” (Jack S. Levy, 1989)<sup>64</sup>.*

*Em segundo lugar, quando as democracias entram em conflito umas com as outras, elas raramente ameaçam usar a força, porque é “ilegítimo” fazê-lo (Michael W. Doyle, 1986).<sup>65</sup>*

---

Ao contrário o argumento de Wendt, quando os estados se percebem como rivais esperam que outros usem a violência às vezes para resolver disputas, mas para fazê-lo dentro dos limites de “viver e deixar viver”. O que se espera do Estado Universal, é que em vez usarem a violência para resolver as suas disputas eles usam outras formas para resolver os problemas. Se os estados entrarem em guerra, os rivais limitarão sua própria violência.

Wendt, afirma que o que molda sistema internacional é as ideias compartilhada. E se os estados se percebem como rivais, e operam num mundo lockeana então, mesmo que vão a guerra limitaram a sua violência.

Desde o fim da Guerra Fria, os formuladores de políticas ocidentais têm procurado criar acordos de segurança na Europa, bem como em outras regiões do globo, que se baseiam em instituições internacionais.

A teoria liberal afastam os estados de guerra e promovem a paz. Empregam as instituições como conceito central. As instituições como a Comunidade Europeia (CE), a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) e União da Europa Ocidental (WEU), etc.

---

*Ao fazê-lo, rejeitam explicitamente a política de equilíbrio de poder como um conceito organizador para o mundo pós-Guerra Fria. Esta abordagem da política internacional baseia-se na crença de que as instituições são meios de promover a paz mundial. (Elman & Jensen, 2014)<sup>66</sup>*

*As teorias “institucionalistas” são em grande parte uma resposta ao realismo, e cada um desafia diretamente a lógica subjacente do realismo. (Elman & Jensen, 2014)<sup>67</sup>*

---

---

<sup>64</sup> Jack S. Levy, “Domestic Politics and War,” in Robert I. Rotberg and Theodore K. Rabb, eds., *The Origin and Prevention of Major Wars* (Cambridge: Cambridge University Press, 1989), p. 88.

<sup>65</sup> Russett, *Grasping the Democratic Peace*, p. 33; Michael W. Doyle, “Kant, Liberal Legacies and Foreign Affairs,” Part I, *Philosophy and Public Affairs*, Vol. 12, No. 3 (Summer 1983), p. 213.

<sup>66</sup> The false promise of international institutions John J. Mearsheimer *From: International Security* 19, no. 3 (Winter 1994): 5–49.

<sup>67</sup> Robert O. Keohane, “Institutional Theory and the Realist Challenge After the Cold War,” in David A. Baldwin, ed., *Neorealism and Neoliberalism: The Contemporary Debate* (New York: Columbia University Press, 1993), p. 271.

Realistas e institucionalistas discordam particularmente sobre se as instituições afetar as perspectivas de estabilidade internacional. Os realistas dizem não; os institucionalistas dizem que sim. Os realistas sustentam que as instituições são basicamente um reflexo da distribuição de poder no mundo. Baseiam-se nos cálculos de interesse próprio das grandes potências, e não têm efeito independente sobre o comportamento do Estado.

Os realistas, portanto, acreditam que as instituições, não são uma causa importante de paz. Eles importam apenas nas margens. Ao desafiar diretamente essa visão das instituições, argumentando, em vez disso, que as instituições podem alterar as preferências do Estado e, portanto, alterar o comportamento do estado.

---

*As instituições podem desencorajar os estados de calcular o interesse próprio com base em como cada movimento afeta suas posições de poder relativo. As instituições são variáveis independentes e têm a capacidade de afastar os estados da guerra. (Elman & Jensen, 2014)<sup>68</sup>*

---

Mesmo que, nas teorias liberais, as instituições tem um papel fundamental, não queira isso dizer que os estados não se devem mais preparar caso houver alguma ameaça. Assim também, na visão de Wendt, quando os estados se percebem como “rivais”, não quer dizer que não se envolveram mais em conflitos, apenas limitaram a sua violência. Assim também, se percebam como “amigos”, os conflitos sempre vão existir, mas podem resolver de outra formas, sem terem que recorrer a guerra para solucionar o problema.

---

*As instituições não são uma forma de governo mundial. Os próprios Estados devem escolher obedecer regras que eles criaram. As instituições, em suma, exigem a “cooperação descentralizada de Estados soberanos, sem nenhum mecanismo efetivo de comando.” (Elman & Jensen, 2014)<sup>69</sup>*

---

Na teoria realista o poder militar domina toda a tomada de decisão, os estados são por natureza ofensivos e isso os leva a estar sempre em competição uns com os outros. Na teoria liberal o poder militar ainda importa, só que menos prioritário. Mesmo que existe regras que moldam o comportamento entre os estados ainda assim os estados não estão livres de se enfrentarem para resolver suas disputas.

Ao contrario da visão de Wendt, que acredita que as instituições são fundamental para que haja cooperação entre os estados. Devem funcionar como uma equipe de segurança, onde a não-violência e o jogo em equipa é a nova lei. O Estado universal surgirá nestes termos.

---

<sup>68</sup> John J. Mearsheimer, The false promise of international institutions, From: International Security 19, no. 3 (Winter 1994): 5–49.

<sup>69</sup> Charles Lipson, “Is the Future of Collective Security Like the Past?” in George W. Downs, ed., Collective Security beyond the Cold War (Ann Arbor: University of Michigan Press), p. 114

Segundo Wendt, a guerra é sempre uma possibilidade lógica entre os estados, porque a capacidade de violência é inerente à sua natureza, mas em uma comunidade de segurança pluralista a guerra não é mais considerada uma maneira legítima de resolver disputas. Isso não impede que surjam conflitos, mas, quando surgem, são tratados por negociação, arbitragem ou pelos tribunais, mesmo quando o custo material da guerra para uma ou ambas as partes pode ser baixo.

A OTAN fornece um bom exemplo de pensamento realista sobre as instituições. A OTAN é uma instituição, e certamente desempenhou um papel na prevenção da Terceira Guerra Mundial e ajudou o Ocidente a vencer a Guerra Fria.

No entanto, a OTAN foi basicamente uma manifestação da bipolaridade distribuição de poder na Europa durante a Guerra Fria, e foi esse equilíbrio de poder, não a OTAN por si, que forneceu a chave para manter a estabilidade no continente. A OTAN foi essencialmente uma ferramenta americana para administrar o poder diante da ameaça soviética.

---

*Agora com o colapso da União Soviética, os realistas argumentam que a OTAN deve desaparecer ou se reconstituir com base na nova distribuição de poder na Europa. A OTAN não pode permanecer como era durante a Guerra Fria. (Elman & Jensen, 2014)<sup>70</sup>*

---

Segundo Wendt, a segurança coletiva é baseada no princípio da ajuda mútua ou “todos por um, um por todos”, quando a segurança de qualquer membro do sistema é ameaçada por agressão, todos os membros devem se defender mesmo que sua própria segurança individual não está em jogo (Wendt, 1999).

É nestes termos que o Estado Mundial defendido por Wendt poderá surgir, baseado nas duas regras a “comunidades de segurança pluralistas” e “segurança coletiva” a norma é a reciprocidade onde todos os estados colaboram para o bem comum mesmo quando não tem lucro de imediato.

#### 4.3 Porque o Estado Universal é inevitável segundo Wendt?

Os construtivistas, amplamente definidos, compartilharam uma crítica das suposições materiais estáticas da teoria tradicional de RI. **Eles enfatizaram as dimensões sociais das relações internacionais e a possibilidade de mudança.**

A ideia de que as relações internacionais é uma construção social pode ser pensada de forma bastante simples. Construir algo é um ato que traz à existência um sujeito ou objeto que de outra forma não existiria.

---

<sup>70</sup> Gunther Hellmann and Reinhard Wolf, “Neorealism, Neoliberal Institutionalism, and the Future of NATO,” Security Studies, Vol. 3, No.1 (Autumn 1993), pp. 3–43.

---

*Uma vez construídos, cada um desses objetos tem um significado e uso particular dentro de um contexto. Eles são construções sociais na medida em que sua forma estão imbuídas de valores sociais, normas e suposições, em vez de serem o produto de pensamento ou significado puramente individual. (K. M. Fierke, 2007)*

---

### **Os construtivistas destacaram vários temas:**

- 1) Em primeiro lugar, a ideia de construção social sugere diferenças entre contextos, em vez de uma única realidade objetiva. Os construtivistas têm procurado explicar ou compreender a mudança em nível internacional.
- 2) Em segundo lugar, os construtivistas enfatizaram as dimensões sociais das relações internacionais e demonstraram a importância das normas, regras e linguagem neste nível. De intervenção humanitária e a disseminação de valores democráticos. Liberais levantaram questões críticas sobre a ênfase exclusiva da teoria realista no interesse material e no poder.

---

*Os construtivistas enfatizaram que estes últimos não foram capazes de dar conta de algumas das questões-chave da política internacional pós-Guerra Fria e procuraram fornecer uma explicação mais completa ou melhor, baseada em uma análise de como fatores materiais e ideativos se combinam na contenção de diferentes possibilidades e resultados. (K. M. Fierke, 2007)*

---

- 3) Terceiro, os construtivistas têm argumentado que, longe de ser uma realidade objetiva, a política internacional é um mundo que criamos (Onut 1989). Em resposta à super determinação da estrutura na teoria neorrealista e neoliberal, os construtivistas introduziram a possibilidade de agência e enfatizaram processos de interação.

---

*Não é que os atores sejam totalmente livres de escolher suas circunstâncias, mas sim que eles fazem escolhas no processo de interação. (K. M. Fierke, 2007)*

---

Segundo Wendt, para que um estado universal se forme é necessário passar por cinco estágio de desenvolvimento. Os estados precisam reconhecer a soberania uns dos outros e não só dos estados, mas também o reconhecimento dos indivíduos. Devem reconhecer a soberania uns dos outros e praticar a resolução não violenta de disputas, mas também devem se defender contra ameaças com base no princípio de “todos por um por todos”. A condição fundamental para que o estado universal seja estabelecido é o sistema atingir uma "cultura kantiana" de segurança coletiva ou "amizade" (Wendt, 1999: 298-9).

Com efeito, o conceito de soberania é antes de tudo uma categoria social e constitutiva, na medida em que a condição prévia para a luta contra a soberania dos Estados individuais é a compreensão e aceitação do conceito.

Os construtivistas se concentram mais nas normas e entendimentos compartilhados de comportamento legítimo, embora fatores materiais também desempenhem um papel muito importante. Os construtivistas reconhecem o papel das dimensões sociais das relações internacionais e a importância das normas, regras. Mas não invalidam o papel das capacidades dos estados, quer seja económicas, militares, tecnológicas, etc.

O título do famoso artigo de Alexander Wendt (1992), "Anarchy is what States Make of it: The Social Construction of Power Politics", captura essa ideia. Não se caracteriza, em geral, por inimizade e egoísmo. Os EUA e a Grã-Bretanha evoluíram como amigos, enquanto outros estados são inimigos. Muitos estados dentro da União Europeia são antigos inimigos que aprenderam a cooperar. As relações são produto de um processo histórico e interações ao longo do tempo.

Enquanto os racionalistas, destacam a racionalidade das decisões em termos de interesse próprio, minimizando assim o papel do contexto, os construtivistas trouxeram de volta a dimensão social, bem diferente dos realistas, os construtivistas valorizam muito às normas e regras nas relações.

---

*Para alguns observadores, a situação atual parece evocar o cenário que Robert Gilpin delineou a mais de três décadas atrás em que um hegemom liberal subscreve a sua própria morte ao patrocinar as próprias práticas económicas globais que favorecem desproporcionalmente seus rivais de grande potência. (Stephen G; Brooks &, Wohlforth, 2008)*

---

Uma das críticas dos realistas sobre o Estado Universal, é que um estado nunca abrirá mão da sua soberania para um Estado Mundial. O argumento realista pressupõe que os estados permanecem egoístas com interesses próprios. Contra o argumento construtivista, que os estados devem abdicar da sua soberania para que possa alcançar o Estado Mundial e que esse de reconhecer os indivíduos e os estados.

Os realistas afirmam que a segurança coletiva não satisfaz plenamente os desejos de reconhecimento. Que a manutenção da soberania é a retenção do direito de decidir, unilateralmente, revogar o status de reconhecido de um ator e possivelmente matá-lo.

Um estado pode prometer não exercer esse direito e até mesmo manter essa promessa por muito tempo. Mas, desde que o direito de matar não seja permanentemente entregue a uma autoridade com a capacidade de fazer valer o reconhecimento. Esses problemas sugerem que um sistema de segurança coletiva não seria um estado final estável. Sendo assim o caminho é avançar para a formação de um estado universal onde teria a obrigação de defender todos os estivesse integrados no seu poder.

---

*É lugar-comum afirmar que muitos dos mais intratáveis problemas contemporâneos os problemas são transnacionais, variando de mudança climática, migração e pandemias ao terrorismo, instabilidade financeira e proliferação de armas de destruição em massa (ADMs); e que abordá-los com sucesso requer ações que não são unilateral, bilateral ou mesmo multilateral, mas global.(Weiss, 2012)<sup>71</sup>*

---

Qualquer que seja a questão contemporânea de maior preocupação. Seja terrorismo, mudança climática, migração, pandemias ou armas de destruição em massa? Exigimos perspectivas transnacionais e esforços em todos os setores com direção central, nenhuma das quais a ONU fornece.

Segundo o argumento de Wendt, a política mundial é construída socialmente, e isso envolve duas reivindicações básicas: que as estruturas fundamentais da política internacional são sociais, e não estritamente materiais (uma reivindicação que se opõe ao materialismo), e que essas estruturas moldam a forma de atuação dos atores. Identidades e interesses, em vez de apenas seu comportamento, uma reivindicação que se opõe ao racionalismo.(Alexander Wendt, 1995)<sup>72</sup>

---

*As estruturas sociais têm três elementos: conhecimento compartilhado, recursos materiais e práticas. Primeiro, as estruturas sociais são definidas, em parte, por entendimentos, expectativas ou conhecimentos compartilhados. Estes constituem os atores em uma situação e a natureza de seus relacionamentos, sejam eles cooperativos ou conflituosos.(Alexander Wendt, 1995)*

---

Onde os estruturalismos neorrealistas e construtivistas realmente diferem, no entanto, é em suas suposições sobre de que estrutura é feita. Os neorrealistas pensam que é feita apenas de uma distribuição de capacidades materiais, enquanto os construtivistas acham que ela também é feita de relações sociais.

---

*Alexander Wendt. Ele diz que “500 armas nucleares britânicas são menos ameaçadoras para os Estados Unidos do que 5 armas nucleares norte-coreanas” (Wendt 1995, 73).*

---

Por exemplo, quando Wendt diz que 500 armas nucleares britânicas são menos ameaçadoras para os Estados Unidos do que 5 armas nucleares norte-coreanas, ele porque os britânicos são amigos dos Estados Unidos e os norte-coreanos não, e a amizade ou inimizade é uma função de entendimentos compartilhados. Por isso que na teoria construtivista valorizam muito a dimensão social das relações internacionais.

---

<sup>71</sup> What Happened to the Idea of World Government, TG Weiss. International Studies Quarterly, 2009

<sup>72</sup> Alexander Wendt, Constructing International Politics. Source: International Security, Vol. 20, No. 1 (Summer, 1995), pp. 71-81

Alguns autores sugeriram algumas formas de pensar sobre certas dinâmicas no sistema mundial contemporâneo que não privilegiam a dicotomia entre anarquia e hierarquia na teoria estatista. A chave para tal pensamento é reconhecer que a autoridade política não precisa ser centralizada.

---

*O resultado na prática pode ser uma soberania "desarticulada" em que diferentes funções estatais são desempenhadas em diferentes níveis de agregação (Pogge 1992), e/ou um "neo-medievalismo" em que autoridade é compartilhada por atores estatais e não estatais. (Bull 1977, 254-94).*

---

Para os defensores desse argumento o resultado não é nem anarquia nem hierarquia, mas o surgimento de uma nova forma de estado. Ou seja, um sistema de estados, que quebra a coincidência espacial entre o estado como ator e o estado como estrutura. Assim, a erosão da soberania do estado individual não implica a erosão do estado.

A soberania não é uma característica intrínseca da agência estatal, mas uma identidade social que um estado pode ter. Ao transferi-lo para cima para um coletivo, os estados podem realmente fortalecer sua capacidade de resolver problemas. A internacionalização é uma forma de reorganizar.

### Anarquia ou hierarquia?

---

*Waltz tratou esses termos como uma dicotomia, com o estado definido como autoridade centralizada ("hierarquia") e a anarquia como a ausência de hierarquia, o que significa que o sistema internacional por definição seria uma anarquia até que exista um governo mundial. (Wendt, 1999:307)*

---

A abordagem realista é explicitamente materialista da política mundial. Procura explicar padrões e comportamentos internacionais como resultado de forças puramente materiais, particularmente o equipamento militar, recursos estratégicos e dinheiro que eles veem como constituindo "poder".

Por exemplo, John Mearsheimer (1995, 91) argumenta que "a distribuição de capacidades materiais entre os Estados é o fator chave para a compreensão da política mundial". Entre os neoliberais, Joshua Goldstein e Robert Keohane (1994) identificam os interesses materiais dos Estados como distinto das ideias das pessoas sobre o mundo, e sua pesquisa sobre os efeitos causais de ideias usa como base a hipótese materialista.

---

*As ideias que dão forma à política internacional são mais do que apenas as crenças de indivíduos. Eles incluem ideias que são intersubjetivas (ou seja, compartilhadas entre pessoas) e institucionalizadas (isto é, expressas como práticas e identidades). Nas formas intersubjetivas e institucionalizadas de ideias "não são redutíveis a mentes" (Wendt 1999, cap. 4; Legro 2005, 5)*

---

Os construtivistas discordam entre si sobre a natureza do sistema internacional. Isso se reflete no debate sobre se o sistema pode ser caracterizado com uma “anarquia”. A maioria dos construtivistas tem operado dentro do que Ashley (1988) chamou de “anarquia problematique”, uma posição que eles compartilham com os neoliberais e neorrealistas.

Essa visão reconhece a existência de uma condição formal de anarquia entre Estados e torna a anarquia um elemento crucial da estrutura internacional. Ela vê a hierarquia como a alternativa à anarquia, onde a hierarquia se refere a um sistema no qual as unidades “permanecem frente a frente uns com os outros em relações de super e subordinação” (Waltz 1979)

Nesse nível, os construtivistas geralmente concordam com os neorrealistas e neoliberais que a anarquia é o princípio organizador fundamental do sistema internacional, mesmo que eles possam discordar de suas afirmações sobre as implicações disso condição para o comportamento do estado.

Eles argumentam que a construção social do conteúdo cultural dentro de um sistema anárquico produz variação nas restrições estruturais e oportunidades para as unidades e, portanto, leva a variação nos resultados e nos padrões de comportamento do estado. Como condição formal, a anarquia permanece.

---

*No entanto, o construtivismo também abre a possibilidade de que mudanças nas relações sociais entre os Estados possam transformar o sistema anárquico em algo que não é anárquico (Wendt 1999, 307-8). O conceito-chave aqui é autoridade. Autoridade se refere a uma relação de poder legitimado. (Ruggie 1998, 65)*

---

Cria uma hierarquia social dentro da qual os subordinados sentem uma obrigação de seguir as diretrizes da regra autoritária ou ator. Autoridade e anarquia são, portanto, mutuamente exclusivos.

Enquanto alguns construtivistas permaneceram dentro da problemática da anarquia, outros encontraram evidências empíricas da existência de instituições de poder legitimado. A autoridade internacional pode ser encontrada em organizações internacionais, em empresas e em práticas como o direito internacional.

Em ambientes onde os estados reconhecem uma regra, instituição ou ator como tendo o direito para tomar decisões autoritárias em seu nome, devemos reconhecer essa autoridade ao invés de anarquia existe.

A presença ou ausência de autoridade divide os construtivistas entre uma vertente “convencional”, que compartilha a problemática da anarquia com neorrealistas e neoliberais, e uma “pós-anarquia” vertente que rejeita a visão anarquista em bases empíricas.

A visão convencional permite que o conteúdo da anarquia pode mudar (devido a instituições coordenadoras, uma cultura compartilhada, ou outros fatores), mas a condição estrutural básica da anarquia como fundamento do sistema internacional não. Em contraste, a visão “pós-anarquia” é uma desafio fundamental à premissa compartilhada de que a anarquia é a base contínua para política internacional, e tem afinidade com a Escola Inglesa, que sempre mais apegado à imagem de uma “sociedade internacional” do que anarquia (Clark 2005).

Segund Wendt, o estado Universal se desenvolverá dentro da anarquia. Wendt, argumenta ainda que, ao pensar se a lógica da anarquia tem um atrator de ponto fixo, é importante enfatizar que isso não implica necessariamente que um estado mundial deva sobreviver para sempre. Os equilíbrios são sempre vulneráveis a choques exógenos.

Visto que mesmo um Estado Mundial permaneceria um sistema pelo menos parcialmente aberto, tais choques poderiam fazer com que ele se desintegrasse. Em vez disso, para que a lógica da anarquia tenha um estado final diferente de um atrator de ponto fixo, deve haver algo interno ao próprio sistema que induziria necessariamente um eventual colapso, enviando-o para outro caminho de desenvolvimento.

Não necessariamente, o estado universal precisa ser uma autoridade, mas que todos os estados juntos compartilhassem as mesmas ideias e operassem dentro da lógica de “um por todos e todos por um”. Sua causa do Estado Universal é a lógica teleológica da anarquia, que canaliza lutas por reconhecimento em direção a um estado final que transcende essa lógica.

Pode-se até dizer que a lógica em ação aqui é a do reconhecimento, não da anarquia, uma vez que apenas um estado mundial pode realizar ou completar o reconhecimento mútuo da soberania inicialmente estabelecida na sociedade dos estados.

Isso não significa que o estado mundial satisfaria todas as exigências da justiça, mas seria uma condição mínima para uma ordem mundial justa.

Wendt, argumenta que, um estado mundial emergirá, quer alguém pretenda criá-lo ou não. Wendt afirma que, no nível micro, a agência importa tanto aqui quanto nas teorias não teleológicas. As lutas por reconhecimento são intencionais, e não há nada na lógica da anarquia que as obrigue a ir em uma direção ou outra a qualquer momento.

A anarquia é (ainda) o que os estados (e outros atores) fazem dela, e por isso ainda são responsáveis pela qualidade de vida na política mundial. Além disso, além da intencionalidade de atores que lutam por seu próprio reconhecimento, há também a possibilidade de uma intencionalidade mais globalmente orientada na forma de atores que acreditam na inevitabilidade de um estado mundial e tentam acelerá-lo.

Se os realistas estão certos de que a anarquia é programada para a guerra, então faz sentido definir a soberania e os interesses de alguém em termos egoístas e agir com base nisso.

---

*Em vez de afundar com o navio da soberania nacional, os estados devem tentar “obter o melhor acordo” possível na constituição global emergente, que aconselha a aceitação do direito internacional e a participação em instituições multilaterais. Ironicamente, se um estado mundial é inevitável, os estados que adotam tais políticas se sairão melhor a longo prazo do que aqueles que adotam uma visão realista. Resumindo, é melhor “entrar no programa” do que esperar até que ele chegue até você. (Wendt, 2003)*

---

## **5 Capítulo V- Teoria social do construtivismo de Wendt e o sistema político internacional contemporâneo**

Neste capítulo analisaremos teoria social do construtivismo de Wendt em comparação com o sistema político internacional contemporâneo. Abordaremos alguns tópicos importantes do sistema político atual para conseguirmos chegar em uma conclusão mais viável da nossa pergunta de investigação. Alguns temas estão inseridos, nas três superpotências do atual sistema internacional e procura responder questões do tipo:

A unipolaridade vai durar? Se a China é o mais viável candidato a um desafio hegemônico? O que representa a Invasão da Rússia a Ucrânia para o sistema político internacional? A aliança entre a Rússia e a China vai reforçar a aliança entre os Estados Unidos e a Europa?

Entre outras questões pertinentes para a nossa investigação. Com o objetivo de responder no final se o Universal de Wendt é inevitável em que estágio de desenvolvimento nos encontramos no sistema político internacional? E no final abordaremos algumas controvérsias no Construtivismo de Wendt e do Estado Universal defendido por ele.

### **5.1 Os Estados Unidos e União Europeia**

É hora de parar de fingir que europeus e americanos compartilham uma visão comum do mundo, ou mesmo que ocupam o mesmo mundo. A Europa está se afastando do poder ou, para ser um pouco diferente, está se movendo além do poder para um mundo autônomo de leis e regras e de negociação e cooperação transnacionais. E é preciso urgentemente pensar em uma alternativa. Alternativa essa que para Wendt, seja o desenvolvimento do Estado Universal, um único poder jurídico e vinculativo que possa tomar as decisões mais urgentes da humanidade e resolve-los.

---

*Por isso, nas principais questões estratégicas e internacionais de hoje, os americanos são de Marte e os europeus de Vênus: eles concordam pouco e se entendem cada vez menos. Os intelectuais europeus são quase unânimes na convicção de que americanos e europeus não compartilham mais uma “cultura estratégica” comum. (Kagan, 2002)*

---

Existem profundas diferenças na maneira como os Estados Unidos e a Europa conduzem a política externa. Os Estados Unidos, eles argumentam, recorrem à força mais rapidamente e, comparados à Europa, são menos pacientes com diplomacia. Enquanto, os Europeus são mais pacientes e recorrem mais a diplomacia.

Os Europeus são mais tolerantes a falhas, mais pacientes quando as soluções não surgem rapidamente. Eles geralmente favorecem respostas pacíficas aos problemas, preferindo negociação, diplomacia e persuasão à coerção. Eles são mais rápidos a apelar para o direito internacional, convenções internacionais e opinião internacional para resolver disputas.

Os americanos tendem cada vez mais ao unilateralismo nos assuntos internacionais. Eles são menos inclinados a agir através de instituições internacionais como as Nações Unidas, menos inclinados a trabalhar em cooperação com outras nações para buscar objetivos comuns, mais céticos em relação ao direito internacional e mais dispostos a operar fora de suas restrições.

Os construtivistas dão muito valor as questões sociais, as normas e as ideias. Houve a promessa inicial da "nova Europa". Ao unir-se em uma única unidade política e econômica muitos esperavam recuperar a antiga grandeza da Europa, mas sob uma nova forma política.

Sendo assim, "Europa" seria a próxima superpotência, não apenas econômica e politicamente, mas também militarmente. Ele lidaria com crises no continente europeu. Mas parece que isso ficou apenas em promessas incumpridas. Agora o objetivo é seguir este caminho que Wendt traçou dos estágios de desenvolvimento do Estado Universal para dar sentido a União Europeia e a NATO.

---

*Os europeus insistem em abordar os problemas com maior sofisticação)(Kagan, 2002)<sup>73</sup>*

---

O poder de uma Europa unificada restauraria, finalmente, a "multipolaridade" global que havia sido destruída pela Guerra Fria e suas consequências. A suposta superpotência da Europa era o futuro. Mas hoje em dia, testemunhamos não o surgimento de uma superpotência europeia, mas o declínio da Europa que revela a incapacidade militar Europeia e desordem política.

Isto acontece depois da estratégia do retraimento dos EU das questões externas. A Europa ficou sozinha para lidar com as crises que afetam a sua autonomia. Os EU desde o 11 de setembro mudou a sua política de segurança. Deixou de se concentrar em assuntos externos, para se preocupar com os assuntos internos.

---

<sup>73</sup> Kagan, R. (2002). Power and Weakness. Policy Review. P. 3-28

A ameaça a hegemonia agora, não era a União Soviética. A reconstituição da balança do poder entre as principais potências marca a última fase na evolução da política internacional no pós-guerra fria. Depois da dissuasão dos União Soviética, os EU dominou a balança do poder internacional. Com a derrota do seu inimigo estratégico, leva uma aliança das democracias sobre a alternativa do comunismo.

---

*Por definição, os Estados soberanos tomam como inimigo o pretendente à hegemonia, isto é, o que os poderia privar da sua autonomia, da sua capacidade para tomar livremente as suas decisões. (Kagan, 2002)*

---

Nos últimos tempos, todos temos visto a força das tendências de mudança que dominam a política internacional. Estas dinâmicas de transformação e de mudança, são respostas ao retraimento estratégico dos Estados Unidos, da ressurgência da China e da ressurreição da Rússia.

A China pretende assumir o papel de hegemonia internacional, mas para isso precisa trabalhar muito. Os EU estão reservando a sua força para no momento certo saber usar contra aquele que pretender a hegemonia. A china reconhece a sua posição internacional e joga com visão de longo prazo, porque sabe perfeitamente, se combater com EU neste momento seria suicídio. Por isso, projeta tudo para o longo prazo.

Contudo, mesmo no meio destas tendências de mudança e transformação do sistema, os EUA ainda continuam a ter a sua predominância internacional e a ter uma posição singular na estrutura de distribuição do poder, no sentido que nenhuma potência, têm condições para pôr em causa a sua superioridade estratégica.

O seu primado internacional persiste apesar do seu retraimento estratégico. Já não se envolve como fazia outrora nas crises regionais, indispensáveis para garantir a estabilidade da ordem internacional. Agora se preocupa mais com os seus problemas interno, para não desgastar as suas forças com problemas que não são da sua responsabilidade.

Essa é uma das principais razões, por trás da defesa de um único governo mundial, porque todos os estados querem ter poder, mas nem todos querem assumir as responsabilidades globais da humanidade.

## 5.2 Estratégia de “offshore balancing” EUA

---

*A continuidade do sistema unipolar é prejudicada tanto pela redução constante no diferencial de poder que separa os Estados Unidos da China, como pela crescente capacidade de intervenção das outras potências revisionistas. (Kagan, 2002)<sup>74</sup>*

---

---

<sup>74</sup> Kagan, R. (2002). Power and Weakness. Policy Review. P. 3-28

O declínio da principal potência internacional é tido como um dado adquirido, onde ganham forças os argumentos sobre a necessidade de tomar a viragem defensiva da estratégia de retraimento numa mudança permanente para uma estratégia de “offshore balancing”. E o que quer isso dizer?

Nessa estratégia, os Estados Unidos procuram manter o primado no ranking das potências à custa da redução drástica das responsabilidades internacionais, o que não pode deixar de pôr em causa a ordem liberal, e pela sua concentração em travar uma emergência de uma grande potência, ou de uma aliança contra-hegemónica, que possa pôr em causa a predominância norte americana. No caso de uma aliança entre a China e a Rússia. Resta agora saber o que significa a transição post-unipolar:

- Um regresso à regra multipolar? Onde vários estados dominam o sistema.
- A restauração da exceção bipolar que dominou a competição entre as duas super potências da guerra fria? Os EUA e a URSS.
- Ou a recomposição de um sistema misto em que a preeminência norte americana coexiste com uma configuração tripolar na distribuição do poder internacional? Onde temos os EUA, a china e a Rússia, como as três principais potências do sistema internacional.
- Ou será que realmente o Estado Universal é inevitável como defende Wendt?
- E se o estado Universal é inevitável, em que estagio de desenvolvimento do Wendt o sistema se encontra?

Passaremos a seguir a responder estas questões. Saber se o sistema se torna numa regra multipolar, tripolar, ou se realmente o sistema está avançando para o surgimento de um Estado Universal que possa dar respostas globais aos problemas globais.

### 5.3 Construtivismo e a questão de legitimidade

---

*Os limites e possibilidades dos Estados Unidos os recursos de poder, afirmam os construtivistas, dependem crucialmente de ideias coletivamente mantidas, e essas ideias não são redutíveis a cálculos estreitos de custo-benefício. (Stephen G; Brooks & , Wohlforth, 2008)<sup>75</sup>*

---

Em particular, a capacidade do governo dos EUA de traduzir seus recursos de poder aparentemente formidáveis em resultados favoráveis depende crucialmente da manutenção da legitimidade. Os Estados Unidos se beneficiam muito por serem vistos como legítimos.

---

<sup>75</sup> Stephen G; Brooks & , Wohlforth, 2008, “World out of balance” International Relations and the challenge of American Primacy. p. 98-147

---

*Legitimidade é um conjunto de crenças sobre a propriedade, aceitabilidade ou naturalidade de uma ação, um ator/papel ou uma ordem política. Essas crenças são influenciados - mas não determinados - por regras legais e normas morais. (Stephen G; Brooks & , Wohlforth, 2008)<sup>76</sup>*

---

Os construtivistas argumentam, que a hegemonia dos EUA seria muito mais difícil de manter, se outros estados parassem de apoiar o atual o status quo institucional de forma habitual, e passar a avaliar a ordem com base em cálculos de custo-benefício constantemente atualizados. Os Estados Unidos devem ganhar legitimidade e continuar trabalhando para mantê-la agindo de acordo com as regras da ordem internacional.

---

*A legitimidade de uma ordem política internacional não é simplesmente uma questão de sua constitucionalidade ou justiça, mas depende se seus membros constituintes a veem como aceitável ou melhor do que quaisquer alternativas possíveis – do jeito que as coisas devem ser. A legitimidade não é, portanto, necessariamente sobre a aprovação normativa. (Stephen G; Brooks & , Wohlforth, 2008)<sup>77</sup>*

---

Enquanto, os EU seguirem de perto as regras aceitas e normas, é provável que desfrute dos benefícios da legitimidade. Na medida em que outros atores veem os Estados Unidos como isentos dessas regras, perderá legitimidade e enfrentará custos dramaticamente maiores.

A noção de legitimação social está ligada com a ideia de contenção e que, se os Estados Unidos não exercerem tal contenção, terão que arcar com os custos de legitimidade. Se Perderem a sua legitimidade como principal potência, então os outros estados não vão perceber como tal e isso implica perda de poder.

Wendt, define o estado como uma organização que possui um monopólio sobre o uso legítimo da violência organizada dentro de uma sociedade (Wendt, 1999). Essa definição tem aspetos importantes, a seguir.

1. O primeiro é o monopólio da força. Isso significa que o potencial para a violência organizada é unificado no sentido de que aqueles que controlam seu exercício não podem tomar decisões independentes uns dos outros, mas sempre operam como uma "equipe".
2. O segundo aspeto é a legitimidade. Aqueles sujeitos a um poder comum devem perceber sua existência e operação como corretas.

---

<sup>76</sup> Ian Hurd, "Legitimacy and Authority in International Politics," *International Organization* 53 (1999).

<sup>77</sup> Clark, *Legitimacy in International Society*, 254.

*A legitimidade é constituída por uma estrutura de autoridade política que capacita algumas pessoas a fazer cumprir as regras e obriga outras a obedecer (Benjamin e Duvall, 1985: 25 –6).*

---

3. O poder comum e a legitimidade juntos constituem o terceiro aspeto, soberania, definida como o direito exclusivo de fazer cumprir a lei do país, este direito é antes de mais um direito interno conferido pela sociedade.
- 

*Na visão de Carl Schmitt, a soberania se resume à capacidade de decidir unilateralmente que certos indivíduos ou grupos não fazem parte da comunidade e, portanto, podem, se necessário, ser mortos. A irresponsabilidade de tais decisões emergirá abaixo como um fator chave na formação do estado mundial. Nessa definição, um estado mundial está claramente distante. (Schmitt 1985)*

---

Hoje, os principais estados do sistema não temem a guerra. Eles formam o que Karl Deutsch chamou de comunidade de segurança, isso tudo é provocado pelos altos custos da guerra, os grandes benefícios da paz e as mudanças nos valores.

Segundo Jervis, hoje estamos a viver uma **comunidade de segurança** entre as principais potências. O sistema se caracteriza como um sistema unipolar, onde os Estados Unidos mantem sua primazia, e os estados revisionistas que procuram mudar o sistema político internacional.

---

*A começar por esta última, a época atual distingue-se por quatro fatores: uma comunidade de segurança entre os principais estados, a existência de armas nucleares, a prevalência de normas liberais e a ameaça de terrorismo. (Jervis, 2009)<sup>78</sup>*

*Uma razão para a existência da comunidade de segurança é a alta custo da guerra, algo que é garantido pelas armas nucleares. (Jervis, 2009)*

---

#### 5.4 A unipolaridade vai durar?

Hoje essa é a grande questão. Se os Estados Unidos ainda continuaram no sistema como a única superpotência mundial? Mas como vimos, as principais potências agora formam uma comunidade de segurança. Os incentivos para tentar derrubar a unipolaridade são muito menos quando os Estados não temem que a superpotência os invadirá ou diminuirá muito sua soberania.

---

<sup>78</sup> Jervis, R. (2009). UNIPOLARITY A Structural Perspective. P. 188-213

---

*Se a questão mais premente sobre o sistema bipolar que surgiu após a Segunda Guerra Mundial era se levaria à guerra das superpotências, a pergunta óbvia hoje é se a unipolaridade vai durar. Uma posição é que não, que seguindo o raciocínio do equilíbrio de poder, os outros unir para contestar o domínio americano.(Jervis, 2009)<sup>79</sup>*

---

A força de mudança do sistema mais provável é a proliferação, e ironicamente a unipolaridade dá a muitos estados boas razões para buscar armas nucleares. Embora os aliados às vezes duvidassem do compromisso dos Americanos durante a Guerra Fria, a própria força da União Soviética significava que os EUA pagariam um preço alto se não cumprissem às suas promessas de defendê-los.

A bipolaridade, é caracterizada como uma forma de distribuição do poder instável num sistema anárquico. Nesta estrutura de distribuição de poder é instável justamente, porque para se ter o equilíbrio é necessário que ambos estejam em lados opostos. Na guerra fria as diferenças eram também ideológicas, por um lado a democracia Norte Americana e por outro lado o Comunismo Soviético. Não só diferenças no sentido ideológico, mas também diferenças nos modelos económicos assentes em princípios incompatíveis.

A balança do poder é um tipo de estratégia dos Estados no sentido que procura preservar a estabilidade internacional, garantir a sua segurança e neutralizar a emergência de um perturbador. Os Estados usam esta estratégia para que os mais vulneráveis se aliam para contrabalançar a potência mais ameaçadora.

Se a China e a Rússia se unirem para contrabalançar o poder dos Estados Unidos. Eles tomam por inimigo a potência que coloca em risco a sua autonomia, ou seja a sua capacidade de tomar livremente as suas decisões.

Perante os riscos de uma excessiva concentração de poder, os Estados criam uma coligação para contrabalançar a ameaça hegemónica: as alianças são um dos métodos da balança do poder. (Hans Morgenthau 1948-157)

---

*A balança é uma consequência da anarquia: «Enquanto a ausência de governo internacional significar que as Potencias estão permanentemente preocupadas com a sua sobrevivência, estas têm de continuar a procurar manter um equilíbrio entre si.» (Martin Wight, 1966).*

*A distribuição do poder internacional, ou a repartição das capacidades entre as principais potencias, determina o número de polos e a estrutura do sistema internacional. (Gaspar, 2011)*

---

---

<sup>79</sup> Hans Morgenthau, *Scientific Man vs. Power Politics* (Chicago: University of Chicago Press, 1946). Christopher Layne, "The Unipolar Illusion: Why New Great Powers Will Rise," *International Security* 17 (Spring 1993 2000); Charles Kupchan, *The End of the American Era* (New York: Knopf, 2002)

## 5.5 Sistemas multipolares vs. Sistemas bipolares

Os sistemas bipolares fundam-se na existência de duas superpotências cada uma com um grau de poder incomparavelmente superior ao de quaisquer outras potências ou possível combinação de outras potências

---

*Por outro lado, num sistema bipolar a rivalidade entre as superpotências é devida à estrutura, isto é, a configuração do poder, sendo independente de ideologias, que a podem exacerbar mas que não a determinam. (COUTO, 1980)*

---

Nos sistemas multipolares existem demasiadas potências, o que as impede de definirem linhas claras e fixas entre aliados e adversários e de reduzirem os riscos de deserção. Pelo contrário a regra de flexibilidade das alianças torna as relações de amizade e de inimizade fluidas e cria uma incerteza geral sobre o equilíbrio das forças.

---

*Além disso, as potências, que têm um peso equivalente e precisam de procurar um denominador comum entre as suas políticas para formar uma aliança, correm o risco de encontrar o menor denominador comum que não pode satisfazer nenhum dos aliados. (Gaspar, 2011)*

---

O colapso da União Soviética, produziu a maior mudança nas relações de poder mundial desde a Segunda Guerra Mundial. A estrutura Bipolar que antes emanava nas políticas de segurança das grandes potências desapareceu. Os Estados Unidos emergiram como a única superpotência sobrevivente.

---

*Comparativamente, os sistemas bipolares são o domínio da simplicidade, da previsibilidade e da estabilidade: as duas grandes potências definem o equilíbrio geral pelos seus próprios meios, sem depender dos recursos dos aliados; a avaliação da correlação de forças entre os dois competidores é mais fácil; e as estratégias das duas superpotências resultam do cálculo dos seus interesses, que não estão sujeitos à negociação com outros parceiros. (Kenneth Waltz, 1979)*

---

Os analistas acreditam que a unipolaridade é propensa a conflitos, pois os outros estados procuram criar um contrapeso ao poder da potência preponderante. Na tese defendida por William Wohlforth,<sup>80</sup> Apresentou três proposições que minam a sabedoria convencional emergente de que a distribuição de poder é instável e propensa a conflitos.

---

<sup>80</sup> Wohlforth, W. C. (1999). The stability of a unipolar world. *International Security* 24, no. 1 (Summer 1999): P. 5–41

---

*Os comentaristas foram rápidos em reconhecer que um novo “momento unipolar” de poder sem precedentes dos EUA havia chegado. (Wohlforth, 1999)<sup>81</sup>*

*Havia uma crença generalizada de que a unipolaridade era perigosa e um dos modelos sistemáticos mais instável nas relações internacionais. Para os neorrealistas, a unipolaridade é a menos estável de todas as estruturas porque qualquer grande concentração de poder ameaça outros estados e causa que tomem medidas para restabelecer o equilíbrio. (Wohlforth, 1999)<sup>82</sup>*

---

- 1) Primeiro, o sistema é inequivocamente unipolar. Os Estados Unidos gozam uma margem de superioridade muito maior sobre o próximo estado mais poderoso ou, de fato, todas as outras grandes potências combinadas do que qualquer estado líder nos últimos dois séculos.  
Além disso, os Estados Unidos são o primeiro estado líder na moderna história internacional com preponderância decisiva em todos os componentes subjacentes do poder: econômico, militar, tecnológico e geopolítico.
- 2) Em segundo lugar, a atual unipolaridade é propensa à paz. A vantagem de poder bruto dos Estados Unidos significa que uma importante fonte de conflito em sistemas anteriores está ausente: a rivalidade hegemônica pela liderança do sistema internacional. Nenhuma outra grande potência está em condições de seguir qualquer política que dependa para seu sucesso de prevalecer contra os Estados Unidos em uma guerra ou rivalidade prolongada. Nenhum provavelmente dará qualquer passo que possa atrair a inimizade concentrada dos Estados Unidos.
- 3) Terceiro, a unipolaridade atual não é apenas pacífica, mas durável. Ela já tem uma década e, se Washington jogar bem suas cartas, pode durar tanto quanto a bipolaridade. Por muitas décadas, nenhum Estado provavelmente estará em posição de assumir os Estados Unidos em qualquer um dos elementos subjacentes do poder.

---

<sup>81</sup> Christopher Layne, “The Unipolar Illusion: Why New Great Powers Will Arise,” *International Security*, Vol. 17, No.4 (Spring 1993), pp. 5–51;

Layne, “From Preponderance to Offshore Balancing: America’s Future Grand Strategy,” *International Security*, Vol. 22, No.1 (Summer 1997), pp. 86–124.

<sup>82</sup> Kenneth N. Waltz, “Evaluating Theories,” *American Political Science Review*, Vol. 91, No. 4 (December 1997), pp. 915–916; Layne, “Unipolar Illusion”; and Michael Mastanduno, “Preserving the Unipolar Moment: Realist Theories and US Grand Strategy after the Cold War,” *International Security*, Vol. 21, No.4 (Spring 1997), pp. 44–98.

Waltz, “The Stability of a Bipolar World,” *Daedalus*, Vol. 93, No.3 (Summer 1964), pp. 881–901.

---

*Outros analistas admitiram que a concentração de poder contribui para a paz, mas duvidavam que a preeminência dos Estados Unidos pudesse perdurar. Ambas as visões previam que a unipolaridade poderia trazer vantagens de paz, contudo a sua permanência seria de pouca duração. (Wohlforth, 1999)<sup>83</sup>*

*Como resultado, a maioria dos analistas argumenta que a unipolaridade é uma “ilusão”, um “momento” que “não vai durar muito” ou já está “dando lugar à multipolaridade”. (Wohlforth, 1999)<sup>84</sup>*

---

A unipolaridade é durável e pacífica, e a principal ameaça é o fracasso dos EUA em fazer o suficiente para manter a sua legitimidade internacional. Se os Estados Unidos manterem a sua legitimidade, então provavelmente a unipolaridade pode vir a durar mais tempo do que o esperado. Mas, se perder a sua legitimidade internacional, é bem provável que outros estados insatisfeitos como a China e a Rússia dispostos a lutar juntos para uma contra hegemonia Norte Americana.

---

*Mas dado que a unipolaridade é mais segura e mais barata do que a bipolaridade ou a multipolaridade, vale a pena investir no seu prolongamento. (W. C. Wohlforth, 1999)*

---

Em suma, a ordem mundial atual é caracterizada não por uma ameaça iminente dos EUA que está levando outras potências ao contrapeso multipolar, mas por um estrutura material que pressupõe e exige a preponderância norte-americana com políticas e retórica que negam sua existência ou se recusam a enfrentar seus modestos custos.

---

*Desde os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, o mundo não parece mais tão facilmente transformada, ou a história tão facilmente escapada. Mesmo a unipolaridade, que parecia estranhamente durável apenas alguns anos atrás, aparece hoje como um “momento passageiro” – algo que a maioria dos realistas previu. (Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011)<sup>85</sup>*

---

Segundo Wendt, o Estado Mundial passa por cinco estágios de desenvolvimento. Durante este processo, o sistema vai alterando as normas e as regras e vai avançando até os estados se cooperarem baseados na promessa de ajuda mutua e assim possível no final os estados conseguirem criar um único estado onde possa tomar as decisões

---

<sup>83</sup> Charles A. Kupchan, “After Pax Americana: Benign Power, Regional Integration, and the Sources of Stable Multipolarity,” *International Security*, Vol. 23, No.3 (Fall 1998), pp. 40–79.

<sup>84</sup> Charles A. Kupchan, “Rethinking Europe,” *National Interest*, No. 56 (Summer 1999); Kupchan, “After Pax Americana,” p. 41; Layne, “Unipolar Illusion”;

<sup>85</sup> Christopher Layne, “The Unipolar Illusion: Why New Great Powers Will Rise,” *International Security*, Vol. 17, No. 4 (Spring 1993), pp. 5–51; John J. Mearsheimer, “Back to the Future: Instability in Europe after the Cold War,” *International Security*, Vol. 15, No. 1 (Summer 1990), pp. 5–56; Kenneth N. Waltz, “The Emerging Structure of International Politics,” *International Security*, Vol. 18, No. 2 (Fall 1993), pp. 44–79; and Kenneth N. Waltz, “Structural Realism after the Cold War,” *International Security*, Vol. 25, No. 1 (Summer 2000), pp. 5–41.

fundamentais do sistema internacional. Não que isso possa ser alcançado, mas é um caminho a ser percorrido.

---

*Se uma grande transformação está chegando, não é aquele que anuncia uma política mundial radicalmente alterada baseada em legalismo, constitucionalismo ou ativismo cívico global. Pelo contrário, é uma estrutura transformação da unipolaridade para a multipolaridade que a maioria dos realistas acredita promete um retorno à história familiar de grandes potências lutando pelo poder e prestígio. (Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011)<sup>86</sup>*

---

Hoje, o sistema está marcado por vários conflitos entre os Estados, por crises humanitárias, por desordens, por catástrofe naturais, por vários problemas global que precisam de respostas também global. Que só um Estado Universal possa dar as respostas certas.

É claro que existe vários argumentos contra o Estado Universal, e mas como Wendt argumenta um Estado Universal também estaria sujeito as suas interrupções, mas que ele mesmo conseguiria solucionar, porque não seria um único Estado. Mas, um conjunto de Estados em prol do bem da humanidade. Para os realistas uma utopia, para os liberais uma possibilidade e para o construtivismo defendido por Wendt, uma inevitabilidade e que este é o caminho a ser percorrido.

Um retorno à multipolaridade nos diz que várias grandes potências surgirão para se juntar aos Estados Unidos como polos dentro do sistema internacional. Como referido o sistema internacional é completamente imprevisível, podemos hoje ter a certeza de algo e amanhã acontecer algo totalmente diferente do esperado.

Não sabemos o que esperar do sistema internacional, se será uma transição da unipolaridade para a multipolaridade. Se as potências emergentes aceitarão ou resistir à ordem ocidental herdada. Essas questões dependem muito do que papéis que as potências emergentes, especialmente a China, decidem desempenhar. E muitas vezes nem é o que decidem, mas as circunstâncias em que cada uma se encontra que vai ditar as regras e conduzir os fios do sistema.

#### 5.5.1 Potências emergentes: (“supporters”, “spoilers” or “shirkers”).

Às potencias emergentes, como a China e a Rússia, podem escolher ser (1) supporters (apoiadores), que assumem sua parte justa das responsabilidades associadas à uma ordem global em evolução, mas essencialmente inalterada, (2) spoilers, que procuram destruir a ordem existente e substituí-la por algo totalmente diferente, ou (3) shirkers,

---

<sup>86</sup> Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu. (2011). After Unipolarity. China’s Visions of International Order in an Era of U.S. Decline. The MIT Press. International Security, Volume 36, Number 1, Summer 2011, pp. 41-72; John J. Mearsheimer, The Tragedy of Great Power Politics (New York: W.W. Norton, 2001), chap. 10.

que querem os privilégios do poder, mas não estão dispostos a pagar por eles contribuindo para a governança global. (Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011)<sup>87</sup>

A história nos diz que mudanças estruturais dramáticas raramente se desenrolam de forma suave ou pacificamente. Os realistas desde Tucídides notaram o perigo de situações em que os estados passam por rápidas subidas e descidas de poder relativo, onde um estado aspira ao status hegemônico e outro busca mantê-lo. Nada é estático no Sistema Político Internacional, ou seja, não consegue de maneira nenhuma se manter, imóvel.

Quer seja avançando, quer seja regredindo. O sistema nunca, fica paralisado, sem progresso, ou sem evolução. E Wendt assume nos estágios de evolução para o Estado Universal, que o sistema evolui em cada uma das etapas.

O principal fator causal da teoria da guerra hegemônica e da mudança internacional de Robert Gilpin é a lei das taxas desiguais de crescimento entre os estados, que redistribui o poder no sistema internacional. À medida que os concorrentes do hegemom crescem mais poderosos, sua insatisfação com o status quo, ambições e demandas por prestígio e influência também crescem.

---

*Quando surge uma disjunção grande o suficiente, o sistema entra em um estado de desequilíbrio.*(Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011)<sup>88</sup>

*Eventualmente, sérias crises internacionais se sucedem, como espetaculares. O crescimento das capacidades econômicas e militares das potências em ascensão desencadeia “uma tensa competição entre os países por recursos e mercados, poder militar, influência política e prestígio.”*(Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011)<sup>89</sup>

---

Mudanças dramáticas no poder também geram dilemas de segurança. Quaisquer que sejam suas verdadeiras intenções, os estados em rápido crescimento geralmente aparecem como ameaças a seus vizinhos, bem como ao hegemom e seus aliados. A escalada de conflitos entre a Rússia e a Ucrânia, afeta os aliados dos EU e da OTAN. O desenvolvimento da China também afeta a hegemonia dos Estados Unidos na Ásia. E os Estados Unidos reuniram todas as suas forças para neutralizar a China.

---

<sup>87</sup> David A. Lake, “Beneath the Commerce of Nations: A Theory of International Economic Structures,” *International Studies Quarterly*, Vol. 28, No. 2 (June 1984), pp. 143–170.

<sup>88</sup> A.F.K. Organski, *Power Transitions: Strategies for the 21st Century* (New York: Chatham House, 2000).

<sup>89</sup> Nazli Choucri and Robert C. North, *Nations in Conflict: National Growth and International Violence* (San Francisco, Calif.: W.H. Freeman, 1975), p. 28.

---

*Antes do confronto militar ou mesmo da ameaça de tal conflito, argumentamos que o desafiante em ascensão deve deslegitimar a autoridade global do hegemom e ordem. (Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011)<sup>90</sup>*

---

Essa fase de deslegitimação, que aparece anos antes da crítica ponto de inovação de uma transição de poder, cria as condições para o surgimento de uma coalizão contra-hegemônica revisionista. Durante esta fase, o revisionismo o poder expressa sua insatisfação com a ordem estabelecida e forja o propósito que se tornará a base de sua demanda por uma nova ordem mundial.

---

*Esta fase ocorre dentro do padrão cíclico maior de (1) uma ordem estável, (2) a desconcentração e deslegitimação do poder hegemônico, (3) construção de armas e formação de alianças, (4) resolução da crise internacional, muitas vezes por meio de guerra hegemônica, e (5) renovação do sistema. (Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011)<sup>91</sup>*

---

### A política internacional contemporânea segue esse padrão convencional e, em caso afirmativo, onde estamos no ciclo?

A era nuclear faz a transição de poder por meio de uma guerra hegemônica impensável. Dito isso, argumentamos que a transição da unipolaridade para alguma forma de equilíbrio global estará de acordo com as fases iniciais deste padrão cíclico. Para onde vai a partir daí, ninguém sabe. A China não pode perturbar a ordem internacional sem uma boa estratégia para não ser difamada de perturbadora da ordem internacional.

Argumentamos, que o atual sistema internacional está entrando em uma fase de **desconcentração/deslegitimação**. Em que a China pretendo concorrer com os Estados Unidos, mas faz isso de uma maneira prudente, projetando sua estratégias a longo prazo e afirmando as suas alianças com os outros estados emergentes.

---

*Assim, o poder concentrado dentro do unipolo não é o único obstáculo que os estados que buscam o equilíbrio devem superar; eles também devem superar o rótulo revisionista ligado a qualquer Estado que busque restaurar o equilíbrio global. (Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011)<sup>92</sup>*

---

---

<sup>90</sup> Stephen M. Walt, *Taming American Power: The Global Response to U.S. Primacy* (New York: W.W. Norton, 2005), pp. 160–178.

<sup>91</sup> George Modelski, “The Long Cycle of Global Politics and the Nation-State,” *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 20, No. 2 (April 1978), pp. 214–235; and George Modelski and William R. Thompson, *Leading Sectors and World Powers: The Coevolution of Global Economics and Politics* (Columbia: University of South Carolina Press, 1996).

<sup>92</sup> Robert Jervis, “The Remaking of a Unipolar World,” *Washington Quarterly*, Vol. 29, No. 3 (Summer 2006), pp. 7–19; and Ian Hurd, “Breaking and Making Norms: American Revisionism and Crises of Legitimacy,” *International Politics*, Vol. 44, Nos. 2–3 (March 2007), pp. 194–213 Alastair Iain Johnston, “Is China a Status Quo Power?” *International Security*, Vol. 27, No. 4 (Spring 2003), p. 56;

## 5.6 China como o mais viável candidato a um desafio hegemônico

Hoje em dia, a maior preocupação é o que acontecerá depois que a unipolaridade acabar. Os projetos atuais se refere a várias estratégias e cenários sobre como a transição da unipolaridade para um equilíbrio global de poder será restaurado - seja unipolar, bipolar ou multipolar, ou quem sabe o desenvolvimento do Estado Universal.

Segundo Wendt, quando todos os estados estiverem cooperando uns com os outros, numa lógica de anarquia Kantiana, onde existe a regra de ajuda mutua e cooperação. Nestes termos o Estado Universal pode desenvolver-se e conseguir prevalecer por muito tempo. Mas não é isso que temos visto no sistema internacional contemporânea. Quando se pensa num Estado Universal soa muito utópico tal como os realistas argumentam.

---

*Focamos na China como o mais viável candidato a um desafio hegemônico, explorando suas ambições e projetos para uma nova ordem mundial. (Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011)<sup>93</sup>*

---

O sistema tem afastado cada vez mais da cooperação e neste momento a China é o mais viável candidato ao desafio hegemônico. Discutiremos nesta parte do trabalho o que acreditamos ser o mais provável futuro alternativo da hegemonia Norte Americana. Se a China é o mais viável candidato a hegemonia internacional, que estratégias deve ter para não ser perseguida por estar a ser perturbadora da ordem internacional?

Qualquer Estado ou coligação de Estados que pretenda restaurar um equilíbrio é, por definição, revisionista. Procura derrubar a ordem estabelecida de poder desequilibrado e substituí-la por um equilíbrio de poder sistema.

E é por isso que a China e a Rússia recebem a designação de Estados revisionistas. Ambos insatisfeitas, com a ordem de poder do sistema, pretendem encontrar uma alternativa para sua própria sobrevivência. O objetivo é uma mudança de sistema, não uma mudança dentro do sistema, e assim alcançar esse objetivo alterará a própria estrutura da política internacional de unipolaridade para bipolaridade ou multipolaridade ou até um Estado Universal defendido por Wendt.

Porque o equilíbrio sob a unipolaridade é um processo revisionista, qualquer intenção de estado em restaurar o equilíbrio do sistema será rotulado de agressor. Quando os estados revisionistas pretendem alterar a ordem do poder dentro do sistema devem ter bastante prudência para não ficarem rotulados de agressor. Porque isso pode trazer consequências gravíssimas para sua sobrevivência no cenário político internacional.

---

<sup>93</sup> Stephen G. Brooks and William C. Wohlforth, *World Out of Balance: International Relations and the Challenge of American Primacy* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2010); Avery Goldstein, *Rising to the Challenge: China's Grand Strategy and International Security* (Stanford, Calif.: Stanford University Press, 2005).

Esta realidade implica que o equilíbrio sob a unipolaridade deve ser precedido por uma fase de deslegitimação. Os Estados devem primeiro ver a hegemonia como tão incompetente e tão perigosa que seu domínio deve ser derrubado.

Caso contrário, os riscos e os altos custos de tentar restaurar um equilíbrio global serão proibitivos. E a Rússia parece não se importar muito com isso, uma vez que tem colhidas muitas consequências devido a sua rebeldia. Além das sanções económicas, também tem perdido o seu prestígio internacional e sendo tachada de perturbadora da ordem internacional.

---

*A fase de deslegitimação que temos em mente está mais associada à teoria dos ciclos longos de George Modelski. (Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011)<sup>94</sup> A deslegitimação ocorre após o Hegemon iniciou seu relativo declínio.*

---

#### 5.6.1 Artes chinesas de resistência: ascensão e contestação dentro da Ordem

Se a China continuar modernizando sua economia em ritmo acelerado, um dia tornar-se a grande potência mais rica e, como tal, a mais provável concorrente dos Estados Unidos. A liderança e os intelectuais da China ainda não desafiaram direta e abertamente a ideologia dominante, mas eles começaram a pensar além da ordem existente. O trabalho dos estrategistas chineses tem sido muito prudente e eficaz.

---

*No curto prazo, a China busca uma modificação da Pax Americana, não um desafio direto a ela. (Randall L. Schweller Xiaoyu Pu, 2011, pag-53)*

---

Para lidar com a ordem existente, a China acomoda pragmaticamente a hegemonia dos EUA, no por um lado, enquanto contesta a legitimidade da hegemonia norte-americana, por outro. Assim, a China trabalhou dentro do atual sistema internacional para expandir sua economia e aumentar sua visibilidade e status como ator político global, evitando ações que desafiem diretamente a hegemonia dos EUA. E isso é uma estratégia viável para a China concorrer para potência dominante.

Contando com canais institucionalizados existentes para contestar a hegemonia dos EUA, a China busca aumentar sua influência política e prestígio através da participação ativa, não do confronto com a ordem existente. **Táticas específicas que incluem:**

- a. Denunciar o unilateralismo dos EUA e promover o conceito de multilateralismo;
- b. Participando de criação de novas organizações internacionais;
- c. Buscar um “soft power” diplomacia no mundo em desenvolvimento;
- d. Votar contra os Estados Unidos em instituições internacionais;

---

<sup>94</sup> George Modelski, *Long Cycles in World Politics* (Seattle: University of Washington Press, 1987); and George Modelski, ed., *Exploring Long Cycles* (Boulder, Colo.: Lynne Rienner, 1987).

- e. Definir a agenda dentro de organizações internacionais e regionais.

---

*Existem várias razões pelas quais a grande estratégia da China incorpora a acomodação com os Estados Unidos. Em primeiro lugar, a capacidade de crescimento da China requer uma estabilidade relacionamento com os Estados Unidos. Em segundo lugar, desde o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos geralmente buscou engajamento com a China, não contenção dela. (Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011. Pag- 53)<sup>95</sup>*

---

Previendo a dominação contínua dos EUA durante nesta era, os líderes chineses acreditam que devem conter os Estados Unidos enquanto constroem incansavelmente a própria força da China. Ao final deste período, a China estará em melhor posição para defender e promover seus interesses. Agindo sabiamente e prudentemente chegara longe nas suas estratégias de contenção.

Eles usam várias táticas para não desafiar os Estados Unidos diretamente, prevenindo não serem tachados de agressores e perturbadores da ordem internacional, como é o caso da Rússia neste preciso momento. O que a China não quer é ficar com uma má reputação diante de outros estados e principalmente pelos Estados Unidos.

Acreditamos que a China pode escolher ser um “spoiler”, que procura destruir a ordem existente e substituí-la por algo totalmente diferente, ou então pode decidir escolher ter os privilégios do poder, mas não estar dispostos a pagar por eles contribuindo para a governança global.

A China pode evitar um confronto direto com os Estados Unidos, mas preparando as suas condições moldar uma ordem mundial emergente a longo prazo. Neste momento observamos que a China anda não está preparada para ir de frente com os Estados Unidos e tem sido prudente com suas estratégias e trabalhando para o longo prazo.

---

*A conclusão é que a China é forte no exterior, mas frágil no seu interior. (Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu, 2011, pag-68)<sup>96</sup>*

---

Assim, a China pode estar relutante em assumir grandes responsabilidades internacionais em relação à economia global, mudanças climáticas e crises de segurança. Em vez disso, pode optar por se concentrar no interior, negociando acordos, enquanto arcando com menos encargos globais.

Nesse cenário, os Estados Unidos incentivarão a China a desempenhar um papel maior papel global e não verá a crescente influência global da China como uma ameaça à

---

<sup>95</sup> Thomas J. Christensen, “Fostering Stability or Creating a Monster? The Rise of China and U.S. Policy toward East Asia,” *International Security*, Vol. 31, No.1 (Summer 2006), pp. 81–126; and Thomas J. Christensen, “Shaping the Choices of a Rising China: Recent Lessons for the Obama Administration,” *Washington Quarterly*, Vol. 32, No. 3 (July 2009), pp. 89–104.

<sup>96</sup> Susan L. Shirk, *China: Fragile Superpower: How China’s Internal Politics Could Derail Its Peaceful Rise* (New York: Oxford University Press, 2007); and Wang Jisi, “Inside China,” *Global Asia*, Vol. 5, No. 2 (Summer 2010), pp. 8–9

hegemonia ou interesses dos EUA. Pelo contrário, os Estados Unidos terão prazer em oferecer China mais prestígio.

Em troca, porém, Washington espera que Pequim assumir maiores responsabilidades e obrigações internacionais. Essa também é uma estratégia dos Estado Unidos para escapar dos vários encargos que trás nas costas, mas ao mesmo tempo isso mina a sua legitimidade internacional perante os seus aliados e os seus adversários. Todo querem poder, mas nem todos querem assumir as responsabilidades a nível global, porque sabem que isso consome energia e recursos em todos os níveis.

Os Estados Unidos é uma potência benevolente. Esta suposta benevolência é o produto de vários fatores, incluindo os benefícios que outros estados obtêm da hegemonia dos EUA e a confiança nas intenções dos EUA que é incutida em outros estados porque os Estados Unidos é uma democracia liberal. Isso faz com que seja percebido como um potência benevolente e legitimidade que possui a nível internacional ganha confiança dos seus aliados.

---

*Como John Mearsheimer escreve: Estados operando em um mundo de auto-ajuda quase sempre agir de acordo com seu próprio interesse e não subordinar seus interesses aos interesses de outros Estados, ou aos interesses da chamada comunidade internacional. (Layne, 2006)97*

---

## 5.7 Os Estados Unidos e seus aliados - A OTAN

Há evidências consideráveis, no entanto, de que os Estados Unidos e seus aliados da Guerra Fria estão agora começando a se separar. Esta tendência é mais evidente na Europa, onde a OTAN de 1999 guerra contra a Sérvia e as suas confusas consequências prejudicaram as relações transatlânticas e levou a União Europeia a começar a construir uma força militar própria que possa operar independentemente dos Estados Unidos.

Reino Unido, França, a Alemanha e a Itália estão percebendo que querem prover sua própria segurança e controlar seu próprio destino. Eles estão menos dispostos a receber ordens dos Estados Unidos do que eram durante a Guerra Fria.

Na era da União Soviética ambos tinham um inimigo comum, mas com o passar do tempo esse inimigo deixou de existir e os Estados Unidos começaram a se retirar para e concentrar mais nos seus assuntos internos. Os seus aliados começam a perceber que precisa de uma nova estratégia para se defender de forma independente da superpotência.

---

*E o compromisso dos EUA de defender a Europa e o nordeste da Ásia está enfraquecendo. (J. J. Mearsheimer, 2001)*

---

---

<sup>97</sup> John J. Mearsheimer, *The Tragedy of Great Power Politics* (New York: W.W. Norton, 2001), p. 40.

Os aliados da Guerra Fria da América começaram a agir menos como dependentes e mais como soberanos. Ou seja, já perceberam que os Estados Unidos está retirando forças dos assuntos externos, os aliados temem que o balanceador offshore que os protegeu por tanto tempo possa provar não ser confiável em uma crise futura. Por isso a necessidade de pensar em novas estratégias e Wendt, alerta sobre isso.

Argumenta que, o caminho é procurar criar um único poder para responder as crises futuras. O Estado Universal é uma estratégia a longo prazo. É uma forma de pensar diferente o sistema político internacional contemporâneo. Podíamos pensar que a Europa junta podia criar um único governo capaz de dar as respostas globais urgentes.

A confiabilidade dos Estados Unidos não era um problema sério durante a Guerra Fria, porque a ameaça soviética forneceu um poderoso incentivo para os EUA para proteger seus aliados, que eram fracos demais para se defender. Hoje em dia se enfrenta outros tipos de problemas, que não seja um Estado querendo dominar o sistema. As ameaças são mais severas do que na guerra fria.

Problemas ambientais, crises sanitárias a nível global, como o Covid-19, crises financeiras a nível global. A falta dessa ameaça, da guerra fria, a união soviética, levou os aliados dos Estados Unidos a questionar por quanto tempo os Estados Unidos levar a sério seu compromisso com sua segurança. Mas como temos visto outras ameaças é provável que seja produzido uma nova estratégia.

Existe problemas globais que necessitam de respostas globais e para isso é preciso criar um poder também global que incluem todos os estados para dar respostas globais. Wendt defende o Estado Universal justamente por causa disso. Estamos claramente de acordo que o sistema ainda está muito longe para chegar num Estado Universal, mas é um caminho a ser percorrido para que no futuro possa ser inevitável.

Os aliados Europeus têm a opção de tentar se proteger sem ajuda Americana. Se juntando, para garantir sua própria segurança, em vez de depender dos Estados Unidos. Não é preciso ter um aliado de mesmo nível para fornecer incentivo aos Estados Unidos para garantir a segurança dos seus aliados. É só observar os problemas da humanidade, isso tudo deveria ser um incentivo para procurarem desenvolver uma alternativa a ordem internacional atual.

---

*Só a ameaça de um concorrente de mesmo nível provavelmente fornecerá incentivo suficiente para que os Estados Unidos arrisquem envolvimento em uma guerra distante de grandes potências. (J. J. Mearsheimer, 2001)*

---

De fato, intensa competição de segurança entre as grandes potências provavelmente ocorreria porque, retirada americana, a Europa passaria da bipolaridade benigna à multipolaridade desequilibrada, o tipo mais perigoso de estrutura de poder. Isso cria uma oportunidade de lutarem entre si. Mas se pensarem em desenvolver o Estado

Universal, a multipolaridade desequilibrada não seria um cenário mais propício, mas criariam uma coligação para se unir e cooperar contra futuras crises.

Se pensarmos numa multipolaridade desestabilizada, Reino Unido, França, Itália e a Alemanha teria que construir suas próprias forças militares e prover sua própria segurança.

Mais fácil pensar em desenvolver uma alternativa, uma estratégia global. Uma Europa multipolar aumenta possibilidade de lutarem entre si. E a Alemanha faria provavelmente se tornará um potencial hegemônico e, portanto, a principal fonte de preocupação se isso acontecesse. Contudo, este é um cenário mais realista.

Na visão construtivista defendida por Wendt, os atores se juntaram para se cooperar e defender dessas crises baseada em duas regras ajuda mútua e a regra da não-violência.

#### 5.7.1 Unipolaridade está terminando, terminou ou terminará em breve?

---

*Silenciosamente e cautelosamente, os europeus parecem estar equilibrando o poder dos EUA. A teoria da estrutura o realismo prevê isso. O realismo estrutural retrata o mundo como uma anarquia – um domínio sem um soberano. Nesse domínio, os estados devem olhar para si mesmos para sobreviver. Porque nenhum soberano podem impedir os Estados de fazer o que são capazes na política internacional, a guerra é possível. (Posen, 2006)<sup>98</sup>*

---

Na visão realista a chave para a sobrevivência na guerra é o poder militar, gerado internamente ou por meio de alianças, e geralmente ambos. Os Estados se preocupam muito com sua posição de poder relativo porque o poder é a chave para a sobrevivência, tanto no sentido físico quanto no sentido político da continuidade exercício da soberania. O poder também é a chave para influenciar o sistema. Pensam muito na maximização do poder porque é a única forma de sobrevivência.

---

*Anarquia permite a exploração dos fracos pelos fortes, tornando a política internacional uma esfera competitiva. Assim, os Estados não desejam ser fracos em relação aos outros nem desejam depender deles. A UE tem potencial para se tornar uma força global na prevenção de conflitos e gestão de crises.” (Posen, 2006)<sup>99</sup>*

---

Argumentam com frequência e destaque que os Estados Unidos caiu de sua posição dominante e que um fator fundamental, está ocorrendo uma mudança de poder que altera o sistema para longe da unipolaridade. O sistema está caminhando para uma regra

---

<sup>98</sup> Posen, B. R. (2006). European Union Security and Defense Policy: Response to unipolarity? Security Studies, 15(2), 149–186.

<sup>99</sup> Hans-Christian Hagman, European Crisis Management and Defence: The Search for Capabilities, Adelphi Paper 353, (London: Oxford University Press for the International Institute for Strategic Studies, 2002), 101

multipolar. Que é o mais difícil de todas as estruturas de poder internacional quando estamos sobre uma multipolaridade desequilibrada as guerras são mais prováveis.

---

*A unipolaridade é sem dúvida o conceito mais popular que os analistas de conceito usam para avaliar a posição dos EUA no sistema internacional que surgiu após o fim da União Soviética em 1991. (Stephen G Brooks & Wohlforth, 2016)<sup>100</sup>*

*“Unipolaridade está terminando, terminou ou terminará em breve”, diz a essência de muitos comentários, “e o sistema está revertendo à multipolaridade ou bipolaridade ou a polaridade” ou qualquer neologismo que o analista queira propor. (Stephen G Brooks & Wohlforth, 2016)<sup>101</sup>*

---

Usando um conjunto de conceitos e medidas voltadas justamente para esse desafio, mostramos que os Estados Unidos permanecerá por muito tempo o único estado com a capacidade de ser uma superpotência.

Mesmo que a China tenha um grande poder económico, ainda se encontra muito longe para desafiar os estados Unidos que se sobressai em toda as áreas de destaque no sistema. A ascensão da China é real e é preciso classificar essa mudança no sem minimizar ou exagerando sua significância sistêmica. Não podemos tratar a china como uma superpotência porque ainda se encontra muito longe disso. O sistema ainda é unipolar e parece que permanecera assim até ter uma alternativa significativa.

A China está em um nível tecnológico muito mais baixo do que o estado líder. A distância que a China deve percorrer é extraordinariamente grande porque o tamanho da vantagem militar dos EUA é muito maior do que a China. A própria natureza do poder mudou, a dificuldade muito maior de converter a capacidade econômica em capacidade militar faz a transição de uma grande potência para uma superpotência muito mais difícil agora do que no passado.

Essa análise produz uma nova estrutura para categorizar e avaliar os estágios que a China deve atravessar para subir de uma grande potência a uma superpotência. Por mais que a china cresce a nível extraordinário o seu poder económico ainda precisa investir muito mais para ser uma potência a altura dos Estados Unidos.

---

<sup>100</sup> Charles Krauthammer, “The Unipolar Moment,” *Foreign Affairs*, Vol. 70, No. 1 (Winter 1990/91), pp. 23–33; Ethan B. Kapstein and Michael Mastanduno, eds., *Unipolar Politics* (New York: Columbia University Press, 1999); and William C. Wohlforth, “The Stability of a Unipolar World,” *International Security*, Vol. 24, No. 1 (Summer 1999), pp. 5–41.

<sup>101</sup> Christopher Layne, “This Time It’s Real: The End of Unipolarity and the Pax Americana,” *International Studies Quarterly*, Vol. 56, No. 1 (March 2012), pp. 203–213; Barry R. Posen, “From Unipolarity to Multipolarity: Transition in Sight?” in G. John Ikenberry, Michael Mastanduno, and William C. Wohlforth, eds., *International Relations Theory and the Consequences of Unipolarity* (New York: Cambridge University Press, 2012), pp. 317–341.

### 5.7.2 A China pode se erguer pacificamente?

A sobrevivência é o mais importante objetivo de um estado, porque um estado não pode perseguir quaisquer outros objetivos se não sobreviver. A estrutura básica do sistema internacional obriga os Estados preocupados com sua segurança a competir com cada outro para poder.

Assim como argumenta Mearsheimer, o objetivo final de toda grande potência é maximizar sua participação no mundo poder e eventualmente dominar o sistema. (John J. Mearsheimer, 2006)

---

*Se a China continuar sua impressionante crescimento nas próximas décadas, os Estados Unidos e a China provavelmente se envolverão em uma intensa competição de segurança com potencial considerável para a guerra. (John J. Mearsheimer, 2006)<sup>102</sup>*

---

O sistema internacional tem três características definidoras. Em primeiro lugar, os principais atores são os Estados que operam em anarquia, o que significa simplesmente que não há autoridade superior acima deles. Em segundo lugar, todas as grandes potências têm alguma capacidade militar ofensiva, o que significa que têm os meios para ferir uns aos outros. Terceiro, nenhum estado pode conhecer as intenções de outros Estados com certeza, especialmente suas intenções futuras.

#### O que exatamente significa ser um hegemon no sistema político contemporâneo?

Isso é quase impossível para qualquer estado alcançar a hegemonia global, porque é muito difícil projetar e sustentar o poder ao redor do globo e no território de grandes potências distantes. O melhor resultado que um estado pode esperar é ser um hegemon regional e, assim, dominar sua própria área geográfica. Somente um Estado Universal é capaz de ter a hegemonia global e também comandar as questões mais urgentes de ordem global.

Por todas essas razões e pela visão realista que argumenta que em um mundo onde outros estados podem ter intenções malignas, bem como capacidades ofensivas, os estados tendem a temer uns aos outros. Não estão 100% certos das intenções uns dos outros e por este motivo opera a desconfiança.

Portanto, na visão realista os estados reconhecem que a melhor maneira de sobreviver em tal sistema é ser tão poderoso quanto possível em relação aos rivais em potencial. Quanto mais poderoso é um estado, menos provável é que outro estado irá atacá-lo.

Mas bem diferente daquilo que Wendt orienta que os estados precisam se envolver através de ideias compartilhadas e ideias privadas para seguir o caminho da cooperação da ajuda mútua e da regra da não-violência e só assim um Estado Universal pode ser

---

<sup>102</sup> John J. Mearsheimer. (2006). China's unpeaceful rise. *Current History* 105, no. 690. P. 160–2

inevitável. Se não seguirem este caminho o sistema será instável em todo o tempo e não haverá uma única autoridade para dar respostas as questões globais.

---

*Embora os Estados Unidos sejam claramente o estado mais poderoso do planeta hoje, não um hegemom global. (John J. Mearsheimer, 2006)*

---

Uma estratégia da China para se comportar à medida que se torna mais poderosa provavelmente será dominar a Ásia da mesma forma que os Estados Unidos dominam o Ocidente. A China procurará maximizar a diferença de poder entre ela e seus vizinhos, especialmente Japão. A China irá certificar-se de que é assim poderoso que nenhum Estado na Ásia tem os meios para ameaçá-lo.

É improvável que a China perseguirá a superioridade militar para que possa entrar em disputas com outros estados. Em vez disso, é mais provável que a China queira ditar os limites do comportamento aceitável para os países vizinhos, da mesma forma que os Estados Unidos deixam claro para outros Estados das Américas que são eles que dominam naquela área.

---

*Ganhar hegemonia regional, devo acrescentar, é provavelmente a única maneira de a China obter Taiwan de volta. (John J. Mearsheimer, 2006)*

---

Os vizinhos da China certamente também temerão sua ascensão, e eles também farão o que acharem melhor para impedir que os chineses alcancem a hegemonia regional. O maior desafio da China atualmente é conseguir Taiwan de volta e para isso precisa ser cautelosa nas suas ações.

Com efeito, já existe evidências substanciais de que países como Índia, Japão e Rússia, bem como potências menores como Cingapura, Coreia do Sul e Vietnã, estão preocupados com a ascendência da China e estão procurando maneiras de contê-lo. No final, eles se juntarão a uma coalizão de equilíbrio liderada pelos americanos para contrabalançar a china e isso é bastante perigoso e por isso a china precisa ser prudente.

Para verificar a ascensão da China, da mesma forma que Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Japão e até mesmo a China uniu forças com os Estados Unidos para conter a União Soviética durante a guerra fria. Assim também podem unir forças contra a China.

Finalmente, dada a importância estratégica de Taiwan para controlar as rotas marítimas no leste da Ásia, é difícil imaginar os Estados Unidos, assim como o Japão, permitindo que a China controle a grande ilha. Na verdade, é provável que Taiwan seja um ator importante no equilíbrio anti China, que certamente enfurecer a China e alimentará a competição de segurança entre Pequim e Washington. Veremos no futuro como isso acabará. A uma coisa garantimos, a China precisa se erguer pacificamente e

prudentemente para não ser difamada de agressora e perturbadora da ordem internacional, como esta acontecendo com a Rússia.

### 5.7.3 Qual é a posição realista sobre como lidar com a ascensão da China?

Uma perspectiva realista clássica observa inerentemente o surgimento de novas grandes potências no sistema com enorme apreensão, porque espera que a ambição dos estados em ascensão se expanda junto com suas capacidades, e também pela ansiedade que essa expectativa provoca em seus vizinhos e potenciais adversários. A China pode querer desafiar os Estados Unidos. Mas isso desperta outros sentimentos nos vizinhos que podem querer conte-lo aliando com a superpotência.

---

*Como Robert Gilpin (1981: 93) argumentou, o “fator mais importante” para compreender a política mundial não é a distribuição estática do poder, mas a “dinâmica das relações de poder ao longo do tempo.” Nesta perspectiva, as mudanças no poder relativo, que em última análise, derivam de variações de longo prazo no crescimento econômico, são uma mola conflito político internacional. (Kirshner, 2012)<sup>103</sup>*

---

De fato, os realistas clássicos têm ainda mais motivos para temer as implicações de grandes potências do que os estruturalistas. Teóricos estruturais, como Waltz (1979: 91), enfatizam a “sobrevivência” como o objetivo do estado – além disso, o que os estados podem ou não querer é “infinitamente variado.” Mearsheimer (2001: 30), também promovendo uma teoria estrutural.

Os realistas clássicos, por outro lado, como E. H. Carr (1946: 75, 80, 108, 111, 213, 215), veem a política como o choque de interesses, com resultados determinados pelo poder e, em última análise, pelo poder militar, com muitas guerras travadas não para fins específicos, mas para estabelecer primazia militar. (Kirshner, 2012)

---

*Além disso, realistas clássicos, como Tucídides, Hans Morgenthau e Gilpin, colocam uma ênfase considerável em suas modelagens (informal) de humanos como atores políticos. “O homem é um animal político por natureza” Morgenthau (1946: 168) afirma, “nascido para buscar o poder”. Perspetiva enfatiza que os homens cobizam o que os outros homens têm; e pior ainda, que eles têm um desejo de poder - como um fim em si mesmo. (Kirshner, 2012)<sup>104</sup>*

---

Apesar do dramático crescimento econômico da China nas últimas décadas, o alcance, o significado e o ritmo de sua ascensão global deve ser mantido em perspectiva e usar estratégias prudentes para sua própria sobrevivência. Estados Unidos vão permanecer por muito tempo a única superpotência, seguido por China e a Rússia como uma superpotência potencial emergente. Isso é um prenúncio importante.

---

<sup>103</sup> Kirshner, J. (2012). The tragedy of offensive realism: Classical realism and the rise of china. *European Journal of International Relations*, 18(1), 53–75.

<sup>104</sup> Christensen (2006); Friedberg (2005: esp. 8, 43, 45); Goldstein (2005: esp. 204, 219); Johnston (2003: 56); Ross and Feng (2008).

---

*De acordo com Carr (1946: 112), “o exercício do poder sempre parece gerar o apetite por mais poder”; aqui Carr cita com aprovação Niebuhr, Maquiavel e Hobbes sobre o modo como a busca da “segurança” persegue o horizonte – cada avanço incremental serve apenas para levantar novas inseguranças na fronteira do poder de um Estado. (Edward Hallett Carr, 1964a)<sup>105</sup>*

---

## 5.8 Invasão na Geórgia

Em agosto de 2008, a Rússia lutou e venceu uma guerra de cinco dias contra a Geórgia. Este conflito pode ser considerado como um exemplo da política internacional, para demonstrar como os estados nunca estão 100% certos das intenções uns dos outros e isso cria um mundo perigoso, onde não existe um único governo capaz de gerir essas crises na ordem internacional.

Como Wendt defende, que a única forma dos Estados não entrarem em guerra é espalhar a cultura Kantiana a nível global e criar um Estado Universal onde a regra de não-violência é a base de toda a tomada de decisão. Passaremos a analisar a invasão Russa na Geórgia e o que isso trouxe de negativo para as estratégias de segurança Russas.

O objetivo principal da Federação Russa tem sido recuperar e fortalecer sua posição nos antigos territórios da União Soviética. Rússia pretende negar a influência ocidental sobre o Cáucaso por razões geoestratégicas, devido à importância dos recursos energéticos e infraestrutura de oleodutos presentes na área, dos quais esta última fornece à Rússia uma ferramenta de poder.

---

*A Rússia desenvolveu uma relação tensa com a Geórgia, não só pelo seu apoio às repúblicas separatistas, mas também para contrariar o desejo da Geórgia de aderir à OTAN. A Rússia entra em disputa com a Geórgia para não aderir aos seus adversários ocidentais.*

*Esses assuntos conflitantes resultaram em uma pressão Russa de política e econômica sobre a Geórgia e, inversamente, de atos de confronto ocasionais por parte da Geórgia (Baran 2002: 223-5).<sup>106</sup>*

---

### 5.8.1 O conflito russo - georgiano (7-12 de agosto de 2008)

A Rússia está de volta à arena internacional como um Estado poderoso, que deve ser levado em conta e que pode se defender, fortalecendo a posição internacional. Ela quer de volta os seus antigos territórios da União Soviética, a batalha feroz contra a Geórgia foi devido também aos recursos energéticos.

---

<sup>105</sup> Carr, E.H. The Twenty Years' Crisis, 1919–1939, 1st edn. London: Macmillan, 1939. —. The Twenty Years' Crisis, 1919–1939, 2nd edn. New York: St. Martin's Press, 1946.

<sup>106</sup> Baran, Stanley J. Baran, Dennis K. Davis, Mass Communication Theory: Foundations, Ferment, and Future. P. 223-5

A Rússia mantém a sua atitude negativa face à expansão da OTAN, nomeadamente aos planos de admissão da Ucrânia e da Geórgia à União a adesão à aliança, bem como a aproximação da infraestrutura militar da OTAN, o alargamento contínuo com novos membros visa alargar o Ocidente às fronteiras russas no seu conjunto.

A Rússia não aceita que os antigos membros formam ligações por questão da sua própria segurança e procura travar isso a todo o custo. A Geórgia e a Ucrânia estaria na fila para entrar na OTAN e a Rússia impede sempre a sua entrada. Todas as tentativas foram frustradas e isso mostra que para alcançar os seus objetivos a Rússia está disposta a se sacrificar.

A adesão à Geórgia era vista como uma ameaça à segurança nacional russa. E para isso a Rússia tinha que se precaver dessas ameaças, e por isso decidiu atacar antes de ser tarde demais. Quando os estados sentem ameaçados, a tendência é reagir antes de serem pegos de surpresa.

#### 5.8.2 A formação política e militar da Rússia antes do conflito

Algumas fontes afirmam que a Rússia se preparou para a guerra com anos de antecedência. Mas na primavera de 2008 a evidência para tal suposição tornou-se mais forte. Uma comparação de forças entre as duas partes combatentes deixa claro que as forças armadas georgianas não tinham nenhuma chance de derrotar o exército russo.

Os objetivos políticos e militares-estratégicos da Rússia da campanha militar eram impedir a soberania georgiana sobre as regiões separatistas da Abkhazia e da Ossétia do Sul; conseguir a mudança de regime removendo Saakashvili do cargo; impedir a Geórgia e a Ucrânia de aderirem à OTAN; e destruir o poder militar da Geórgia.

---

*O exército russo venceu a guerra usando o tradicional conceito russo/soviético de guerra: um uso esmagador de armas e tropas (Tsyganok 2008; Bozhyeva 2008; Myasnikov 2008c; Rastopshin 2008; Nicoll 2008; IISS 2009: 211-12).*

---

Gradualmente, Moscovo reforçou o seu domínio sobre a Abkhazia e Ossétia do Sul, que se tornaram cada vez mais províncias da Rússia em vez de estados independentes. Assim, a perda das regiões para a Geórgia tornou-se duradoura.

#### 5.8.3 Resposta do Ocidente: UE e OTAN sobre a invasão a invasão da Geórgia

A invasão da Geórgia pelas tropas russas foi condenada pelo Ocidente. Provocou uma perda nas relações de Moscou com a UE. A deterioração de seus laços com a OTAN foi ainda pior. Ao longo e após o conflito, a UE condenou repetidamente a Rússia. Em 1 de Setembro de 2008, num Conselho Europeu Extraordinário realizado em Bruxelas, a UE manifestou-se contra a reação desproporcionada da Rússia e condenou a decisão unilateral da Rússia de reconhecer a independência da Abcásia e da Ossétia do Sul.

---

*No que diz respeito à OTAN, o conflito georgiano esteve em parte relacionado com a perspetiva de adesão desta aliança para a Geórgia e a Ucrânia, conforme anunciado na cimeira da OTAN em Bucareste em Abril de 2008. Esta decisão foi fortemente contestada pela Rússia (OTAN 2008b).*

---

A UE decidiu que até que as tropas russas se retirassem para os cargos ocupados antes de 7 de agosto, as reuniões sobre a negociação do Acordo de Parceria seriam adiadas. Após o conflito com a Geórgia, a OTAN congelou a maior parte da cooperação militar e política com Moscou.

Em 19 de agosto de 2008, os ministros das Relações Exteriores da OTAN declararam que a ação militar da Rússia havia sido desproporcional e inconsistente com seu papel de manutenção da paz, bem como incompatível com os princípios de resolução pacífica de conflitos estabelecidos no Ato Final de Helsinque e com os acordos de cooperação com o aliança.

---

*Em relação à Geórgia, a OTAN decidiu diferentes tipos de ajuda e apoio imediatos, bem como a formação de uma Comissão OTAN-Geórgia, para fortalecer a cooperação (OTAN 2008a).*

---

A Rússia, deve ter previsto que sua invasão da Geórgia prejudicaria suas relações com o Ocidente, mas talvez não tenha previsto que a OTAN e a UE suspenderiam as relações por um tempo considerável.

A Rússia esperava que seus parceiros de segurança, como a China e os outros membros apoiassem sua ação militar, bem como seguissem a Rússia em seu reconhecimento da independência da Abkhazia e Ossétia do Sul. No entanto, os aliados da Rússia expressaram apenas modestamente apoio à campanha militar e com a China em particular, absteve-se do reconhecimento da independência das regiões.

---

*A guerra contra a Geórgia também teve sérios efeitos negativos, cujas consequências afligiram esse triunfo. A invasão da Geórgia, certamente da Geórgia fora das regiões separatistas, foi uma violação da Carta da ONU. Além disso, a Rússia, por seu direito de veto, impediu o CSNU de condenar sua ação militar. (Ruble, Alexander J. Motyl, Lilia Shevtsova, 2005)*

---

A Rússia, provavelmente não esperava o desdobramento que sua ação militar das empresas ocidentais de energia. No entanto, o conflito influenciou a economia da Rússia que desencorajaria os investimentos estrangeiros afetando sua força econômica.

Embora a Rússia tenha tido uma vitória militar, a operação também revelou uma série de deficiências das forças armadas da Rússia, colocando em dúvida as capacidades militares de Moscou para realizar a projeção de poder, em linha com seu status de superpotência ressurgente.

Essa fraqueza das forças convencionais da Rússia já foi notada em alguns dos principais documentos de segurança. E isso acaba por enfraquecer a sua reputação de poder militar e se realmente tem capacidades suficientes para ser uma potência revisionista capaz de ameaçar os Estados Unidos. Basicamente, a Rússia é considerada uma potencia revisionista, devido a sua capacidade militar. Quando envolve, nessas crises, acaba expondo a suas incapacidades, e isso mina a sua reputação de potência capaz de colocar em risco a ordem mundial.

#### 5.8.4 Invasão na Ucrânia e o que isso representa para o Sistema Internacional contemporâneo

A invasão militar da Rússia à Ucrânia, iniciada em 24 de Fevereiro de 2022, e já vai mais que um ano neste exato momento. Esse conflito pôs fim à estabilidade da ordem de segurança europeia começada a formar em Abril de 1949, com a assinatura do Tratado de Washington. A NATO foi fundamental para garantir a vitória dos Estados Unidos e seus aliados frente a União Soviética. Antes tinham um inimigo comum com os Estados Unidos. Isso acabou por se perder e deixar a NATO se um razão de existir.

A NATO é uma comunidade de segurança, baseada em uns conjuntos valores e ideias políticas e segurança comuns. Esta comunidade tornou-se o centro da ordem internacional liberal e democrática na Europa após fim da Guerra Fria.

---

*Na verdade, a queda do muro de Berlim em 1989 e a implosão da União Soviética em 1991 restaurou a unidade da ordem de segurança europeia, suspensa pelo conflito bipolar, sob o signo dos valores liberais, em que a NATO tem um papel primordial. (Marcos, 2022)*

---

A invasão na Ucrânia trouxe de volta aquilo que representa de fato a NATO e a União Europeia, não queira isso dizer que estava esquecido, simplesmente que agora não tinham um inimigo em comum, como na guerra fria que os Estados Unidos, estava numa competição bipolar com a União Soviética.

Com o despertar da Rússia, no sentido de defender os seus antigos territórios trouxe de volta o significado da parceria a Europa. Neste momento, a NATO ressuscitou porque o inimigo está de volta atacando e colocando em ameaça os seus territórios e isso dá motivação para perseverar e ter um motivo para se cooperar.

---

*Cortando com a Guerra Fria, os EUA e os seus aliados deixaram de reconhecer, definitivamente, a Rússia como um adversário e assumiram o compromisso de cooperar, politicamente com este país, para garantir a paz na área euro-atlântica. Tal foi possível porque a Rússia era uma sombra daquilo que tinha sido antes de 1989, enfraquecida no sistema internacional e a braços com um frágil processo de democratização interno. (Marcos, 2022)<sup>107</sup>*

---

<sup>107</sup> <https://www.publico.pt/2022/03/15/mundo/analise/guerra-ucrania-futuro-nato-199874>

Esses objetivos só foram possíveis devido a fragilidade que encontrava a Rússia. Portanto, depois da invasão na Geórgia e da invasão da Ucrânia mostra que a Rússia já não é mais uma sombra daquilo que foi a União Soviética, mas pode vir a ser um grande perturbador e destruidor da ordem internacional. Ela tem capacidade ofensiva para colocar a ordem internacional em crise.

Os Estados Unidos não aproveitou o momento de grande potência para restaurar uma ordem internacional onde impunha certas regras a outros estados como uma autoridade único, um único governo mundial.

Enquanto estava ocupado com as sucessivas guerras no Iraque, os estados revisionistas com a China e a Ucrânia estavam se preparando para contrabalançar a hegemonia Americana. A China enveredou para o seu desenvolvimento económico a nível Global e a Rússia se armou até aos dentes para se prevenir e lutar pelos antigos territórios.

Enquanto os Estados Unidos e seus aliados se ocupavam com o inimigo do terrorismo a China e a Rússia se ocupavam com as suas estratégias de segurança internacional.

A resposta da comunidade transatlântica a estes dois acontecimentos, com sanções económicas e uma tentativa de acomodação das pretensões expansionistas russas, demonstrava as divergências entre os EUA e os seus aliados europeus. Os primeiros, estavam mais preocupados com a ascensão da China e com o pivô asiático do que com as questões europeias. Os segundos, estavam divididos perante a perceção de ameaça dos países de Leste em relação à Rússia e a dependência energética da UE face a Moscovo.

---

*A invasão da Ucrânia veio pôr fim a esta divisão, revivificando a importância da Aliança. A NATO, uma organização de defesa eficaz em termos militares, mas politicamente secundarizada pela emergência do indo-pacífico na política internacional, restaurou o seu papel central na região euro-atlântica. (Marcos, 2022)*

---

Ao longo de 2021, a NATO iniciou o processo de revisão do seu conceito estratégico e os aliados reconheceram a conduta agressiva da Rússia como uma “ameaça”, dando novamente à Aliança o adversário que lhe faltava desde a década de 1990.

A NATO colocou a defesa coletiva no centro das atenções e com isso procura uma autonomia estratégica na toca a matérias de defesa e segurança. O inimigo está a portas e com isso precisa ter novas estratégias de segurança. Se aliança entre a Rússia e a China se mantiver mesmo com essa crise na Ucrânia isso vai reforçar a aliança entre os Estados Unidos e a Europa.

---

*A mudança radical na política de defesa alemã, trazida pela invasão da Ucrânia, é uma oportunidade única para o reforço da segurança europeia. Permite aumentar a resiliência na resposta à presente crise e em face de futuras ameaças convencionais, nucleares, químicas ou híbridas. (Marcos, 2022)<sup>108</sup>*

---

Em 2008, tal como em 2014, os aliados europeus e ocidentais responderam às agressões da Rússia e ao início da guerra na Ucrânia com medidas diplomáticas moderadas e sanções económicas limitadas.

As respostas dos Estados Unidos e dos aliados Europeus a princípio pareciam muito limitadas, a guerra persistiu muito mais do que era previsto, apesar que é difícil fazer uma previsão de guerra. Ao verem tudo o que estava a acontecer na Ucrânia, muitos refugiados por toda a Europa, as sanções começaram a ser mais duras, mas mesmo assim a Rússia continuou a atacar a Ucrânia e com a ameaça de usar armas nucleares, vendo até onde vai a reação dos Estados Unidos e da NATO. Testando os seus limites face a guerra.

---

*Em Fevereiro de 2022, depois do encerramento dos Jogos Olímpicos de Inverno em Pequim, a Rússia invadiu a Ucrânia para mudar o regime político em Kyiv e destruir o Estado ucraniano. (Gaspar, 2022c)*

---

A falta de resposta ocidental, a sua moderação com a crise na Ucrânia, tem sido interpretada em Moscovo e em Pequim como fraqueza e isso demonstra a decadência das democracias. Tem demonstrado a sua incapacidade de defender independente tanto a sua própria segurança como também a o ordem liberal

---

*Os Protocolos de Minsk, negociados pela Alemanha e pela França para garantir a cessação das hostilidades na Ucrânia Oriental, nunca foram cumpridos. A moderação ocidental foi, naturalmente, interpretada em Moscovo e em Pequim como uma confirmação eloquente da decadência irreversível das democracias, incapazes de defender a ordem liberal. (Gaspar, 2022c)<sup>109</sup>*

---

Nesse sentido, não é impossível que as autoridades russas tenham subestimado a resposta da opinião pública europeia ao choque provocado pela nova agressão contra a Ucrânia, que mobiliza a melhor parte das forças armadas russas, incluindo meios nucleares, concentradas nas fronteiras ao longo dos últimos meses.

A Rússia tem subestimado a força da NATO e da EU, no que toca a resposta a guerra na Ucrânia. Pouca coisa se tem feito para responder a essa guerra e isso só prova que a união Europeia precisa revisar as suas estratégias de segurança e não ficar tão

---

<sup>108</sup> <https://www.publico.pt/2022/03/15/mundo/analise/guerra-ucrania-futuro-nato-199874>

<sup>109</sup> <https://www.publico.pt/2022/03/06/opinio/opinio/11-setembro-europeu-1997654>

dependente dos Estados Unidos. Procurar alcançar uma alternativa viável para responder as sucessivas crises europeias sem depender dos Estados Unidos.

---

*Com efeito, a invasão russa provocou um “11 de Setembro” europeu. Putin destruiu as ilusões das novas gerações sobre a ordem liberal e precipitou uma mudança de paradigma que vai transformar a política das democracias. A Rússia de Putin demonstrou que a democracia não é nem universal, nem irreversível; que a guerra continua a ser a regra na política internacional, incluindo a possibilidade de uma guerra entre as grandes potências continua e sem excluir o recurso a armas nucleares; e que o progresso não é o único caminho da história. (Gaspar, 2022c)*

---

Com essa crise na Ucrânia, a Rússia prova assim, que a guerra continua a ser a regra na política internacional, incluindo a possibilidade de uma guerra entre as grandes potências continua e sem excluir o recurso a armas nucleares, e que os estados não podem estar certos das intenções dos outros estados, que os estados procuram sempre maximizar o seu poder internacional e que não se pode cooperar num mundo de ajuda mútua e que isso é apenas uma utopia.

Isso que a Rússia prova com essa crise e mostra que cada vez mais o Estado Universal se encontra muito longe de ser alcançado e ainda assim é o caminho mais viável para a procura de paz e não a guerra principalmente quando se pensa no recurso a armas nucleares como alternativa.

Com essa crise também a Rússia prova que a democracia não é nem universal, nem irreversível. Nesse contexto, as democracias liberais têm como alternativa render-se à força das coisas ou defender os seus valores, a liberdade, o direito, a dignidade humana, a solidariedade, a independência nacional, a soberania do Estado.

A Rússia colocou tudo isso em prova com essa crise. A Europa precisa de uma alternativa urgente e o Estado Universal é o caminho que irá trazer a paz na humanidade e a não-violência e um mundo de cooperação.

---

*Raymond Aron dizia que as democracias são demasiado lentas a reconhecer as ameaças totalitárias, mas quando finalmente as enfrentam passam a ser firmes e intransigentes e lutam até ao fim. (Gaspar, 2022c)*

---

Assim como no caso da Geórgia, analisamos o que a crise trouxe de negativo para a Rússia. Analisaremos agora o que esta crise trouxe para a Rússia e qual foram as respostas da UE em relação a esta crise. Houve uma viragem na revolução na política externa da Alemanha. O chanceler Olaf Scholz assumiu a necessidade de pôr fim à dependência energética da Rússia.

Houve uma mobilização geral da NATO e da União Europeia, para armar as forças ucranianas. Houve uma única unidade entre as democracias, incluindo Estados neutrais como a Suíça, a Suécia e a Finlândia, no apoio político, diplomático e militar à

resistência ucraniana. Houve também uma mobilização espontânea da sociedade civil europeia, manifesto no espírito de solidariedade com a Ucrânia e com a diáspora ucraniana e nas portas abertas às centenas de milhares de refugiados. Em vários países abriram as portas para receber mulheres e crianças desprotegidas.

A Rússia foi novamente tachada de agressora e levou votação da Assembleia Geral das Nações Unidas, onde 141 dos 193 Estados membros, incluindo todas as democracias ocidentais, votaram a condenação da Rússia.

Assim como na crise com a Geórgia, a crise com a Ucrânia, Moscovo demonstrou incapacidade militar. Devido a forte resistência Ucraniana a Rússia foi percebida pelos outros estados não estar devidamente preparada. Foram com uma força muito bruta e houve pouco resultado. Não foi como esperado, não previam o que iria se passar a seguir. A Rússia não esperava que a Ucrânia pudesse sobressair e garantir uma autodefesa necessária até receber ajuda de outros estados. A operação também revelou uma série de deficiências das forças armadas da Rússia.

A Rússia com essas crises, coloca em dúvida as suas capacidades militares para realizar operações de guerra. E novamente mostra a incapacidade da Rússia em contrabalançar os Estados Unidos e a China em ser seu aliado estratégico, deve colocar na balança se realmente quer ter um aliado assim. Isso mina sua credibilidade e a questão é se realmente tem capacidades suficientes para ser uma potência revisionista capaz de ameaçar os Estados Unidos.

A Rússia e a China têm uma parceria estratégica antes da guerra começar, 15 dias antes da guerra começar houve uma cimeira entre o Presidente Putin e o Presidente Xi Jinping, em que essa parceria estratégica foi elevada a um novo estatuto. Tem um estatuto de aliança. A parceria estratégica, segundo o documento que foi aprovado em fevereiro deste ano, diz que é uma parceria estratégica sem limites, o que é uma boa definição de aliança.

---

*A China nada fará que possa prejudicar a Rússia, muito menos durante uma situação de conflito. A sua pretensão ou a de alguns oficiais chineses de terem uma atitude de imparcialidade em relação ao conflito é uma ficção. (Gaspar, 2022a)*

---

#### 5.8.5 A aliança entre a Rússia e a China vai reforçar a aliança entre os Estados Unidos e a Europa

O presidente Biden, fez tudo para impedir a invasão da Ucrânia, de resto, denunciou-a publicamente, preparou um pacote de sanções no G7 com a União Europeia, para estar pronto no dia em que a invasão ocorresse. A Rússia ficou muito afetada economicamente devido essas sanções.

O presidente Biden precisa deixar claro nas suas estratégias se realmente a China quer verdadeiramente ter um aliado fraco. A Rússia provou com a sua esmagadora força

militar não estar em condições de enfrentar a hegemonia dos Estados Unidos e isso leva a china a refletir se está disposta a ter a parceria estratégica com a Rússia.

---

*A invasão russa da Ucrânia é uma derrota da estratégia do presidente Biden, que fez tudo para que não acontecesse. O que o presidente Biden está a fazer, neste momento, é reavaliar a sua estratégia para perguntar à China se esta quer verdadeiramente ter um aliado fraco. Porque a Rússia, no estado em que está, é mais um fardo para a China do que um trunfo na sua estratégia internacional. (Gaspar, 2022b)<sup>110</sup>*

---

Biden diz que não entrava em guerra contra a Rússia para defender a Ucrânia. Os Estados Unidos não entram na guerra da Ucrânia e todos os países da NATO seguem e têm seguido essa posição com grande disciplina. Diz também que defende cada milímetro de território dos membros da NATO, mas não entra na guerra da Ucrânia. Os Estados Unidos têm de mobilizar todos os seus recursos para contrabalançar a China e restaurar um equilíbrio na Ásia que lhes possa ser favorável.

A Europa tem uma divergência em relação aos Estados Unidos que é patente todos os dias: para a Europa a principal ameaça de segurança é a Rússia, para os Estados Unidos o seu principal adversário estratégico é a China e a sua contenção.

---

*Mas a China e a Rússia vão resolver esse problema que divide Washington e Bruxelas, porque a sua aliança é cada vez mais forte e a aliança entre a Rússia e a China vai reforçar a aliança entre os Estados Unidos e a Europa. (Gaspar, 2022b)<sup>111</sup>*

---

Como vimos a China anuncia uma nova era em que quer restaurar a sua posição no sistema internacional, com o pretexto de corrigir às injustiças históricas e restaurar a posição da China na ordem internacional.

Com o declínio irreversível dos Estados Unidos a China propõe uma viragem nas dinâmicas internacionais. A china ao longo de muitos anos vem investindo na sua economia, teve um crescimento muito acelerado depois da crise financeira e passou a ser a segunda maior economia depois dos Estados Unidos.

---

<sup>110</sup> <https://www.dn.pt/internacional/a-alianca-entre-a-russia-e-a-china-vai-reforcar-aalianca-entre-os-estados-unidos-e-a-europa-15210907.html>  
<https://www.tsf.pt/portugal/politica/aumento-de-2-do-pib-para-a-defesa-eabsolutamente-indispensavel-15211053.htm>

<sup>111</sup> <https://www.dn.pt/internacional/a-alianca-entre-a-russia-e-a-china-vai-reforcar-aalianca-entre-os-estados-unidos-e-a-europa-15210907.htm>

Como vimos a China tem várias estratégias para contrabalançar a hegemonia dos Estados Unidos, e uma delas é impor o reconhecimento do seu estatuto como grande potência internacional.

Nenhum estado tem capacidade de contrabalançar o poder dos Estados Unidos neste momento. Contudo, aos Estados Unidos ainda não é uma superpotência global. Somente um Estado Universal consegue convergir num único poder global.

A parceria China-Rússia acaba por preocupar os atores políticos na escala internacional. É bem provável que haja uma competição tripolar ou que as duas venham se unir para contrabalançar o poder dos Estados Unidos. Apesar que ainda isso seja somente suposições, nada é certo, porque o sistema internacional, não é previsível.

Pode acontecer várias coisas ao mesmo tempo do qual ninguém consegue prever. China quer tirar partido do seu estatuto de grande potencia é completamente inevitável que haja uma competição com os Estados Unidos.

A China quer criar estratégias de longo prazo para contrabalançar os Estados Unidos. Ela não pode bater de frente para não correr riscos que colocam a sua sobrevivência em questão. Ela precisa ser prudente e eficaz nas suas estratégias para contrabalançar os Estados Unidos.

O presidente Biden, por sua vez quer fazer todos os esforços para conter a hegemonia da grande potência asiática. A maior preocupação dos Estados Unidos e dos seus aliados é com as dinâmicas de bipolarização entre a China e a Rússia.

A Rússia é um dos principais parceiros estratégico da China. Além disso a China também tem acelerada a sua supremacia regional na Ásia para acelerar o declínio da potência hegemónica, tem demonstrado a sua capacidade para garantir um quadro de estabilidade no longo prazo e formar uma nova ordem alternativa no sistema internacional.

Com guerras na Geórgia e na Ucrânia a Rússia vem perdendo credibilidade na sua força militar e a china precisa colocar na balança se é viável ter parceria estratégica no estado que a Rússia se encontra. Fragilizada economicamente e com uma má reputação no seu poder militar e tecnologico.

A competição bipolar sino-americana só é possível se a China assegurar que a Rússia continua a ser o seu “principal parceiro geopolítico”, contudo encontram-se a ter objetivos diferentes. A Rússia está preocupada com a crise na Ucrânia e a China preocupada em remover os Estados Unidos da Ásia.

Primeiramente a China precisa consolidar o seu poder como a principal potência regional na Asia para depois fazer frente com os Estados Unidos. Estas dinâmicas de bipolarização só provam o quanto empenhados estão as potências revisionistas em contestar a superpotência Americana.

A estratégia Chinesa das Rotas da Seda, é um modelo alternativo á ordem liberal em resposta ao declínio ocidental. As novas Rotas de Seda simbolizam a restauração da China como o centro do continente Asiático.

Em resposta às investidas das duas potencias revisionistas, os Estados Unidos elaboraram uma nova estratégia que por um lado, uma estratégia ofensiva contra a China na frente asiática e uma estratégia defensiva em relação a Rússia na frente Europeia.

### 5.9 Nova ordem internacional e o Estado Universal de Wendt

O sistema internacional configura-se como um regime misto, que varias potências no sistema, dominado pelas tensões entre as três grandes potências Internacionais. Por um lado, o declínio relativo dos Estados Unidos, a ascensão da China e a ressurgência imprevista da Rússia como um estado agressor, marcam o regresso da configuração tripolar da balança do poder internacional.

A Rússia pelo contrário da China não possui tanto poder económico, isso devido às sanções económicas impostas nas sucessivas crises militares para conquistar os antigos territórios da União Soviética. A Rússia não conseguiu inverter o seu declínio económico e em nível tecnologico também possui algumas debilidades comparados com os Estados Unidos. Contudo, continua a ser uma grande potência nuclear e isso a torna a terceira grande potência internacional. Não obstante, os Estados Unidos continuam a ser a principal potência internacional em todas as dimensões mais relevantes.

Os sistemas tripolares são os mais problemáticos na anarquia. É considerada uma das configurações mais instáveis de todos os modelos de distribuição de poder. Existe uma grande hipótese de dois dos três polos poderem se combinar para eliminar o terceiro.

A China e a Rússia são consideradas potencias menores comparados com a disparada capacidade dos EUA. Mas pode vir a ser fortes se ambas convergirem e juntas possam ter capacidade de contrabalançar a potência principal.

Sem negar a supremacia militar, tecnológica económica e política dos Estados Unidos, a China e a Rússia juntos podem ter mesmo poder. Mas isso depende se a china quer ter um aliado como a Rússia. A União faz a força como diz o ditado popular. Mas é preciso aliar-se com quem é forte.

Contudo, isso não é assim tão simples como parece. As sucessivas crises da Rússia com os antigos estados soviéticos colocam como oponente dos aliados ocidentais. A tendência de bipolarização entre Estados Unidos e as duas potências revisionistas consolida a estrutura tripolar e pode criar um impasse na competição entre as três potências internacionais.

Segundo Wendt, existe cinco estágios para o processo do Estado Mundial ser formado. Com a transferência da soberania do Estado para o nível global, o reconhecimento

individual não será mais mediado pelas fronteiras do Estado, embora, como sujeitos reconhecidos, os próprios Estados retenham alguma individualidade.

Indivíduos e estados terão perdido a liberdade negativa de se envolver em violência unilateral, mas ganharam a liberdade positiva de uma subjetividade totalmente reconhecida. E a oportunidade de cooperarem juntos para dar respostas as crises humanitárias.

O Estado Universal, segundo Wendt, é inevitável e pode vir a ser concretizado na estrutura de papéis de amizade, onde impera a lógica “um por todos e todos por um”. Segundo os realistas a busca pela amizade na anarquia é utópica e até perigosa, e que o máximo que podemos esperar é que os estados ajam com base em interesses em vez de papéis de amizade. Um visão totalmente diferente da visão de Wendt, contudo para ele este é o caminho que deve ser percorrido no sistema internacional para que o Estado Universal venha surgir.

Na visão de Wendt o sistema precisa atingir a cultura kantiana para chegar ao Estado Universal. Onde duas regras são fundamentais, as disputas serão resolvidas sem guerra ou a ameaça de guerra e, a regra de ajuda mútua eles terão como equidade se a segurança de alguém for ameaçada por terceiros todos se juntam para defender.

Observando o sistema internacional atual, vemos que isso está muito longe de ser alcançado. Pode até vir a ser uma inevitabilidade no futuro. Mas neste preciso momento parece apenas uma utopia e mesmo que haja a possibilidade de um Estado Universal, ainda tem muito caminho a ser percorrido e com vários obstáculos a ser ultrapassados.

Assim como Wendt, partilhamos a mesma visão que o sistema precisa atingir “comunidades de segurança pluralistas” e “segurança coletiva” para podermos ter um estado universal e que esse é o caminho a se percorrer para viver livre de disputas pelo poder e alcançar a paz onde todos colabora para o bem comum da humanidade. Principalmente quando os estados querem recorrer as armas nucleares para resolver as disputas. A guerra é sempre uma possibilidade lógica entre os estados, porque a capacidade de violência é inerente à sua natureza, mas em uma comunidade de segurança pluralista a guerra não é mais considerada uma maneira legítima de resolver disputas. Existe outras formas como já vimos para resolver as disputas entre os Estados.

A segurança coletiva é baseada no princípio da ajuda mútua, ou “todos por um, um por todos”, quando a segurança de qualquer membro do sistema é ameaçada por agressão, todos os membros devem se defender mesmo que sua própria segurança individual não está em jogo. Apesar do sistema estar bem longe de atingir o estágio de Estado Universal de Wendt, é inevitável que venha ser a ser concretizado no futuro.

*A começar por esta última, a época atual distingue-se por quatro fatores: uma comunidade de segurança entre os principais estados, a existência de armas nucleares, a prevalência de normas liberais e a ameaça de terrorismo. (Jervis, 2009)*

---

Resta agora responder umas questões para saber de forma um Estado Universal possa surgir: Se a China, a Rússia e a UE formassem uma aliança em toda a Eurásia contra Estados Unidos? Se a UE abolisse a soberania de seus 27 governos constituintes e instituisse um superestado e uma construção militar? Ou se constituísse um Estado Universal se completasse a UE? Se a China continuasse crescendo 12% ao ano, mas também extrair 20% do PIB para os poderes militares? E se juntasse com a Rússia e ambas concorrerem diretamente contra os Estados Unidos. São perguntas que ficam em aberto para futuros trabalhos.

Com tudo que acabamos de ver que a guerra continua a ser a regra na política internacional, incluindo a possibilidade de uma guerra entre as grandes potências continua e sem excluir o recurso a armas nucleares; e que o progresso não é o único caminho da história.

Mesmo que o sistema ainda seja unipolar, está caminhando para um sistema misto multipolar e isso é perigo. A visão do sistema internacional hoje é que uma comunidade de segurança entre os principais estados, existe estados que podem ser agressores e procura resolver as disputas com a guerra e o uso de armas nucleares.

As ameaças têm sido globais e é preciso dar respostas globais e para isso é fundamental os estados pensarem em alternativas globais. E a criação de um Estado Universal é o caminho mais viável. Mesmo que pareça uma utopia para os realistas e uma possibilidade para os liberais. No futuro o Estado Universal será uma inevitabilidade. O caminho é progredir e não retroceder.

## 6 Capítulo VI- Considerações Finais

### 6.1 Controvérsias no Construtivismo de Wendt e do Estado Universal

Wendt, defende uma teoria teleológica de que a lógica da anarquia e a luta pelo reconhecimento empurram a humanidade em direção a um único estado global com o monopólio da força legítima. SHANNON, critica o artigo de Wendt, “Por que um estado mundial é inevitável” e afirma que o argumento de Wendt sofre de negligência irreconciliável e confiança na agência.

---

*Existe um ditado nos Estados Unidos que diz “Neste mundo nada é certo além da morte e dos impostos.” A certeza da morte permanece algo além do poder do livre arbítrio humano e da construção social, mas muito pouco mais o faz. Mas Alexander Wendt acrescentaria uma terceira inevitabilidade da vida, o vindouro estado mundial. (Shannon, 2005)<sup>112</sup>*

---

Segundo Shannon, a agência conceitualmente é negada pela lógica da mudança inevitável e progressiva, mas internamente a sua lógica, Wendt é forçado a confiar na agência e nas escolhas dos atores, um paradoxo que segundo Shannon, ele não concilia. Segundo o argumento Shannon, quando Wendt, foca na inevitável Estado Mundial, ele diminui o debate sobre a possível agência e condicionalidade que poderiam fazer um estado mundial.

---

*Ao defender um estado mundial inevitável um dos pais fundadores das relações internacionais construtivistas na década de 1980, abandona o espírito do projeto construtivista em favor de um estruturalismo pesado. (Shannon, 2005)*

---

Shannon contra-argumenta o pensamento de Wendt e afirma que o insight construtivista central de que nada é inevitável, a história humana pode avançar ou retroceder. Para um construtivista, um estado mundial é possível, mas de forma alguma inevitável. Para ele o facto de Wendt defender a inevitabilidade de um estado universal está errado, porque nada é inevitável no sistema político internacional.

---

<sup>112</sup> Shannon, V. P. (2005). Wendt’s violation of the constructivist project: Agency and Why a World State is not Inevitable. *European Journal of International Relations*, 11(4), 581–587.

---

*A promessa do construtivismo relaciona-se com o papel tanto do agente quanto da estrutura na explicação da política mundial. As estruturas restringem e moldam a identidade e o comportamento do ator, enquanto a possibilidade de livre arbítrio permite a mudança estrutural, não a mera reprodução. (Shannon, 2005)<sup>113</sup>*

---

O foco do argumento de Shannon está na agência. Embora, que Wendt nunca desfez da agência. Para ele a agência humana é importante ao longo do caminho, ou do processo de desenvolvimento do Estado Universal, mas segundo ele é cada vez mais limitada e habilitada pelos requisitos do reconhecimento universal.

---

*A agência humana é importante ao longo do caminho, mas é cada vez mais limitada e habilitada pelos requisitos do reconhecimento universal. (Wendt, 2003)<sup>114</sup>*

---

Crítica cada um do estágio que abordamos anteriormente sobre o Estado Universal, pois ao ser ver, Wendt, nas suas histórias do movimento de um estágio para o próximo desmentem suas próprias afirmações de teleologia, pois ele é forçado a confrontar a escolha de estados para progredir de um nível para a outro. Em vez de lidar com as opções complexas que a multidão de estados pode tomar, ele é forçado a assumir que todos os atores se comportariam de uma determinada maneira.

---

*As instabilidades da cultura hobbesiana podem ser resolvidas movendo-se para uma “sociedade de estados” (Bull, 1977) ou a cultura lockiana da anarquia (Wendt, 1999). Nesta cultura, os Estados reconhecem a soberania legal uns dos outros como súditos independentes, mas não dos cidadãos uns dos outros. (Wendt, 2003- p. 519)<sup>115</sup>*

---

Para ele Wendt, não respeita o final de cada uma das etapas de desenvolvimento do Estado Universal, e ele pula de uma para outra sem respeitar o livre arbítrio dos estados. Para Shannon, Wendt, desrespeita a sua própria ordem. Por exemplo do Estágio 4 ao

---

<sup>113</sup> Shannon, V. P. (2005). Wendt’s violation of the constructivist project: Agency and Why a World State is not Inevitable. *European Journal of International Relations*, 11(4), 581–587.

<sup>114</sup> Wendt, A. (2003). Why a World State is Inevitable. *European Journal of International Relations*, 9(4), 491–542.

<sup>115</sup> Wendt, A. (2003). Why a World State is Inevitable. *European Journal of International Relations*, 9(4), 491–542.

Estágio 5, Wendt sugere que os estados perderão a soberania para um estado mundial para as “memórias dolorosas” da vida sob a anarquia.

Esta citação introduz contingência, agência e escolha, violando a noção de inevitabilidade, uma vez que “escolha” e “se” e “deveria” são marcadores de agência e, portanto, resultados indeterminados. Se os estados tiverem escolha, Wendt deve admitir que tais estados podem optar por não criar um Estado Universal.

No estágio quatro, o sistema agora indivíduos e Estados, devem reconhecer a soberania uns dos outros e praticar a resolução não violenta de disputas, mas também devem se defender contra ameaças com base no princípio de “todos por um por todos”.

O sistema agora atingiu uma "cultura kantiana" de segurança coletiva ou "amizade" (Wendt, 1999: 298-9).<sup>116</sup> E ao passar para o Estágio cinco que é o último estágio de desenvolvimento, ele simplesmente argumentou que para a inevitabilidade de mais uma etapa deve começar com a instabilidade da segurança coletiva como uma solução para a luta pelo reconhecimento.

---

*Em primeiro lugar, porque a segurança coletiva é um sistema baseado em consenso no qual os estados retêm sua soberania, ela não teria o direito de impedir que um estado se separasse e se armasse para fins agressivos (Carson, 1988: 179-80).<sup>117</sup>*

---

Segundo Wendt, o argumento dos realistas, é que os problemas da ação coletiva tornam a segurança coletiva inadequada como um impedimento à agressão, quando é mais necessário, é mais provável que falhe. Segundo Wendt, se a sociedade de estados não desenvolve ele aponta não para um estado mundial, mas para a degeneração da anarquia de volta a uma cultura lockeana, se não para a “guerra de todos contra todos”.

---

*Mas os estados e as pessoas podem não compartilhar a visão lamentável do autor sobre a vida sob a anarquia. Certamente muitos sofreram com a guerra e o reconhecimento insuficiente, mas o suficiente para obrigar toda a humanidade a se submeter a um governo global?(Shannon, 2005)<sup>118</sup>*

---

---

<sup>116</sup> Wendt, A. (1999). *Social Theory of International Politics*. Cambridge University Press.

<sup>117</sup> Carson, Thomas (1988) ‘Perpetual Peace: What Kant Should Have Said’, *Social Theory and Practice* 14(2): 173–214.

<sup>118</sup> Shannon, V. P. (2005). *Wendt’s violation of the constructivist project: Agency and Why a World State is not Inevitable*. *European Journal of International Relations*, 11(4), 581–587.

Wendt afirma que o Estágio cinco virá porque um "retrocesso é menos atraente do que um movimento para frente". Segundo ele, precisamos de um argumento para saber por que o sistema necessita avançar do quarto estágio, para um Estado Mundial, em vez de voltar a formas mais primitivas de anarquia.

**Ele sugere três considerações:**

- O primeiro fator é uma memória coletiva de como era a anarquia antes da segurança coletiva;
- O segundo fator é se os Estados formaram uma identidade coletiva suficientemente profunda para defender uns aos outros, mesmo quando não são ameaçados, eles reconhecem de fato as obrigações mútuas e de seus cidadãos;
- Um terceiro fator é, portanto, crucial - a própria luta pelo reconhecimento. O reconhecimento que não é exequível, no final das contas não é realmente um reconhecimento, uma vez que depende da boa vontade e da escolha de quem reconhece.

---

*O reconhecimento genuíno significa que o reconhecido tem o direito de ser reconhecido e o Eu, portanto, tem um dever para com o Outro. O reconhecimento genuíno tem a ver com obrigação, não com caridade. (Wendt, 2003)*

*(Wendt, 2003-pag.523)*

---

Para Wendt, se a escolha for entre um mundo de ameaças crescentes como resultado da recusa em reconhecer totalmente os outros Versus um mundo em que seus desejos de reconhecimento são satisfeitos, parece claro qual decisão as grandes potências racionais devem tomar.

Segundo Wendt, quaisquer que sejam os problemas de responsabilidade em uma estatística mundial, eles parecem muito menos do que aqueles na anarquia.

Para Wendt, a alternativa para um Estado Mundial seria um mundo anárquico no qual os estados territoriais mantêm sua soberania. Se os estados mantêm a sua soberania, então eles tem capacidade de usar poder e a violência contra não-membros sem qualquer responsabilidade.

---

*Justificado ou não, a quem os Estados Unidos são responsáveis pelo recente assassinato de milhares de civis em Kosovo, Afeganistão e Iraque? Quaisquer que sejam os problemas de responsabilidade em uma estatística mundial, eles parecem muito menos do que aqueles na anarquia. (Wendt, 2003-pag.525)*

---

Para Wendt, sempre existe a possibilidade de degeneração de volta ao Estágio Dois ou mesmo Um, mas, segundo ele, esses resultados não são estáveis a longo prazo e, portanto, apenas nos levaram de volta ao Estágio Três. Por outro lado, existem boas razões para avançar em um compromisso de ajuda mútua.

Segundo Shannon, Wendt não permite a possibilidade de que a história humana seja ciclos de mudança não linear. Para Shannon, Wendt faz o seguinte caminho da trajetória teleológica. Em cinco etapas, o sistema evolui como tal: 12345 Ou, permitindo uma “degeneração” histórica ocasional, talvez seja assim: 121232345. Acaba por criticar essa evolução que Wendt descreve no seu argumento, porque passa de uma etapa para outra sem respeitar o livre arbítrio do atores do sistema internacional.

---

*Mas e se, devido a contingências relacionadas à ascensão e queda de diferentes atores com diferentes concepções de ordem, preferências e identidade, a história, ao contrário, refletir numerosos passos para frente e para trás, sem nada pré-determinado e o resultado incognoscível? A história pode ser assim: 1212321232143... infinitum (Shannon, 2005)<sup>119</sup>*

---

O ponto crucial do contra-argumento de Shannon é que a agência é necessária e negligenciada na formulação de Wendt. Há agência suficiente para permitir que sua concepção se desenrole de maneira plausível, mas não agência suficiente para permitir que os atores escolham outros futuros plausíveis.

Shannon não invalida um Estado Mundial, ele defende a visão de que é um futuro possível. Ou seja, existe a possibilidade de um Estado mundial, mas é uma tarefa “hercúlea” dada a primazia da soberania hoje, e isso exige muito esforço.

Para entender suas perspectivas, é preciso abraçar a agência e as complexas motivações dos atores estatais e não estatais. Wendt não faz isso. Em vez disso, ele afirma que um Estado Universal “emergirá quer alguém pretenda fazer isso”.

---

*Argumentei que um estado mundial emergirá, quer alguém pretenda criá-lo ou não. Uma vez que isso pode ser criticado por deixar de fora a agência humana, como conclusão, quero mostrar que esse não é o caso, nem no nível micro nem no nível macro. (Wendt, 2003- 529)*

---

Segundo Shannon, ao permitir tal desenvolvimento, no entanto, não determina seu resultado inevitável. Ele argumenta que a “inevitabilidade” pode inspirar os apoiadores a trabalhar para isso, mas se é inevitável, por que alguém precisa se preocupar?

---

<sup>119</sup> Shannon, V. P. (2005). Wendt’s violation of the constructivist project: Agency and Why a World State is not Inevitable. *European Journal of International Relations*, 11(4), 581–587.

---

*Em vez de afundar com o navio da soberania nacional, os estados devem tentar "conseguir o melhor acordo" possível na constituição global emergente, que aconselha a aceitação do direito internacional e a participação em instituições multilaterais. (Wendt, 2003- 530)*

---

O fato de ele fazer referência a esses atores “orientados globalmente” e que acreditam na inevitabilidade de um Estado Universal, mostra que a construção está nas mãos daqueles cujas identidades e crenças são tão inclinadas, sugerindo muitos outros que não são assim. Isso mostra evidentemente, que nem todos apoiaram o Estado Universal.

Para Shannon, isso exigirá persuasão e poder para construir uma ordem mundial tão radicalmente nova, e a teleologia encerra a discussão sobre as condições para um estado mundial, os requisitos de mudança trazidos por agentes deliberados. E para isso exigirá um grande esforço e dedicação por parte daqueles que apoiam um Estado Universal.

---

*Finalmente, revisita as possibilidades de um estado mundial e nos lembra que a anarquia não é inevitável. Mas ele comete o erro inverso, pois um estado mundial também não é inevitável. Se a anarquia é o que os estados fazem dela, isso deve permitir que os estados façam dela o que quiserem (Shannon, 2005).*

---

Segundo Shannon, os sistemas políticos mundiais são arenas dinâmicas de poder e identidade. A diversidade contínua de ideias e identidades garante que a agência seja importante e que o futuro esteja em jogo. Um estado mundial, embora potencialmente desejável, está longe de ser inevitável. Na medida do possível, é fazendo os agentes acreditarem no que Wendt argumentou. Essa é a tarefa, e não é pouca coisa.

---

*Em suma, a teleologia de nível macro não nega conceitualmente a agência individual nem a enfraquece na prática. Os seres humanos ditam a velocidade da formação do estado mundial e seu caráter, e mesmo que o escopo da agência seja de certa forma estreitado pelo processo, de outras maneiras será aprimorado. (Wendt, 2005)<sup>120</sup>*

---

Segundo o autor, mais positivamente, o pensamento teleológico traz três coisas para nossa compreensão da política mundial, uma consciência de como a agência de cada um de nós, todos os dias, contribui (ou não) para o eventual estado final do sistema; uma esperança de que um estado mundial será um dia uma realidade; e a crença de que, assim como os indivíduos, os coletivos também podem decidir seu próprio destino.

---

<sup>120</sup> Wendt, A. (2005). Agency, Teleology and the World State: A Reply to Shannon. *European Journal of International Relations* 11(4):, 589–598.

---

*Em contraste, a abordagem não teleológica de Shannon parece estranhamente enfraquecedora, consignando-nos ou ao fatalismo do realismo ou à contingência do liberalismo. Shannon e eu concordamos que aprimorar o arbítrio é o objetivo dos estudos de RI, mas enquanto ele vê a estrutura como sempre um limite para o arbítrio, eu a vejo contribuindo para a expressão mais completa do arbítrio. (Wendt, 2005)*

---

Embora Wendt insista que "a agência humana é importante", ele não reconcilia isso conceitualmente. Wendt fornece agência apenas com um "papel reduzido" no processo de alcançar o resultado inevitável de um Estado Mundial através da "realização múltipla" da agência. Mas, se o arbítrio tiver carta-branca, ou seja, se tiver a liberdade total para tomar decisões referente a elaborar o futuro, esse futuro deve ser contingente e aberto. E não pode ser imposto por nada e nem ninguém, pois os atores possuem o seu livre arbítrio e liberdade de escolha.

## 6.2 Conclusão e discussão

A pergunta orientadora da nossa investigação, introduzida e explicada no início deste trabalho, era a seguinte: "O Estado Universal Segundo Wendt é inevitável?".

Perante a questão identificada, apresentámos três hipóteses de trabalho e propusemos a tomar posição favorável sobre, pelo menos, uma das opções e a rejeitar as restantes. "O Estado Universal segundo Alexander Wendt: Utopia, Possibilidade ou Inevitabilidade"?

Se for caso disso, tendo em conta a reflexão feita ao longo do trabalho e as conclusões decorrentes do mesmo. Eis as hipóteses de trabalho apresentadas:

A) Que pensar no Estado Universal é uma visão utópica, que está fora da realidade do sistema internacional e que a lógica da anarquia será sempre de conflito e guerra sem fim;

B) Que pensar no Estado Universal, pode vir a ser uma possibilidade, mas com um caminho longo a percorrer e exige esforço e uma força motivadora para levar esse objetivo adiante;

C) Que pensar no Estado Universal é uma inevitabilidade, que mesmo que demora algum tempo é inevitável que venha a existir. Que o Sistema Político Internacional está caminhando para o estágio final, o Estado Universal;

Aqui chegados e tendo em consideração tudo o tem vindo a ser exposto, ao longo do presente trabalho, consideramos que são de validar as hipóteses B) de rejeitar as hipótese A) e C).

Relativamente à hipótese A) – Inválida

Relativamente à hipótese B) – Válida

Relativamente à hipótese C) – Invalida

As razões pelas quais optámos pelas opções referidas são as seguintes:

- Para os realistas, os estados nunca podem estar 100% certos sobre as intenções dos outros estados. Essa “ideia” faz com que os Estados se percebam como “inimigos”. E como já vimos, essa é a pior relação que possa existir entre os estados. Para os realistas, o poder é a chave de sobrevivência, que o ser humano está sempre em busca de poder e dominação.
- À hipótese A) é inválida, porque se colocarmos sempre no papel de inimigo, então, esperamos os piores resultados do sistema, que a guerra será sempre a forma de resolver os problemas da humanidade. Essa visão é perigosa, devido ao facto da visão realista, acreditam que a arena internacional, será sempre um sistema anárquico e que os estados procuram sempre tirar vantagens uns dos outros. Ficam apenas focados em interesses egoístas e individualistas, em vez de pensar no bem da humanidade e em solucionar os problemas globais.
- À hipótese C) é inválida, porque nada é inevitável no sistema político internacional. O sistema pode avançar ou retroceder, mas nunca ser uma inevitabilidade. Wendt, argumenta que para o Estado Universal, ser alcançado os estados abrirão mão da sua soberania.

Ou seja, os estados perderam a sua liberdade de escolha, por um poder comum global, por causa das consequências ruins da anarquia. O próprio Wendt, acaba violando a noção de inevitabilidade. Uma vez que, os estados tem seu livre arbítrio, não pode avançar de um estágio para outro sem respeitar as evoluções do sistema. Se pensarmos na inevitabilidade do Estado Universal, isso quer dizer que o sistema por si só chegará nesse ponto final e não precisamos fazer nenhum esforço.

- Relativamente à hipótese B) está válida. Não que invalidamos os estágios de desenvolvimento de um estado mundial de Wendt, mas rejeitamos a noção de inevitabilidade, uma vez que o sistema não é estático, está sempre em evolução

e nada é inevitável quando se trata de relações políticas internacionais. Apenas defendemos a visão de que num futuro será possível. Ou seja, existe a possibilidade de um Estado mundial, mas é uma tarefa “hercúlea”, extremamente difícil, dada a primazia da soberania hoje, e isso exige muito esforço. E principalmente, dos estudantes e investigadores do sistema político Internacional, para levar esse objetivo até o final. Temos um papel fundamental no avanço do Estado Universal.

## 7 Bibliografia

- Alexander Wendt. (1995). *Constructing International Politics*. Source: *International Security*, Vol. 20, No. 1. The MIT Press. <http://www.jstor.org/stable/2539217> .
- Brian C. Rathbun. (2010). *Is anybody not an (international relations) liberal From: Security Studies 19, no. 1.*
- Brooks, Stephen G., & Wohlforth, W. C. (2008). *World Out of Balance INTERNATIONAL RELATIONS AND THE CHALLENGE OF AMERICAN PRIMACY*. Princeton University Press.
- Brooks, Stephen G, & Wohlforth, W. C. (2016). *The Rise and Fall of the Great Powers in the Twenty-first Century*. 24(1), 7–53. <https://doi.org/10.1162/ISEC>
- Carr, E. H. (2016). *The Twenty Years' Crisis, 1919-1939: Reissued with a new preface from Michael Cox.*
- Carr, Edward Hallett. (1964a). *The realist critique. From: The Twenty Years' Crisis, 1919–1939: An Introduction to the Study of International Relations, 2nd ed.* New York: Harper, 1964.
- Carr, Edward Hallett. (1964b). *The Twenty Years' Crisis, 1919–1939: An Introduction to the Study of International Relations, 2nd ed.* New York: Harper, 1964.
- COUTO, A. C. A. C. C. (1980). *Elementos de Estratégia. Apontamentos para um curso* (Vol. 1).
- Diana Panke; Thomas Risse. (2007). *International Relations Theories. Discipline and Diversity*. OXFORD UNIVERSITY PRESS.
- Dunne, T. (2017). *Realism. The globalization of world politics. An introduction to international relations*. In Baylis, J. & Smith, S. & Owens. OXFORD UNIVERSITY PRESS.
- Elman, C., & Jensen, M. A. (2014). *Realism Reader* (C. Elman & M. Jensen (eds.); illustrate). Routledge, 2014.
- Gaspar, C. (2011). O Futuro da Comunidade de Segurança Transatlântica. In *IDN Cadernos nº 5*.
- Gaspar, C. (2016). *O Pós-Guerra Fria* (Tinta-da-c).
- Gaspar, C. (2019). *O Regresso da Anarquia. Os Estado Unidos, a Rússia, a China e a ordem internacional* (A. Editores (ed.)).
- Gaspar, C. (2022a). “ *A invasão da Ucrânia põe em causa as relações entre as principais potências .* ”
- Gaspar, C. (2022b). *Entrevista a Carlos Gaspar : " A aliança entre a Rússia e a China vai reforçar a aliança entre os Estados Unidos e a Europa "*.
- Gaspar, C. (2022c). *O “11 de Setembro” europeu.*
- Gordon, P. H. (2003). The Crisis in the Alliance. *The Brookings Institution*. <https://www.brookings.edu/research/the-crisis-in-the-alliance/>
- Ikenberry, G. J., & Wendt, A. (1999). Social Theory of International Politics. *Foreign Affairs*, 78(6), 142. <https://doi.org/10.2307/20049552>
- ISN. (2013). The Future of the State : Is A World State Inevitable ? The Future of the State : Is A World State Inevitable ? *ISN, Center for Security Studies (CSS), ETH Zurich, Switzerland, December 2012*, 8–11.
- Jervis, R. (2009). *UNIPOLARITY A Structural Perspective*.
- John J. Mearsheimer. (2006). *China's unpeaceful rise*. *Current History* 105, no. 690.
- K. M. Fierke. (2007). *Stengel, Frank A. “International Relations Theories. Discipline and Diversity.” (2007): 795-797.* (OXFORD UNI).
- Kagan, R. (2002). *Power and Weakness. Policy Review*.

- Kenneth Waltz. (1990). *Waltz\_Realist\_Thought\_and\_Neorealist\_Theory.pdf*.
- Kirshner, J. (2012). The tragedy of offensive realism: Classical realism and the rise of china. *European Journal of International Relations*, 18(1), 53–75. <https://doi.org/10.1177/1354066110373949>
- Layne, C. (1994). *Kant or cant The myth of the democratic peace. From: International Security* 19.
- Layne, C. (2006). *The Unipolar Illusion Revisited. The Coming End of the United States*.
- Marcos, D. (2022). *A guerra na Ucrânia e o futuro da NATO*.
- Mearsheimer, J. (1994). *The false promise of international institutions International Security*, 19.
- Mearsheimer, J. J. (2001). *Future of American Pacifier. Foreign Affairs* 80, no 5 (September/October 2001).
- Moravcsik, A. (1997). *Seriously, Taking preferences Politics, A liberal theory of international, From: International Organization* 51, no. 4.
- Philip Gordon; Jeremy Shapiro. (2004). *Allies at War. The Transatlantic Split*.
- Posen, B. R. (2006). European Union Security and Defense Policy: Response to unipolarity? *Security Studies*, 15(2), 149–186. <https://doi.org/10.1080/09636410600829356>
- Randall L. Schweller; Xiaoyu Pu. (2011). *After Unipolarity. China's Visions of International Order in an Era of U.S. Decline*. The MIT Press.
- Ruble, Alexander J. Motyl, Lilia Shevtsova, B. A. (2005). *Russia's Engagement with the West: Transformation and Integration in the Twenty-First Century*.
- Schoorl, L. (2022). *An analysis of Alexander Wendt's constructivist approach to anarchy. March*, 1–3. <https://www.researchgate.net/publication/359365135>
- Shannon, V. P. (2005). Wendt's violation of the constructivist project: Agency and Why a World State is not Inevitable. *European Journal of International Relations*, 11(4), 581–587. <https://doi.org/10.1177/1354066105057903>
- Taliaferro, J. W. (2001). Security Seeking under Anarchy Defensive Realism Revisited. *International Security*, 25(3), 128–161. <https://doi.org/10.1162/016228800560543>
- Tim Dunne, Milja Kurki, S. S. (2007). *International Relations Theories: Discipline and Diversity* (OXFORD UNI).
- Waltz Kenneth. (1979). *Political Structures*.
- Weiss, T. G. (2012). What Happened to the Idea of World Government? *Thinking about Global Governance: Why People and Ideas Matter*, 53(2), 66–86. <https://doi.org/10.4324/9780203807057-12>
- Wendt, A. (1992a). *Anarchy is what states make of it: The social construction of power politics*. The MIT Press.
- Wendt, A. (1992b). *Wendt\_Anarchy\_is\_What\_States\_Make\_of\_it.pdf*.
- Wendt, A. (1999). *Social Theory of International Politics*. Cambridge University Press.
- Wendt, A. (2003). Why a World State is Inevitable. *European Journal of International Relations*, 9(4), 491–542. <https://doi.org/10.1177/135406610394001>
- Wendt, A. (2005). Agency, Teleology and the World State: A Reply to Shannon. *European Journal of International Relations* 11(4):, 589–598. [doi:10.1177/1354066105057906](https://doi.org/10.1177/1354066105057906)
- Wohlforth, W. C. (1999). *The stability of a unipolar world. International Security* 24, no. 1 (Summer 1999):

